

GARTH NIX

A SETIMA TORRE I

A QUEDA



SCHOLASTIC

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A SÉTIMA TORRE I

A Q UEDA

Garth Nix

Para minha família e meus amigos, com um agradecimento especial a David Levithan, um arquiteto muito importante na construção da Sétima Torre.

SINOPSE

Tal viveu toda a sua vida na escuridão. Nunca saiu de seu lar, um misterioso castelo de sete torres, e não percebe a ameaça que irá separá-lo de sua família e de seu mundo.

Mas Tal não pode ficar a salvo para sempre. Quando chega o perigo, ele precisa desesperadamente escalar a Torre Vermelha para roubar uma Pedra-do-Sol. Ele alcança o topo mas...

... Cai num estranho e desconhecido mundo de guerreiros, navios no gelo e magia oculta. Lá, Tal faz um inimigo que irá salvar sua vida - e que possui a chave de seu futuro.

PRELÚDIO

Tal esticou a mão e se ergueu até a próxima ponta de ferro da Torre Vermelha. Parou para tomar fôlego e olhou para baixo, em direção às luzes cintilantes que contornavam as principais edificações do Castelo. Elas estavam muito longe, e a altura o deixou meio tonto. Rapidamente ele olhou de novo para cima.

O vento era muito mais forte do que imaginara. Uivava ao redor da Torre Vermelha e, em seguida, rodopiava pelas outras seis torres antes de voltar ainda mais forte. Estava esfriando muito, e a escalada tornava-se cada vez mais difícil. Mas a Pedra-do-Sol de Tal fazia o frio ser suportável.

Tal demorou duas horas para subir até o lugar onde agora descansava — uma escalada difícil, por entre as pontas de ferro, gárgulas e incrustações que cobriam a torre. Agora, estava a apenas quatro trechos do ponto onde a torre parecia terminar repentinamente, de encontro ao manto de escuridão total que se estendia pelo céu.

Era o Vêu, a estranha barreira que mantinha o mundo todo nas trevas, impedindo a entrada da luz do sol.

Não que estivesse completamente escuro ao redor de Tal. Como na maior parte do Castelo, a Torre Vermelha era iluminada por pequenas Pedras-do-Sol presas nas paredes e nos tetos. A luz dessas Pedras-do-Sol saía pelas janelas, e assim Tal conseguia enxergar por onde subir. As outras seis torres também resplandeciam com a luz, em feixes brilhantes cruzando o céu.

A luz produzia muitas sombras bruxuleantes do lado de fora. Todas as gárgulas e bordas decorativas projetavam uma sombra escura sobre o vermelho ocre da torre. E havia também a própria sombra de Tal. Como acontecia com todos os Escolhidos do Castelo, ela não reproduzia a forma de seu corpo. A sombra que se movia junto com ele fluía e se transformava. Às vezes tinha a forma comum de um garoto de treze anos, às vezes parecia um gato ou um Corvil de duas cabeças, ou alguma coisa tão fluida que não era possível descrever.

Pois a sombra de Tal não era aquela com que ele tinha nascido. Era uma sombra-guardiã, uma criatura mágica de Aenir, o reino dos espíritos. Havia sido destinada a Tal quando ele nascera, para substituir a sua sombra natural e era encarregada de protegê-lo e ajudá-lo. Isso era muito bom, pensava Tal, afinal já era bastante ruim ver no espelho o seu corpo desengonçado e seu cabelo desgrenhado. Sentia-se aliviado por não ter uma sombra deles seguindo-o por toda parte.

A sombra-guardiã não mostrava que Tal era menor do que a maioria dos outros garotos de sua idade. Ou que seu sorriso ligeiramente torto fazia, achava ele, com que parecesse um pouco estúpido. Ninguém pensava assim, mas isso incomodava Tal. Costumava ficar horas se exercitando em frente ao espelho, tentando endireitar aquela crispação do lado esquerdo.

Ele não se importava que a sombra-guardiã fosse apenas um dos espíritos mais fracos de Aenir, um servo de criança. Quando completasse treze anos e três quartos, dentro de dois meses, ele próprio iria entrar em Aenir e capturar um verdadeiro Espírito-Sombra para servi-lo.

Isso, se fosse capaz de entrar em Aenir. Tal segurou com força a pequena Pedra-do-Sol na corrente de prata em seu pescoço, sentindo o calor dela penetrar em suas mãos geladas. Para entrar em Aenir, precisava de uma Pedra-do-Sol Original. Não apenas para si mesmo, mas também para sua mãe e para seu irmão e sua irmã mais novos.

Desde que a mãe adoecera, e o pai e a Pedra-do-Sol da família tinham desaparecido misteriosamente, Tal teve que assumir, de uma hora para outra, a responsabilidade de cuidar da família. Não estava preparado para isso, mas não tinha escolha. Precisava esconder seu medo bem no fundo de si mesmo e mantê-lo lá. Tinha que ser forte, mesmo que não soubesse de onde tirar essa força.

Queria que seu pai voltasse. Queria que sua mãe ficasse boa. Mas ele os perderia para sempre se fracassasse agora.

Para salvar sua família, precisava conseguir uma nova Pedra-do-Sol. Uma que fosse poderosa, não aquela pedra de criança que carregava no pescoço. Tal respirou fundo e enfiou de novo a pedra embaixo da camisa. Tinha que continuar subindo. Ultrapassar o Véu. Alcançar a plena luz do sol.

É claro que já tinha visto a luz do sol. Ele a vira várias vezes em Aenir, o mundo dos espíritos. Mas lá, ela era mais suave, menos brilhante. Apenas uma vez Tal tinha visto o verdadeiro sol. Quando estava com dez anos, levaram sua turma lá para cima, para além do Véu, e mostraram as Pedras-do-Sol sendo cultivadas em redes prateadas penduradas nas torres. Estava nublado, mas mesmo assim todas as crianças tiveram os olhos cobertos por suas sombras-guardiãs. Pedras-do-Sol podiam captar a luz solar, mas mesmo a mais poderosa não era capaz de se comparar à intensidade e ao brilho do próprio sol.

Naquela ocasião, eles tinham subido pelas escadas, por dentro da Torre Laranja. Tal nunca tinha pensado que um dia iria escalar uma delas... para roubar uma Pedra-do-Sol.

— Roubar uma Pedra-do-Sol — repetiu para si mesmo. Era o último recurso, a única saída que ele via para poder se salvar e a sua família. Tudo o mais já havia sido tentado.

E era também a coisa mais arriscada que podia imaginar. Foi uma escalada bem difícil só para chegar aonde estava, mas isso não era nada. Do outro lado do Véu, haveria guardas e armadilhas — poderosos Espíritos-Sombra que podiam destruir sua sombra-guardiã num segundo e capturá-lo. Era possível até mesmo haver outros Escolhidos, membros da Ordem Vermelha, que ficariam muito satisfeitos em agarrar um garoto da Ordem Laranja rival. Seria a Câmara dos Pesadelos ou coisa pior, e uma desgraça para sua família...

Tal balançou a cabeça e recomeçou a subir. Alcançou uma gárgula bem abaixo do Véu e, quase contra a sua vontade, agachou-se para não alcançar logo a escuridão que pairava acima da sua cabeça. Era quase como estar debaixo d'água olhando para cima, pensou Tal, a diferença é que havia escuridão em vez de claridade. Por fim, esticou a mão para cima, para dentro do Véu, e sentiu um arrepio ao vê-la desaparecer. Mas ainda conseguia senti-la. Ela ainda estava lá.

Tal ficou de pé. No mesmo instante, foi cercado por uma escuridão total. Começou a respirar com dificuldade, seus pulmões pareciam se contrair. Não estava conseguindo ar suficiente! A escuridão sugava todo o seu ar.

Mergulhou de volta para a confortável penumbra com os feixes de luz que vinham das torres. Segurava a Pedra-do-Sol, que agora brilhava intensamente. Bem depressa, Tal olhou fixamente para ela e a luz se apagou. Ele não queria chamar atenção. E logo depois que a sua Pedra-do-Sol tinha se apagado, um grito abafado ecoou lá debaixo. Por um segundo, Tal pensou ter sido descoberto e se encolheu junto à parede da torre. Em seguida, se deu conta de que aquilo não havia sido o grito de um guarda ou o guincho agudo e inumano de um Espírito-Sombra. Parecia mais um grito de socorro.

O grito ecoou outra vez e Tal sentiu um estranho frio na barriga. Conhecia aquela voz!

Rapidamente, olhou para baixo. A uns duzentos trechos, avistou o que parecia ser uma camisa branca, com detalhes em laranja. Era o mesmo tipo de camisa que Tal usava: um uniforme de criança, branco, com as mangas e os punhos da cor de sua ordem. Alguém o havia seguido.

Só podia ser Gref, seu irmão mais novo, um fora-da-lei de nove anos, que tentava fazer tudo o que o irmão mais velho fazia. Tal reconheceu sua voz e a pequena e frágil Pedra-do-Sol.

— Se me tocar, Tal vai explodir você em pedaços! Vá embora! Vá...

Subitamente, a voz de Gref se calou. Por um instante, Tal pensou que o irmão tinha caído, e seu próprio coração parecia ter parado de bater.

Mas Gref não caíra. Havia sido apanhado por um enorme Espírito-Sombra, que tinha a forma imprecisa de um Borzog, uma criatura há muito extinta. Tinha pelo menos quatro trechos de altura e ombros larguíssimos. Seus braços se estendiam até abaixo dos joelhos e as duas presas em sua mandíbula inferior eram do tamanho das mãos de Tal. Sob a luz que vinha da torre, ondulava, na escuridão quase total, uma coisa de contornos e feições indefinidos.

A coisa mantinha Gref debaixo de um dos braços e havia puxado sua sombra-guardiã sobre o rosto do menino como uma mordança. Não havia sinal algum do Escolhido a quem o Espírito-Sombra servia. Mas a quem quer que a coisa servisse, estava levando Gref de volta, provavelmente para o balcão da torre mais abaixo, onde Tal havia começado sua subida.

Tal hesitou. Queria salvar Gref, mas sabia que seria apanhado também. Isso não iria ajudar ninguém, nem a eles, nem a sua família. Como antes, sua única chance estava lá em cima, com as Pedras-do-Sol. Tal enfrentou o Vêu mais uma vez. Tinha cometido um erro ao penetrá-lo muito devagar. Dessa vez, precisava chegar lá em cima, conseguir um apoio e subir através do Vêu o mais rápido possível.

Respirou fundo várias vezes e levantou-se rápido, com as mãos estendidas acima da cabeça. Seus dedos roçaram numa pedra e, em seguida, sentiu alguma coisa em que poderia se agarrar. Um instante depois, sua cabeça penetrou no Vêu.

Mais uma vez, a escuridão era total. Mas agora Tal estava preparado para ela. Ergueu-se por sobre a gárgula seguinte e estendeu a mão, à procura de outro apoio. Achou um, subiu novamente e, em seguida, repetiu a operação.

Ainda não havia saído do Vêu e começou a ficar sem ar. Hesitante, respirou lentamente. Deu certo, mas o medo de não ser capaz de respirar foi logo substituído por outro temor. E se estivesse perdido no Vêu? Talvez fosse impossível atravessá-lo, a não ser por dentro de uma das torres. Talvez estivesse preso dentro do Vêu para sempre!

Passou a subir mais rápido, sem se importar que suas mãos estivessem arranhadas e seus joelhos feridos. Por diversas vezes quase caiu, mas isso não o assustou tanto quanto a idéia de ficar dentro do Vêu. Ele tinha que sair dali.

De repente, deparou com o oposto exato da escuridão. Tal gritou quando a luz ardente do sol atingiu seus olhos. Mais uma vez quase caiu, mas a sombra-guardiã já flutuava de um lado para outro de sua cabeça, sombreando seus olhos com aquela estranha substância que podia ser tão leve como o ar, tão fluida como a água e tão sólida como o corpo humano.

Tal permaneceu meio dentro, meio fora do Vêu, enquanto a ardência ia lentamente desaparecendo de seus olhos. Ele podia sentir a sombra-guardiã em sua testa, e o desconhecido calor do sol em seu rosto.

Vagarosamente, abriu os olhos e olhou ao redor. Havia um pedaço de céu azul bem acima

dele, estranho e hostil, se comparado com a suave escuridão do céu abaixo do Véu. Em volta desse pedaço de céu, havia nuvens pesadas e cinzentas, algumas já sendo carregadas pelo vento, trazendo uma promessa de neve. Bem no meio do azul estava o sol, tão brilhante que ele não conseguia olhá-lo diretamente. O sol dava a impressão de ser perigoso, irradiando tanta luz e calor que Tal sentia como se ele próprio pudesse de repente pegar fogo.

A Torre Vermelha, como todas as outras, continuava a se elevar para o céu. Mas agora, em vez de gárgulas, pontas de ferro e entalhes, as paredes da torre estavam cobertas de compridas hastes de bronze que se projetavam para fora, tão grossas quanto a cintura de Tal. Redes de malha prateada pendiam da maioria das hastes.

E nessas redes estavam as Pedras-do-Sol. Tal sabia que elas se originavam de pequenas jóias trazidas de Aenir, o reino dos espíritos, mas ainda não aprendera como eram cultivadas.

Tampouco desejava saber. Não naquele momento. Tudo o que queria era continuar subindo, porque as pedras mais poderosas estariam ainda mais alto.

Lentamente, Tal foi se sentindo mais relaxado fora do Véu e se agachou na saliência de pedra, ficando o mais próximo possível da parede. Não estava vendo nenhum Espírito-Sombra ou outros Escolhidos. No entanto, havia um balcão mais estreito um pouco acima, e alguém podia estar ali, ou ainda no caminho que seguia ao redor do topo da torre, cerca de cem trechos acima dele.

— Sombra-guardiã, sombra-guardiã, consiga-me uma capa tão vermelha quanto a torre — sussurrou Tal. Ao mesmo tempo, concentrou-se em sua Pedra-do-Sol para que ela brilhasse com a mesma cor vermelha das paredes da torre. Sentiu a sombra-guardiã 14 se movendo e viu um dedo longo e fino de escuridão esticar-se e tocar sua pedra. Imediatamente, a cor da pedra foi tingindo a sombra até que esta também ficasse vermelha. Em seguida, Tal sentiu sua sombra-guardiã que se estendia em suas costas, descendo até seus tornozelos.

Em poucos segundos, Tal estava envolto num manto com capuz, exatamente do mesmo tom de vermelho das paredes da torre. Se fosse subindo bem devagar e não fizesse muito barulho, ficaria quase invisível.

Cuidadosamente, iniciou a subida. As hastes de bronze eram escorregadias, mais difíceis de segurar do que as saliências de pedra abaixo, mas eram mais próximas umas das outras. Tal podia usá-las como degraus, movendo-se ao redor da torre à medida que ia subindo.

Estava quase alcançando o balcão, quando olhou para cima e viu uma cabeça horrenda sobre o parapeito, com dentes fixamente para ele. Era a cabeça grotesca e assustadora de um Espírito-Sombra, com múltiplos olhos e uma boca que se espalhava por toda a largura do rosto, com várias fileiras de dentes pequenos mas muito afiados. Era um dos maiores Espíritos-Sombra que já tinha visto, e isso significava que era um dos mais poderosos. Poderoso demais para estar a serviço de um dos Vermelhos, pois eles eram a mais fraca das ordens.

Tal ficou imóvel, na esperança de que a coisa não o tivesse visto.

Manteve-se imóvel pelo que pareceu ser alguns minutos. Nuvens encobriram o sol lá em cima e subitamente escureceu ainda mais, tornando o Espírito-Sombra mais difícil de ser visto. Tal continuou inteiramente quieto, quase sem respirar. Seu coração batia tão forte que ele tinha certeza de que o Espírito-Sombra podia ouvi-lo.

Nesse momento, começou a nevar. Flocos de neve caíam, mas eram apanhados pelo vento ao redor das torres e arremessados para os lados, em rajadas bruscas.

Tal sabia o que era a neve. Ele a tinha visto muitas vezes através das janelas de vidro triplo do Caminho Exterior. Mas nunca estivera fora do Castelo antes. Nunca sentira a neve.

Um floco pousou-lhe no nariz, frio e logo subitamente molhado.

Ele espirrou.

Lá em cima, o Espírito-Sombra emitiu um som e se debruçou sobre o parapeito. Tal prendeu a respiração, mas era tarde demais. A coisa já o tinha visto e curvou-se ainda mais, revelando um corpo semelhante ao de uma serpente, comprido, liso e sinuoso. Por um segundo, Tal pensou que a criatura fosse atacá-lo de modo fulminante, mas o Espírito-Sombra começou lentamente a se desenrolar para baixo, em sua direção. Os olhos da criatura, pontos negros mais escuros do que o resto de seu corpo de sombra, estavam firmemente fixos nele.

Tal lutava contra a sensação de que seria capturado e levado diante do Lumenor dos Vermelhos e, em seguida, para a Câmara dos Pesadelos. Ele nunca conseguiria uma Pedra-do-Sol Original e em pouquíssimo tempo seria rebaixado às fileiras do Povo Inferior. E lá, não poderia ajudar sua mãe, Gref ou Kusi.

Mas o Espírito-Sombra não tentou capturá-lo. De repente, a coisa lançou-se para frente e sua boca de dentes pontudos se abriu tanto que seria capaz de arrancar a cabeça de Tal com apenas uma mordida.

A sombra-guardiã o empurrou para tirá-lo do alcance do Espírito-Sombra. Apesar do choque, Tal instintivamente se agarrou a uma haste e cruzou as pernas em volta dela.

De cabeça para baixo, arregalou os olhos quando a criatura recuou para preparar um novo ataque. Sua sombra-guardiã estava emitindo um silvo estridente — um sinal de alerta — enquanto se transformava numa sombra do tamanho de um garoto e empurrava Tal.

Tal se arrastou ao longo da haste de bronze em direção às redes com as Pedras-do-Sol. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Espíritos-Sombra não podiam ferir um dos Escolhidos!

O Espírito-Sombra riu, em sua gargalhada horrível e aguda, que atravessou o assombro de Tal e o fez endireitar-se e se afastar mais ao longo da haste. Em seguida, o Espírito-Sombra falou, assustando Tal ainda mais. Espíritos-Sombra podiam falar, ao contrário das sombras-guardiãs, mas nunca faziam isso em público. Só falavam com seus senhores, em particular.

— Não procure os tesouros do sol — disse o Espírito-Sombra, sua voz soando como unhas arranhando pedras. — Sou a sentinela e ninguém pode passar por aqui, a não ser aqueles que conhecem as palavras.

— Palavras? — murmurou Tal, enquanto tentava freneticamente ir mais longe. Ele não conhecia nenhuma palavra, pelo menos não as que poderiam ser úteis ali. Nunca ouvira falar na sentinela. Com certeza, o senhor da criatura iria aparecer no balcão e acabar com aquilo!

O Espírito-Sombra se enroscou completamente na outra extremidade da haste de bronze em que Tal estava agarrado. A sua sombra-guardiã equilibrava-se atrás dele, assumindo a forma de uma criatura de quatro patas com garras e muitos dentes. Tentaria protegê-lo, mas Tal sabia que ela era muito pequena e fraca para deter o Espírito-Sombra por mais do que alguns segundos.

Olhou para trás e sentiu o pânico crescendo de novo dentro dele.

O Espírito-Sombra soltou um guincho e vagarosamente começou a serpentear em direção à outra extremidade. Parecia não ter pressa de pegar Tal, embora sua boca se movesse para frente e para trás como se estivesse mastigando.

— Socorro! — berrou Tal, e alguns flocos de neve caíram em sua boca. Ele não se importava se alguém aparecesse agora, ou se fosse condenado a ficar, por um bom tempo, na Câmara dos Pesadelos, ou se fosse imediatamente rebaixado para o mundo do Povo Inferior. Qualquer coisa seria melhor do que enfrentar a criatura que avançava pouco a pouco em sua direção. — Socorro!

— As torres estão silenciosas, exceto por mim e por você — disse o Espírito-Sombra. A coisa arqueou seu longo corpo para frente num movimento repentino que fez Tal saltar para uma das redes. Freticamente, ele tentava ficar de pé, mas tudo o que conseguiu foi rolar.

Um de seus pés atravessou a malha e ficou preso, fazendo chover Pedras-do-Sol pelo buraco. Tal se inclinou para frente e tentou soltar o pé, ignorando as Pedras-do-Sol que estavam por toda parte ao seu redor.

Mal ficara livre, o Espírito-Sombra o atacou. Tal se encolheu, ofegante, mas ele não era o alvo. Sua sombra-guardiã soltou um grito agudo quando a coisa a abocanhou. Imediatamente perdeu sua forma felina e começou a se transformar tão rapidamente que Tal não conseguia acompanhar o processo. Transformou-se num Morlyx, num menino, num Toppet, num monstro com cabeça de pássaro, em seres de todos os feitios e tamanhos. Não importava no que se transformasse, não conseguia se livrar daqueles terríveis dentes e daquelas mandíbulas trituradoras. Por fim, o Espírito-Sombra a jogou para o lado, deixando-a dependurada para fora da rede, uma massa disforme de sombra.

Tal conteve o choro. Sua sombra-guardiã sempre estivera com ele, seguindo-o de perto o tempo todo, livrando-o de grandes e pequenos problemas. Agora havia sido destruída em poucos segundos.

Ele não conseguia acreditar que isso estava acontecendo. Espíritos-Sombra não destruíam sombras-guardiãs. Não podiam ferir os Escolhidos. A menos que, pensou de repente, todas as regras fossem diferentes do outro lado do Véu...

— Eu devoro tanto a sombra quanto a matéria — disse o Espírito-Sombra, enquanto se levantava para trás e erguia a cabeça bem acima de Tal. A neve rodopiou atrás da criatura como um manto branco. Tal podia ver, dentro da enorme boca, todas as fileiras de dentes. Havia pedaços de roupas e outras coisas presas nos dentes, e também um terrível cheiro de podre.

Naquele momento, Tal percebeu que aquela coisa havia matado antes. E iria matá-lo também. Não fazia diferença se ele era um dos Escolhidos do Castelo, um Portador de Luz da Ordem Laranja, um Mestre-das-Sombras em potencial.

Quando a coisa atacou, Tal pulou para fora da rede.

Ao cair, foi apanhado por uma rede logo abaixo. Por um brevíssimo segundo, pensou que estava salvo, mas o impacto da queda fez com que fosse arremessado junto com um punhado de Pedras-do-Sol, longe demais para ser amparado por qualquer uma das outras redes.

Tal viu a torre rodopiando acima dele, enquanto caía velozmente, junto com as nuvens e o redemoinho de neve e Pedras-do-Sol. O vento arrastava tudo, o garoto, a neve e as Pedras-do-Sol, carregando-os cada vez mais para longe e para fora, afastando qualquer chance de que as outras redes pudessem deter a queda.

Quando atingiu o Véu, tudo ficou escuro. Sua mente, dominada pelo medo, começou a escurecer também. Ele teve apenas um instante antes de ficar inconsciente, tempo o bastante para atravessar o Véu e ver as luzes cintilantes do Castelo lá embaixo. E tempo para pensar somente numa coisa: Por que fui tentar roubar uma Pedra-do-Sol?

PARTE UM: ANTES

Capítulo 1

A busca de Tal por uma Pedra-do-Sol começou no dia em que seu pai desapareceu. Oito dias depois, essa busca o conduziria à Torre Vermelha, às redes e ao terrível Espírito-Sombra.

Toda a sua vida de Escolhido tinha se transformado num único dia, até então comum, quando o Professor Roum o chamara para fora do Lectorium durante uma aula e dera-lhe a trágica notícia.

— Seu pai desapareceu e acredita-se que esteja morto.

A princípio, Tal conteve as lágrimas, mas elas brotaram livremente enquanto ele corria pelos corredores luminosos e descia a Escadaria Laranja até a residência de sua família. Tentou enxugá-las enquanto corria, ignorando os olhares insistentes de outros Escolhidos da Ordem Laranja e os de relance do Povo Inferior. Não podia ser verdade.

Tal não podia acreditar que o pai estivesse morto. Estava desaparecido, mas isso não era a mesma coisa. O Professor Roum não fora capaz de lhe dar nenhum detalhe, pois tudo o que se sabia era que Rerem não tinha retornado de uma missão para a Imperatriz nas profundas cavernas debaixo do Castelo.

Ele pode estar perdido lá embaixo, pensou Tal, imaginando seu pai, forte e poderoso, em apuros na escuridão. Mas encontrará o caminho de volta. Amava muito Tal, seu irmão, sua irmã e sua mãe para abandoná-los. E era forte demais para ser morto.

Junto à porta assinalada com o brasão de sua família — uma fera-sthil saltando sobre uma estrela de sete pontas —, Tal parou e secou as lágrimas com cuidado. Ele tinha que ser um líder. Na frente deles, não devia agir como um menino chorão, mas como um jovem Escolhido, forte o bastante para ajudar. Foi isso que o pai lhe dissera antes de partir.

— Tal, você precisa cuidar de sua mãe, de Gref e de Kusi enquanto eu estiver fora. Conto com você.

Como poderia saber quanto tempo ficaria fora? Como poderia saber o quanto essas palavras seriam importantes para Tal?

Tal respirou fundo várias vezes e, em seguida, entrou em casa. Na área externa, um criado do Povo Inferior retirou seu uniforme escolar e o ajudou a vestir a túnica branca com detalhes em laranja que ele usava em casa. Tal mal reparou que era um novo criado, e um bastante desajeitado.

Os criados eram designados para as famílias pelo Representante Lumenor da Ordem Laranja. Por alguma razão, desde que o pai de Tal havia partido na misteriosa missão, os seus criados estavam constantemente sendo transferidos e substituídos por outros menos eficientes.

A mãe de Tal, Graile, estava onde estivera durante os últimos meses — presa à cama, com algum tipo de doença degenerativa, que estava além dos poderes curativos da medicina ou da magia dos Escolhidos.

As únicas coisas que a ajudavam eram luz e calor, por isso sua cama havia sido colocada na câmara 27 solar da família, um aposento onde cada centímetro das paredes e do teto estava coberto com minúsculas Pedras-do-Sol. Ali estava sempre claro e aquecido. Além das Pedras-

do-Sol, o aposento tinha o seu próprio sistema de ventilação com vapor, que o enchia de ar quente e úmido vindo dos tanques de aquecimento central do Castelo, que ficavam lá embaixo.

Tal foi imediatamente para perto de sua mãe, atravessando a antecâmara tão rápido, que as três pessoas que estavam lá não tiveram tempo de se levantar e apresentar seus cumprimentos, ou de se aborrecer porque Tal deixou de saudar os mais velhos e de lhes oferecer luz de sua Pedra-do-Sol.

Tal sabia que eles reclamariam depois. Duas das três pessoas eram Lallek e Korrek, primas de sua mãe, e queixar-se de Tal era uma das atividades favoritas delas. Ele não conhecia a terceira pessoa, um homem com uma túnica de largas listras laranja, e um colar de espelhos e Pedras-do-Sol, indicando a sua alta posição na ordem.

Os Espíritos-Sombra dos três eram mais rápidos do que seus senhores. Eles emergiram do chão quando Tal se aproximou. Os Espíritos-Sombra de suas primas tinham o aspecto de um Dretch, um habitante bastante comum de Aenir. Grotescamente esguios, com cerca de dois metros, pareciam um cruzamento de bicho-pau com aranha, com oito patas e olhos em forma de bulbos. Tal os considerou ligeiramente mais atraentes do que as próprias Lallek e Korrek.

Não reconheceu o Espírito-Sombra do homem. Parecia muito baixo e largo, até se levantar. Nos poucos segundos que a criatura levou para alcançar a porta do outro lado do aposento, Tal vislumbrou algo que precisava se curvar sob o teto de quase três metros de altura e tinha um corpo um tanto ovalado, uma cabeça de lagarto, quatro patas e um rabo.

Tal esqueceu tudo isso ao entrar na câmara solar. Como era de se esperar, sua mãe estava lá. Junto dela, na cama, abraçados fortemente, estavam Kusi, a irmã de três anos, e Gref, o irmão de nove. Todos haviam chorado. Tal desejou poder se aninhar também, só para ter um momento de consolo.

O Espírito-Sombra de Graile estava debaixo da cama, apenas sua cabeça arredondada e estranhamente indefinida era visível. Havia murchado à medida que Graile foi enfraquecendo. No passado tinha sido forte, assumindo a forma de uma imensa coruja, com sobranceiras grandes e espessas, e fora um dos poucos Espíritos-Sombra que podiam voar para bem longe de seu senhor. Parecia uma réplica de coruja em cera derretida, com um corpo de sombra pálido, quase transparente, mesmo na câmara solar.

Graile estava obviamente muito doente. Sua pele estava cinzenta e suada, e seu rosto se afilara tanto que ela quase parecia outra pessoa.

Tal sentiu vontade de chorar de novo, olhando para ela. Não conseguia acreditar que seu pai não fosse voltar e que sua mãe parecesse tão próxima da morte. Até mesmo a Pedra-do-Sol em seu pescoço estava ficando escura. E não brilhou quando Tal levantou a sua própria pedra e fez o seu cumprimento formal.

— Eu a saúdo, mãe — disse ele, e sua Pedra-do-Sol brilhou, dando-lhe a luz que ela merecia.

Graile sorriu um pouco, mas não conseguiu erguer o braço que estava sobre os dois outros filhos para levantar a sua Pedra-do-Sol.

— Tal — disse ela, a voz soando tão frágil que ele teve de se aproximar e se agachar junto à cama para poder ouvi-la. — Tal.

— Disseram.... Disseram que papai não vai voltar — disse Tal com a voz trêmula. Gref e Kusi olharam para ele e recomeçaram a chorar.

— Calma, crianças — disse Graile, consolando-os. — É verdade que o pai de vocês não

voltou para casa, mas isso não quer dizer que ele desapareceu para sempre. Eu acho que ele vai voltar quando chegar a hora. Mas, até lá, temos que ser corajosos. Será que vocês podem ser corajosos, por mim e por seu pai?

— Sim — disse Tal, apesar de ter engolido em seco ao falar. Gref e Kusi concordaram com a cabeça, incapazes de articular uma só palavra.

— Preciso falar a sós com Tal — disse Graile. — Gref, leve Kusi até Hudren. Ela vai lhe dar bolo de laranja e água-doce.

Tal começou a ajudar Kusi a descer da cama, e a sombra-guardiã da menina deslizou para o chão, pronta para pegá-la se Tal a largasse. A garotinha parecia quase feliz por estar indo ao encontro de Hudren e do bolo de laranja. Hudren era a única dos criados do Povo Inferior que eles tinham conseguido manter por um longo tempo. Fora babá de Gref e agora era de Kusi.

— Eu quero ficar — disse Gref. — Tenho quase a mesma idade de Tal.

— Não, não tem! — exclamou Tal. Ele era quase cinco anos mais velho. — Você não sabe contar?

— Gref, acompanhe sua irmã — disse Graile gentilmente, enquanto o seu Espírito-Sombra fazia sinais com a garra de uma das patas, reforçando a sua ordem. Gref olhou contrariado para Tal, mas obedeceu.

— Sente-se a meu lado — disse Graile. — Tal, acredito de verdade que seu pai vai voltar para nós. Mas precisamos decidir o que fazer se ele não tiver retornado até o Dia da Ascensão.

Tal ficou pensativo. Estivera tão preocupado com as notícias e com sua mãe, que não pensara em si mesmo. Dentro de dois meses, completaria treze anos e três quartos, e pouco tempo depois disso, no Dia da Ascensão, todos os Escolhidos ingressariam em Aenir. Como ele já teria atingido a maioridade, sua sombra-guardiã ficaria livre e ele teria que encontrar uma criatura de Aenir para capturar como Espírito-Sombra.

Tal vinha se preparando para esse dia há tanto tempo, que parecia uma eternidade. Seria sua chance de capturar um poderoso Espírito-Sombra, de mostrar força e domínio sobre a luz. Bem dentro de si mesmo, sabia que o pai o havia treinado bem, e ele tinha um dom natural. Voltaria com um magnífico e terrível Espírito-Sombra. Com a ajuda dele, um dia ascenderia para além da Ordem Laranja, para a Amarela ou mesmo para a Azul. Os pais de Tal tinham elevado a família em dois níveis dentro da Ordem Laranja. Tal iria garantir que seus próprios filhos comessem de um plano ainda mais elevado.

Mas Tal não poderia entrar em Aenir sem a ajuda de uma Pedra-do-Sol Original. Ele nunca tivera que pensar nisso no passado, porque seu pai tinha uma, e a utilizara para ajudar a família inteira a entrar em Aenir. Agora, com o desaparecimento de Rerem, a Pedra-do-Sol Original também se fora. A não ser que sua mãe tivesse uma...

— Você não tem uma Pedra-do-Sol Original? — perguntou Tal, com a tênue esperança de que eles tivessem usado apenas a Pedra-do-Sol do pai, por conveniência. Em sua maior parte, as Pedras-do-Sol dos Escolhidos adultos eram originais, fortes o bastante para entrar em Aenir.

Graile levantou a mão muito magra até o peito e tocou a Pedra-do-Sol na corrente prateada em seu pescoço. Quase não houve cintilação.

— Há algum tempo, esta era original — ela sussurrou. — Mas agora também vou precisar de ajuda, assim como Gref e Kusi. Você sabe o que acontecerá se não conseguirmos entrar em Aenir.

Tal balançou a cabeça afirmativamente. Se não fosse capaz de entrar em Aenir e capturar um Espírito-Sombra para si mesmo, seria separado de sua família. Rebaixado, não apenas para a ordem abaixo, a Vermelha, mas direto para fora de todas as categorias dos Escolhidos. Ele se tornaria do Povo Inferior, um criado para o resto de seus dias.

Pior que isso, a última chance de cura para sua mãe seria desperdiçada. O reino dos espíritos de Aenir era um lugar de magia e maravilhas, de criaturas e seres que tinham tanto sabedoria quanto poder. Era lá que Graile poderia ser curada e ter sua vida salva — se conseguisse permanecer viva até o Dia da Ascensão. Era proibida a entrada em Aenir antes desse dia.

— Vou ter que conseguir uma nova Pedra-do-Sol Original — disse Tal, com uma voz hesitante, apesar de sua óbvia determinação. — Para a família.

Graile concordou e apertou a mão dele, com um toque tão leve quanto o de uma brisa suave. Seus olhos se fecharam e ela parecia se afastar de Tal, o sono vagarosamente tornando seu rosto mais sereno.

— Vou conseguir uma Pedra-do-Sol Original — repetiu Tal com tranquilidade. — Seja como for.

Capítulo 2

Tal ficou sentado junto à mãe por um bom tempo, pensando em como conseguir uma nova e poderosa Pedra-do-Sol. E só podia pensar em três maneiras, e todas ofereciam algum risco.

A primeira seria pedir às primas de sua mãe, Lallek e Korrek. Elas ocupavam uma alta posição na Ordem Laranja e, segundo boatos, em breve estariam indo para a Amarela. Ambas usavam diversas Pedras-do-Sol — em braceletes de prata, em anéis que cintilavam em seus dedos e até mesmo nos bicos de seus sapatos brilhantes como espelhos. Tal pensou que elas deviam ter ganhado as pedras no jogo. Nunca tinha visto Lallek ou Korrek fazerem nada além disso.

Mas Lallek e Korrek não eram conhecidas por sua generosidade, e Tal considerou que elas particularmente não gostavam dele. Não conseguia entender a razão, embora, quando era mais novo, tivesse derrubado um balde de cinzas em cima delas, ofuscando o brilho das duas bem antes de um jantar de família. Tinha sido apenas uma brincadeira, mas elas pareciam ter guardado rancor. Claro que não tinha sido só cinza...

Mesmo assim, pensou Tal, elas faziam parte da família. E estavam bem ali fora, na sala de espera. Ainda que fosse, provavelmente, porque todo mundo esperava que elas viessem, agora que a notícia da suposta morte de Rerem tinha se espalhado.

Tal suspirou. Percebendo o seu estado de espírito, sua sombra-guardiã mudou sua forma de um Corvil de duas cabeças para uma sombra quase normal. Estremeceu e fez um movimento como se fosse vomitar, antes de retomar o formato comprido e felino do Corvil, ainda que de uma só cabeça. Ela fez Tal sorrir. Nem mesmo a sua sombra-guardiã gostava de Lallek e Korrek.

Dessa vez, Tal parou à porta e fez a saudação apropriada aos mais velhos. Levantou sua Pedra-do-Sol e disse:

— Eu os cumprimento, Korrek, Lallek e...

— Mestre-das-Sombras Sushin — disse o desconhecido, levantando sua própria Pedra-do-Sol de modo desleixado, e lançando grosseiramente uma luz branca muito brilhante no rosto de Tal. Korrek e Lallek fizeram o mesmo, o que o obrigou a levantar a mão para proteger os olhos.

A luz ficou ainda mais intensa e Tal sentiu um calor desagradável na mão. Sua sombra-guardiã emitiu um assovio baixinho, tão baixo que só Tal podia escutar. Tal sentiu a raiva crescer dentro de si, tão quente e intensa quanto a luz. Suas primas e esse desconhecido Mestre-das-Sombras — um título que significava que, além de sua posição na Ordem Laranja, ele servia diretamente à Imperatriz — jamais ousariam tratá-lo assim se sua mãe ou seu pai estivessem por perto.

A luz desapareceu e Tal baixou a mão. Nenhum deles tinha se preocupado em ficar de pé, mas os Espíritos-Sombra tinham avançado e estavam debruçados sobre Tal, desagradavelmente próximos. O do Mestre-das-Sombras era uma fera-molusco de águas profundas. Possuía uma concha ou carapaça que cobria o seu corpo.

— O Mestre-das-Sombras ficou mal impressionado com a sua indelicadeza — disse Lallek — Mesmo diante das circunstâncias, não se deve esquecer o modo correto de fazer as coisas.

— Peço perdão ao Mestre-das-Sombras — disse Tal lentamente, constrangido. — Que a minha luz não se enfraqueça mais a seus olhos.

O Mestre-das-Sombras grunhiu. Parece um porco, pensou Tal. Ele tinha um rosto gordo, pronto para fuçar qualquer gamela, como os porcos que o Povo Inferior criava nas cavernas lá embaixo.

— Pegue três desiluminâncias — disse o Mestre-das-Sombras, tirando quatro pulseiras transparentes do bolso da manga e atirando-as para Tal.

Elas caíram no chão, pois Tal ficou chocado demais para apanhá-las. Afinal, curvou-se lentamente para pegá-las, pondo-as no pulso. Desiluminâncias representavam penalidades visíveis, indicando uma ofensa contra a ordem ou a Imperatriz. Só podiam ser retiradas por alguém de posição superior à pessoa que as tivesse aplicado. Se recebesse sete desiluminâncias, Tal seria rebaixado para a Ordem Vermelha. Mais sete depois disso e passaria a fazer parte do Povo Inferior, mesmo antes do Dia da Ascensão.

Depois de colocar a terceira pulseira, Tal parou e olhou para o Mestre-das-Sombras. Três desiluminâncias eram uma punição ridiculamente severa por não saudar os superiores de modo adequado. Mas o Mestre-das-Sombras tinha jogado quatro!

— Há quatro desiluminâncias, Mestre-das-Sombras — disse ele, sentindo o rosto ruborizar por causa da humilhação. Ele nunca tivera mais do que apenas uma desiluminância em sua vida.

— Três, quatro, não faz diferença — disse o Mestre-das-Sombras. — Coloque-a, Tal. Você precisa aprender a ser respeitoso.

Vagarosamente, Tal pegou a quarta desiluminância e enfiou no pulso. As pulseiras eram feitas de cristal e tilintavam ao tocarem umas nas outras.

— Como posso servir aos meus ilustres visitantes? — perguntou Tal, seguindo o cerimonial apropriado, embora desejasse pegar uma jarra de água-doce gelada e atirar na cara deles.

— Sou o Mestre-das-Sombras Sushin, Estrela Brilhante da Ordem Laranja e Perito Espectral — proclamou o gordo. — Vim apresentar as condolências da Imperatriz pela morte de seu pai.

— Ele não está morto — quis dizer Tal, mas não ousou falar em voz alta. Esse Mestre-das-Sombras parecia querer que ele fosse desrespeitoso. Estava até metendo a mão no bolso da manga para fazer tilintarem as desiluminâncias que ainda havia lá, enquanto observava Tal lutando contra seus sentimentos.

— Somos gratos à Imperatriz — disse Tal. Ele realmente não entendia o que estava acontecendo. Por que esse Mestre-das-Sombras lhe era tão hostil? Sua expectativa quanto às primas era que elas fossem desagradáveis, mas esse homem era um estranho, um servidor da Imperatriz.

— É isso, então — disse Sushin. Ele pegou um punhado de camarões secos do volumoso bolso e encheu a boca, sem parar de falar. — Você já pode voltar para o Lectorium agora, Tal. Precisa ficar em dia com seus estudos.

Tal se sentiu nauseado olhando a enorme porção de camarões cor-de-rosa sendo mastigados e revirados na boca de Sushin. Aquele homem era um porco e um fanfarrão.

Camarões eram o prato preferido de sua mãe, mas eram difíceis de ser achados, pois só muito raramente o Povo Inferior os apanhava nas profundas correntes subterrâneas. Durante várias semanas, Tal havia tentado consegui-los para ela, sem sucesso.

— Desejo fazer uma pergunta às primas de minha mãe, se me permitem — Tal disse com muito cuidado. Apesar da raiva que sentia por ter que pedir permissão para falar em sua própria casa, não tinha escolha.

— Pergunte logo — respondeu Sushin, pegando outro punhado de camarões e sorvendo-os com um copo de água-doce, o que fez com que suas bochechas ficassem ainda mais inchadas.

— Que a luz brilhe sobre vós, Mestre-das-Som-bras — saudou Tal mais uma vez, virando-se para as suas primas, que estavam sorrindo, mas não de um modo simpático. Elas pareciam estar esperando alguma coisa. Seus Espíritos-Sombra se sacudiam diante de Tal, quase dançando. Portanto ele tinha que falar no meio deles.

— Minha mãe está doente — começou ele. — E como meu pai está desaparecido, vamos precisar de ajuda para entrar em Aenir quando chegar o Dia da Ascensão. Como as senhoras são primas próximas de minha mãe, peço sua ajuda. Concedam-nos uma Pedra-do-Sol com poder suficiente para ser uma Pedra-do-Sol Original.

Lallek e Korrek entreolharam-se, e seus sorrisos se tornaram mais largos. Em seguida, olharam para Sushin e todos sorriram. Com exceção de Tal.

— Ah, não — disse Lallek, tocando as duas grandes Pedras-do-Sol que cintilavam nos dedos polegar e indicador. — Realmente não temos uma sequer que possamos ceder.

— Que pena — acrescentou Korrek, tocando levemente o pingente feito de quatro Pedras-do-Sol, todas com o dobro do tamanho da Pedra de Tal. — Mas tenho certeza de que você conseguirá de uma maneira ou de outra... mesmo que seu pai esteja morto.

Tal olhou fixamente para elas, sua fúria crescendo cada vez mais. Vagamente, percebeu que a sua sombra-guardiã estava agarrada aos seus joelhos para impedi-lo de avançar contra elas. Segurou a sua própria Pedra-do-Sol, desejando que pudesse arremessar feixes de luz, chuvas de fagulhas ou outra magia de combate que ele estava começando a aprender no Lectorium.

Sushin quebrou a tensão ao enfiar vorazmente na boca os últimos camarões e se levantar da cadeira. Rapidamente, Lallek e Korrek também se ergueram de um salto. Por direito, todos os três deveriam ter saudado Tal, já que estavam na casa dele. Mas não o fizeram. Sushin simplesmente foi embora, seguido pelas duas mulheres. Os Espíritos-Sombra recuaram lentamente. Eles sabiam, ainda que seus senhores o ignorassem, que Tal estava muito próximo de algum tipo de acesso de loucura.

Quando o criado fechou a porta atrás deles, a sombra-guardiã soltou Tal. Ele respirou profundamente e conseguiu raciocinar.

Seu primeiro plano para conseguir uma Pedra-do-Sol havia fracassado miseravelmente. Teria que passar para o próximo. E teria que tentar descobrir por que o Mestre-das-Sombras Sushin queria que ele fracassasse.

— Vocês vão ver — Tal sussurrou para a porta. E levantou o braço, fazendo tilintar as desluminações. — Vocês vão ver. Vou conseguir minha Pedra-do-Sol!

Sua sombra-guardiã fez surgir um braço e o balançou também, num protesto silencioso. Continuou a fazer isso mesmo depois que Tal já havia parado e teve de correr para acompanhá-lo quando ele foi ver como Gref e Kusi estavam enfrentando as terríveis notícias.

Capítulo 3

O segundo plano de Tal teria de esperar sete dias, quando ele poderia participar da próxima Conquista da Luminosidade. Enquanto aguardava, tentou, com muito afinho, ser um estudante exemplar. Sempre que lhe vinha a idéia de pregar uma peça em alguém ou ficava entediado quando o Professor Assistente se punha a falar monotonamente sobre luz recursiva ou deslocamento espectral, o suave tilintar das desiluminâncias em seu pulso servia como lembrete de que devia se comportar.

Por mais que se esforçasse, foi uma semana difícil. Depois de cada refeição, Kusi se esquecia e pedia que o pai a pusesse na cama. Chorava quando ele não aparecia e era muito pequena para entender que não era porque ele não queria estar ali. Graile estava fraca demais para levantar da cama, portanto cabia a Tal aconchegar a garotinha e lhe contar uma história. Em seguida, tinha de se certificar que Gref havia mesmo ido para a cama.

Tudo estava sempre lembrando a ausência do pai. Tal ficava acordado na cama à noite, torcendo para ouvir os passos do pai fora do quarto e sua voz tão familiar perguntando se estava tudo bem.

Infelizmente, era muito mais provável que Tal ouvisse a voz de Gref dizendo alguma coisa como “Tal, por que eu não me esgueiro até os aposentos de Lallek e roubo uma Pedra-do-Sol?”.

Ou “Tal, aposto que eu poderia jogar um cobertor sobre Korrek e tirar sua pulseira e ela nem saberia quem fez isso”.

Ou a pergunta mais persistente de Gref: “Tal, por que não posso ajudar você a conseguir uma nova Pedra-do-Sol?”

Kusi também dava trabalho, a seu jeito. Além de ler uma história para ela, quase toda noite, ele tinha de ajudá-la a voltar a dormir. Ela ficava deitada na cama olhando-o com seus grandes olhos azuis e dizendo: “Não quero Tal. Quero Mamãe.”

Para piorar ainda mais as coisas, o Mestre-das-Sombras Sushin parecia ter espalhado que Tal devia ser provocado. Escolhidos mais velhos, que ele nunca tinha visto antes, tentavam esbarrar nele e depois culpá-lo pelo encontro. Espíritos-Sombra desconhecidos o seguiam com tamanha frequência, que ele parou de utilizar as escadarias menores. Evitava até mesmo o melhor atalho do Castelo: a rampa da lavanderia do Povo Inferior — que era escorregadia e descia em espiral dos aposentos mais elevados da Ordem Violeta até os da Ordem Vermelha, chegando às cavernas de trabalho do Povo Inferior, ainda mais abaixo.

Tal não queria encontrar um Espírito-Sombra na rampa da lavanderia. Estar na rampa era o mais próximo que se podia chegar da escuridão total no Castelo. Lá, não havia Pedras-do-Sol. E a luz se infiltrava pelas janelinhas de cada um dos quarenta e nove níveis da ordem. Essas tênues linhas luminosas também eram o único jeito de saber onde se estava, e, assim, poder frear a descida com os pés, em geral com algum estrago nas solas dos sapatos.

Por isso, Tal se mantinha nas escadas principais e nos Corredores Incolores, as amplas passagens que não faziam parte dos domínios de nenhuma ordem em particular.

No Lectorium, eles aprendiam que toda luz servia à Imperatriz, que todas as ordens eram como uma família.

Tal sabia que isso era um monte de baboseiras. Os Escolhidos nas ordens mais baixas se ressentiam contra os das superiores, e os Escolhidos das ordens superiores gostavam de “pôr os

outros em seus lugares”. As crianças eram as que mais sofriam. Se Tal fosse apanhado perambulando, eles o cercariam para cegá-lo com suas Pedras-do-Sol, uma cegueira que às vezes levava dias para desaparecer completamente.

Tal simplesmente tentava evitar problemas. E isso era ainda mais difícil porque também precisava tomar conta de Gref. Seu irmão estava num outro Lectorium, e não se queixara de qualquer problema. Mesmo assim, Tal procurava vigiá-lo.

Gref tinha vocação para se meter em confusões. Era muito bom em criá-las e fugir da responsabilidade por elas. Mas mesmo conseguindo livrar-se de oito em cada dez situações, isso significava ser apanhado duas vezes.

A vocação de Gref não lhe era favorável quando acontecia de ser importunado. Tal não se preocupava tanto com o que pudesse acontecer com Gref, mas sim com o que o irmão mais novo pudesse fazer para se vingar.

Tal sempre tinha em mente o caso do garoto que havia desenhado Gref como um Toppet de duas cabeças. Gref economizara a mesada por sete meses e depois pagara a um aluno muito mais velho para criar um fantoche de luz de si mesmo como um Toppet realmente perverso, que ele iria colocar à noite no quarto do outro garoto. Este acordou com um grito que foi ouvido em todas as sete torres e, até hoje, não consegue assistir a um espetáculo de fantoches de luz sem tremer de nervosismo.

O triunfo de Gref não durou muito. Não foi difícil as autoridades descobrirem de onde tinha vindo aquele fantoche de luz, já que tinha o rosto de Gref.

O que mais preocupava Tal era que, mesmo depois de ser punido, Gref disse que tinha valido a pena — e que faria tudo de novo. (Felizmente ainda não tinha idade para receber desiluminâncias.)

Todos esses problemas eram uma constante preocupação para Tal, mas nada se comparava à prolongada ausência do pai. Se ele voltasse, tudo ficaria bem novamente. A cada dia que passava sem ele, aumentava em Tal o medo secreto de que o pai estivesse morto.

Precisava pensar com mais afinco em como conseguir uma Pedra-do-Sol Original. Se pelo menos as horríveis Lallek e Korrek simplesmente tivessem lhe concedido uma única Pedra-do-Sol, não teria que tentar ganhar uma prova na Conquista da Luminosidade.

As Conquistas da Luminosidade aconteciam a cada trimestre e eram tecnicamente abertas a todos que desejassem demonstrar sua perícia e habilidades artísticas. Era rara a participação de alguém que tivesse apenas uma sombra-guardiã, como Tal.

As conquistas se dividiam em várias categorias, cada uma delas acontecendo num diferente setor do Castelo. Embora todas as conquistas testassem a perícia do participante com uma Pedra-do-Sol e o seu senso da luz, cada categoria também testava outros talentos e habilidades específicos.

Tal se inscreveu para a Conquista do Corpo. Era essencialmente uma corrida de obstáculos, em que o preparo físico e a agilidade tinham tanta importância quanto o controle da luz. Acontecia no Salão dos Espelhos, o que acrescentava um grau a mais de dificuldade. A luz tinha que ser controlada com muita atenção, porque o menor descuido provocaria milhares de reflexos embaraçosos.

Durante toda a semana, Tal passou as tardes treinando depois que saía do Lectorium. Havia sete obstáculos. Para ultrapassá-los, era preciso saltar, escalar, atravessar dependurado, rastejar.

Os antigos obstáculos eram feitos de luz sólida, uma magia que havia se perdido para os Escolhidos, embora alguns pensassem que a Imperatriz talvez conhecesse os métodos secretos.

Os participantes podiam fazer o obstáculo se transformar em outra coisa dirigindo um feixe de luz de suas Pedras-do-Sol para o lugar correto, utilizando exatamente a cor adequada.

O segredo do sucesso na Conquista do Corpo era converter todos os obstáculos a serem enfrentados em algo fácil, como um Buraco Ofegante, que podia ser saltado. Ao mesmo tempo, era necessário transformar os obstáculos dos adversários em coisas mais difíceis, como uma Parede Imprevista.

Às vezes, os obstáculos ficavam oscilando entre muitas combinações, exatamente até o último segundo, à medida que os feixes de luz iam sendo lançados por todo lado. Não raro um Buraco Ofegante se transformava numa Parede Imprevista no momento em que o competidor saltava, o que provocava uma desagradável colisão.

Tal não se preocupava tanto com isso. Ficar fora de combate por ter batido com a cabeça numa Parede Imprevista ou tropeçar e cair num Túnel Profundo não era problema. O público iria apenas rir. Mas qualquer negligência com as regras da luz podia resultar em novas desiluminâncias e Tal não podia se permitir isso.

— Isso não vai acontecer — murmurou ele depois de outro treinamento exaustivo. Em geral, o vencedor da Conquista era elevado em diversos níveis dentro de sua Ordem ou lhe permitiam requerer uma Pedra-do-Sol ou outra recompensa em substituição.

Tal pretendia ser um vencedor. Ele sempre havia sido bom nas conquistas simuladas em que todas as crianças competiam. Os treinamentos estavam indo bem. O que poderia dar errado?

Na manhã das conquistas, Tal descobriu o que exatamente poderia dar errado. Nervoso, ele chegou ao Salão dos Espelhos com uma hora de antecedência — e descobriu que o seu nome não estava na lista para a Conquista do Corpo daquele dia. Tampouco estava na lista para a próxima vez ou para a outra depois dessa.

— Mas eu me inscrevi — Tal insistiu. — No Registro. Há uma semana!

O Semibrilho, que tinha a lista para a Conquista do Corpo, deu de ombros. Ele ocupava uma posição subalterna entre os Escolhidos da Ordem Vermelha, melhor do que um Turvo, mas não muito acima do Povo Inferior, e era por isso que tinha um emprego real. A maioria dos Escolhidos não fazia uma coisa tão servil. Dedicavam-se aos seus hobbies ou interesses, ou à própria promoção, por intermédio das conquistas ou da política na corte da Imperatriz.

— Você não está aqui — disse ele, exibindo o enorme livro encadernado em couro. — Talvez você tenha se inscrito em alguma outra conquista.

— Não é possível — disse Tal. Sua sombra-guardiã também balançou a cabeça.

— Você terá que ir ao Registro e verificar — disse o Semibrilho. Sua sombra-guardiã era tão opaca quanto ele, um animal de alguma espécie, com seis patas, e que dormia ao redor dos tornozelos dele.

Tal concordou e saiu correndo. Atrás de si, ouviu o homem grunhir alguma coisa como “Laranja idiota”, mas não se virou. Lembrava exatamente para que tinha se inscrito. Não podia ter cometido um erro...

A não ser que tivesse se inscrito para a conquista errada. E se tivesse se inscrito para a Conquista do Combate ou para a da Cura? Ele não estava treinado adequadamente para nenhuma das duas. Com certeza, acabaria recebendo do público o Raio Branco do Desprezo, e seus braços

ficariam repletos de desiluminâncias. Passaria a fazer parte do Povo Inferior, sua mãe morreria e Gref e Kusi desceriam com ele para os escuros aposentos dos criados na parte inferior do Castelo.

— Não devo entrar em pânico — disse Tal para si mesmo. Parou de correr e cuidadosamente se inclinou numa saudação, oferecendo luz para um Brilho da Ordem Violeta que passou por ele. Ainda tinha meia hora.

— Não devo entrar em pânico — repetiu para si mesmo. Respirando bem devagar e com cautela, começou a andar rapidamente em direção ao Registro.

Capítulo 4

Era a Conquista da Música. Tal olhou fixamente para o Registro, incapaz de acreditar que o seu nome estivesse lá. Mas estava, completo com o sinete de sua família gravado em luz.

Não podia ter cometido esse erro... mas obviamente cometera.

A Conquista da Música! Depois das Conquistas do Combate e da Cura, essa era provavelmente a pior. Tal sequer tinha uma composição para utilizar. Tampouco podia se retirar da conquista. Isso não era permitido, a não ser que estivesse doente ou ferido.

Por um momento, pensou em se jogar de uma das escadarias mais íngremes. Um braço ou uma perna quebrados e ele seria dispensado. Por enquanto. Mas, por outro lado, não teria nenhuma chance em qualquer das conquistas.

Olhou de relance a sua Pedra-do-Sol, observando as faixas de cores para saber a hora. Tinha menos de vinte minutos para executar uma composição original de luz e música.

Impossível. Como todos os Escolhidos, Tal era um músico treinado. Mas nunca demonstrara nenhum talento especial e com certeza não tinha tempo para escrever uma peça musical inteiramente nova. Sua única chance era utilizar uma antiga. Teria de ser alguma coisa que nunca tivesse sido executada antes ou que fosse tão antiga que ninguém a reconhecesse.

— Antiga — disse para si mesmo, e de repente uma idéia lhe veio à cabeça. Sua sombra-guardiã captou seu pensamento e se transformou de um tipo muito feio de peixe em um homem magro e curvado, bem mais alto do que Tal, com um nariz bastante proeminente. Era uma caricatura — e Tal a reconheceu. Seu tio-avô Ebbitt!

Ebbitt poderia ajudar! Tal saiu correndo novamente, pelos corredores. Teve de esquecer a idéia de ser cuidadoso e tomou todos os atalhos que conhecia.

Dois minutos depois, estava escorregando pela rampa da lavanderia. Um enorme saco de roupas ia bem na sua frente. Ele deslizava para baixo, contando os níveis.

— Laranja, Três, Dois, Um, Vermelho, Seis, Cinco, Quatro, Três — disse em voz alta, e o som de sua própria voz fazia com que se sentisse melhor. Ao dizer “Vermelho Dois”, meteu os pés nas laterais da rampa e sentiu o súbito calor através das solas dos sapatos, à medida que o atrito ia diminuindo sua velocidade.

Ebbitt vivia em Vermelho Um, o nível mais baixo dos Escolhidos. Abaixo dele ficavam as cavernas de trabalho do Povo Inferior. Tal nunca tinha estado lá. Sabia que existiam poucas Pedras-do-Sol nas cavernas do Povo Inferior, apenas o suficiente para criar uma fraca iluminação a fim de que os criados pudessem trabalhar. Dizia-se que estavam também sempre cheios de vapor dos tanques de água quente que forneciam calor para o Castelo. Debaixo dos tanques circulavam túneis de lava. Os tanques de coleta de lava foram uma criação dos construtores do Castelo, os Escolhidos de um passado distante, que lidavam com poderes que as atuais gerações tinham perdido há muito tempo.

Tal sentiu um calafrio atravessá-lo quando saltou para fora da rampa. Em breve poderia ser forçado a fazer parte do Povo Inferior, e nunca mais retornar aos níveis luminosos dos Escolhidos. Isso podia acontecer nesse mesmo dia, se ele fracassasse completamente na Conquista da Música e recebesse mais desiluminações...

Examinou outra vez sua Pedra-do-Sol. Só lhe restavam quinze minutos até a conquista. Se Ebbitt não estivesse em casa, Tal não saberia o que fazer. Pôs-se a correr, torcendo para não

encontrar nenhum Semibrilho ou Turvo, que ficaria deliciado em educadamente atrasar um garoto Laranja. Não lhe causariam nenhum dano sério, mas o fariam desperdiçar o seu precioso tempo.

Em tempos passados, Ebbitt havia sido um Senhor-das-Sombras, um Ofuscador da Ordem Anil, a segunda mais elevada do Castelo. Ebbitt tinha sido a esperança reluzente da família e a sua ascensão para a Ordem Violeta era tida como certa. Mas alguma coisa acontecera quando Tal ainda era um bebê. Ele tinha sido forçado a descer para a Ordem Vermelha, em seu nível mais baixo. Agora era um Turvo, apenas um degrau acima do Povo Inferior. De algum modo, ele tinha conseguido se manter ali, apesar dos hábitos estranhos e do modo franco de falar.

Escolheu viver na penumbra, no final de um túnel irregular, sem porta. Sua excêntrica coleção de móveis, sempre arrumada de modo diferente, ocupava cerca de noventa metros de corredor, e o próprio Ebbitt podia ser encontrado em qualquer lugar nessa área. Tal não podia entender como ele conseguia impedir as pessoas de entrar ou de roubar suas coisas. Mas nunca vira ninguém ali, a não ser a família ou alguns convidados.

Nesse dia, um grande guarda-roupa de pedra branca indicava o começo dos domínios de Ebbitt. O armário bloqueava completamente o corredor e, por alguns momentos, Tal ficou sem saber o que fazer. Abriu, então, a porta e descobriu que o guarda-roupa não tinha fundo. Passou por ali, fechando a porta atrás de si.

Depois de passar com todo cuidado entre várias cadeiras e escrivaninhas, uma enorme gaiola e um globo de bronze, Tal encontrou Ebbitt dormindo num velho trono dourado. Era óbvio que no passado o trono tinha sido cravejado de Pedras-do-Sol, porque estava cheio de buracos e marcas de arranhões feitos quando elas tinham sido arrancadas.

O próprio Ebbitt vestia uma túnica cinza sem enfeites ou qualquer marca característica de sua ordem ou posição. Usava uma única e pequena Pedra-do-Sol num anel de prata no dedo indicador. Quando Tal se aproximou, a Pedra brilhou e o Espírito-Sombra de Ebbitt saiu das sombras atrás do trono.

Era um enorme gato, com uma volumosa crina ao redor do pescoço e uma crista nas costas. Todo preto, mesmo na luz fraca — a marca de um poderoso Espírito-Sombra —, bocejou enquanto Tal se aproximava, exibindo sombras mais suaves dentro da imensa boca.

A sombra-guardiã de Tal se transformou numa versão menor do gato peludo, prestando-lhe homenagem. Tal avançou um pouco mais, mas não muito. Sempre tivera um pouco de medo do Espírito-Sombra de Ebbitt, embora soubesse que a criatura não o machucaria.

— Tio — disse ele. Como Ebbitt ainda não se movesse, ele repetiu, um pouco mais alto. — Tio!

Mesmo assim, Ebbitt não se moveu. Tal avançou um pouco mais e quase gritou:

— Tio Ebbitt!

A isso o velho no trono reagiu. Pôs-se de pé num salto e gritou:

— Mate!

O enorme Espírito-Sombra felino pulou para frente. Tal recuou e caiu sobre um tamborete de três pernas, despencando no chão de pedra dura.

Capítulo 5

No último instante, a sombra-guardiã de Tal se atirou sob ele, amparando-lhe a cabeça para que não perdesse os sentidos.

Ebbitt riu quando Tal se levantou devagar, e o gato de crina farta esgueirou-se de volta, sentando-se ao lado do trono, à direita do velho.

— Enganei você, garoto — disse Ebbitt arquejante. — Pensou que eu estivesse dormindo, não é?

Tal levantou-se com raiva, mas conseguiu não demonstrá-la. Não havia razão para ficar zangado com Ebbitt. Ele apenas ria e ofegava.

— Preciso de sua ajuda, tio — disse rapidamente. Ebbitt podia ser um chato quando se tratava de pregar peças nas pessoas, mas era muito mais prestativo que Korrek e Lallek, quando se tratava de ajudar alguém em dificuldades.

— Ajuda? — perguntou Ebbitt. Parou de rir e não parecia mais um velho tolo. Era óbvio que o tom da voz e a expressão do rosto de Tal o fizeram perceber que, qualquer que fosse o motivo da preocupação do garoto, era uma coisa séria. — Conte-me.

— Você sabe sobre meu pai — disse Tal, falando tão rapidamente que as palavras se atropelavam. — Não sei se você sabia... ele estava com nossa Pedra-do-Sol Original. Temos que conseguir uma nova. Pedi a Lallek e Korrek, mas elas não concordaram em ajudar, acho que foi porque o Mestre-das-Sombras Sushin lhes disse que não o fizessem. Por isso, decidi me inscrever para participar da Conquista do Corpo. Hoje. Só que, de algum modo... Devo ter cometido um erro... Estou inscrito para a Conquista da Música. Mas não tenho uma composição. E a conquista começa em... Oh! Em dez minutos!

— Mestre-das-Sombras Sushin — murmurou Ebbitt. — Há sombras nessa história, sem dúvida alguma! Mas, primeiro, você precisa de alguma música.

Pulou do trono e subiu em uma mesa longa. Em seguida, saltou por cima de uma arca, com o Espírito-Sombra em seus calcanhares. Dali engatinhou por baixo de uma rede suspensa numa armação. Tal o perdeu de vista atrás de um gigantesco gongo de prata. Ele reapareceu um momento depois, segurando um comprido pergaminho.

— “A Marcha dos Muldrens sobre Drashamore Hood” — exclamou ele, alternando zigzagues e saltos para chegar até Tal.

— O quê? — perguntou Tal, pegando o pergaminho. Viu que era uma música escrita do modo tradicional. Música do lado esquerdo, luz do lado direito.

— É o nome da composição — respondeu Ebbitt.

— Nunca foi executada. Os Muldrens eram... são guerreiros em Aenir, longe dos lugares que nós, Escolhidos, costumamos freqüentar. Suponho que Drashamore Hood fosse um monstro.

— O que aconteceu? — perguntou Tal, olhando fixamente para o pergaminho.

— Depois eu conto — disse Ebbitt. — Você precisa ir ao Bosque de Cristal. Em nove minutos.

— Nove — gemeu Tal, olhando sua Pedra-do-Sol. — Não vai dar tempo.

— Teremos que ir a vapor. Vamos.

Ebbitt o pegou pelo braço e o conduziu através dos móveis com tanta rapidez que Tal

derrubou várias peças e bateu com os dois joelhos.

— Vapor? — perguntou Tal. — O que você quer dizer com vapor? Onde...

Parou de repente ao chegarem a uma escada que ia para baixo. Uma escada escura. Ebbitt puxou-lhe o braço, mas Tal não se movia.

— Essa escada vai para baixo — protestou ele. — Preciso subir!

O Espírito-Sombra de crina farta empurrou suas pernas e Tal caiu para frente, sustentado apenas pela surpreendente força de Ebbitt.

— Para subirmos, precisamos descer — disse Ebbitt rindo. Tal teve vontade de chorar. Era evidente que seu tio-avô tinha enlouquecido completamente. Ele tinha lhe arranjado a música, mas isso de nada adiantava. Nunca conseguiria chegar ao Bosque de Cristal.

Desceram pelo escuro até o fim da escadaria. Estavam em algum lugar nas cavernas do Povo Inferior. Tal tateou nervosamente a sua Pedra-do-Sol, tentando desesperadamente conseguir um pouco de luz. Não suportava a escuridão!

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Ebbitt ergueu a mão, e a Pedra-do-Sol em seu dedo emitiu um intenso brilho anil — uma cor proibida para Ebbitt desde o seu rebaixamento para a Ordem Vermelha.

Tal quase ficou sem ar quando viu isso, e ainda por cima esqueceu de respirar quando Ebbitt moveu a mão numa série de gestos, e a luz os acompanhou quase como uma faixa sólida. Rapidamente, Ebbitt fez surgir um cilindro reluzente ao redor dele e de Tal.

— Fique bem perto de mim — advertiu Ebbitt.

Já não parecia louco, e Tal sabia que o cilindro de luz anil em volta deles era magia muito poderosa, com certeza proibida para Turvos da Ordem Vermelha ou garotos da Ordem Laranja.

Tal permaneceu perto de Ebbitt enquanto eles se deslocavam sem sequer mexer os pés. Chegaram a uma grande porta de metal, trancada por uma roda. Ebbitt a girou, mas a porta não se abriu. Fez, então, um gesto para o seu Espírito-Sombra. Este passou sob o cilindro de luz e foi se afinando até se tornar quase invisível. Em seguida, foi se movendo lentamente por debaixo do sólido metal da porta.

Voltou um instante depois e balançou a cabeça. Ebbitt abriu a porta. Uma rajada de vapor saiu de lá. Tal recuou, mas o vapor não atravessou a luz anil. Apenas fluiu em volta dela, e ele não sentiu nenhum calor.

À frente deles, viu um tubo. Nuvens de vapor o impediam de saber que profundidade alcançava e o quão alto ia.

— Vamos — disse Ebbitt, andando para a frente, aparentemente em direção a um espaço vazio. Tal hesitou mas seu tio-avô o segurava com muita força.

Tal fechou os olhos e o acompanhou. Parecia evidente que iam despencar juntos dentro dos tanques ferventes do sistema de aquecimento central.

Mas não caíram. Tal abriu os olhos e olhou para baixo. A luz anil faiscava sob seus pés, uma luz sólida o bastante para mantê-lo suspenso e impedir a aproximação do calor do vapor.

— Prepare-se para uma onda de vapor — avisou Ebbitt, enquanto fechava a porta atrás de si. A luz se deslocou cobrindo suas mãos, como se fosse um tecido. Tal tentou fazer o mesmo por experiência, mas não funcionou para ele. Sua sombra-guardiã sentou-se a seus pés, tomando a forma de um Dattu, um pequeno roedor peludo que habitava as encostas de Aenir. Era uma

figura inofensiva, que a sombra-guardiã costumava assumir quando não gostava do que estava acontecendo, mas nada podia fazer a respeito.

— Vapor! — gritou Ebbitt apontando para baixo. Tal olhou e viu uma massa branca de aparência sólida subindo pelo tubo. Um instante depois, houve a colisão. Eles foram subitamente impelidos para cima, tão rapidamente que Tal perdeu o equilíbrio e até Ebbitt teve de se ajoelhar e se agarrar ao seu Espírito-Sombra.

Foram arremessados em velocidade crescente. Tal tentou se levantar, mas alguma estranha força o mantinha comprimido contra o chão de luz anil. Sentiu como se várias pessoas estivessem deitadas sobre ele, tentando esmagá-lo contra o chão.

Em seguida, percebeu que Ebbitt estava contando, muito rapidamente. Ao chegar a vinte e cinco, puxou de repente a luz anil à frente dele, arrastando-a para longe da parede. Imediatamente, o vapor passou através da brecha e a velocidade de elevação diminuiu.

Mas continuavam subindo ainda mais rápido do que Tal tinha descido pela rampa. Para Ebbitt parecia rápido demais. Ele olhou para seu Espírito-Sombra e este investiu através da luz para pôr suas garras na parede do tubo.

Imediatamente, reduziram tanto a velocidade que quase pararam, enquanto ouviam o som horrível das garras do Espírito-Sombra arranhando a parede. Tal surpreendeu-se ao reconhecê-lo. Já tinha ouvido aquele som antes, vindo de trás da parede. Sempre lhe haviam dito que era “o aquecimento”, mas devia ser Ebbitt — ou alguém — utilizando esse estranho método de transporte.

— Chegamos — disse Ebbitt. — Ou estamos bem próximos. Temos só três minutos. Segure-se.

O Espírito-Sombra os largou e subitamente eles caíram cerca de dez trechos. O vapor ainda rodopiava em torno deles, mas com menos intensidade. Tal viu que havia outra porta de metal na frente deles. Ebbitt se aproximou, a luz anil ainda envolvendo suas mãos, e abriu a porta. Uma luz branca brotava lá dentro e Tal reconheceu um dos corredores secundários.

Pela cor neutra das Pedras-do-Sol, ele sabia que estava perto de um dos Corredores Incolores e no nível do Bosque de Cristal.

— Para fora — disse Ebbitt. Sem aviso, sua Pedra-do-Sol brilhou e ele empurrou Tal para o corredor, através da barreira protetora de luz. A porta se fechou com estrondo atrás do garoto. Num segundo, o tio-avô Ebbitt e sua estranha cápsula de luz movida a vapor se foram.

Tal se levantou, verificou se estava com o pergaminho e dirigiu-se a passos largos para o corredor mais amplo. Pelo menos agora ele tinha uma chance — bem pequena, já que não conhecia a música e não havia feito qualquer ensaio da composição.

Mas era uma chance, disse para si mesmo. Talvez a única...

Capítulo 6

O Bosque de Cristal era outro dos antigos artefatos do Castelo. Consistia de quarenta e nove árvores de cristal transparente, cada uma com dez trechos de altura e muitos galhos. As árvores ficavam no centro de um enorme saquão, rodeadas por bancos dispostos em filas para o público.

A magia e a maravilha do Bosque de Cristal estavam no fato de cada galho de árvore poder produzir uma única e nítida nota quando corretamente atingido por um feixe de luz. A duração e a intensidade da nota dependiam da cor do feixe de luz e de quanto tempo ele permanecia no galho.

O bosque era tocado a partir de uma pedra central, da altura de um homem, em que havia uma haste de prata que servia para segurar o pergaminho.

Tal subiu na pedra num estado de insólita calma. Seria o primeiro a se apresentar naquele dia, e o público não era muito numeroso. Viu uma pequena e dispersa variedade de Escolhidos de todas as ordens, com exceção da Violeta que, muito provavelmente, era importante demais para desperdiçar seu tempo escutando e assistindo a um garoto inexperiente da Ordem Laranja.

Tal procurou não olhar para eles enquanto fixava o pergaminho à haste e o desenrolava. Felizmente, Ebbitt tinha uma caligrafia clara e ampla, e os símbolos eram fáceis de seguir. Não parecia uma composição muito difícil de ser executada.

Tal olhou para onde os juizes se sentavam. Havia três juizes que iam conduzir a reação do público. Teoricamente, todos podiam mostrar as luzes que desejassem, fosse o Raio Vermelho da Desaprovação, o Raio Violeta da Realização ou o temido Raio Branco do Desprezo. Na prática, costumavam seguir os juizes, que se sentavam num banco à parte, mais elevado, obviamente separado da platéia.

Tal percebeu que alguma coisa estava acontecendo no banco dos juizes. Um deles, uma mulher da Ordem Verde, estava sorrindo e se retirando, abrindo caminho para outro. Mas Tal notou que, apesar do sorriso, seu Espírito-Sombra estava entre ela e o substituto, como se houvesse ali algum perigo.

Tal ia desviando o olhar, para estudar o pergaminho mais uma vez, quando alguma coisa no juiz substituto chamou a sua atenção. Rapidamente, voltou a virar a cabeça, e um sentimento terrível cresceu em seu peito. O juiz substituto era o Mestre-das-Sombras Sushin!

Sushin sentou-se e olhou na direção de Tal. Seus olhos se encontraram e Tal enfim compreendeu que o que via nos olhos do velho não era simplesmente um ar de superioridade. Era um olhar de ódio. Sushin realmente o odiava. Mas Tal não sabia por quê. Não tinha feito nada!

Tremendo, desviou o olhar. Precisava concentrar-se na Conquista da Música. Não importava que Sushin fosse um dos juizes. Se Tal se apresentasse bem o bastante, seria recompensado. Era assim que as coisas funcionavam no Castelo.

Todos os três juizes se acomodaram no banco. Entrelharam-se e em seguida levantaram suas Pedras-do-Sol para enviar feixes de luz, ondulando a esmo pelo bosque. A luz tocou o cristal e a música cintilou através do saquão. Os espectadores tomaram seus lugares e Tal respirou fundo.

Os feixes de luz dos juizes ondularam novamente de um lado para outro e, em seguida, se recolheram. Tal ergueu sua própria Pedra-do-Sol e disse numa voz não muito alta:

— Sou Tal Graile-Rerem. Vou executar uma composição de meu tio-avô Ebbitt Nune-Taril, nunca antes vista ou ouvida. Chama-se “A Marcha dos Muldrens Sobre Drashamore Hood”.

Quando terminou de falar, dirigiu um feixe de luz vermelha para os galhos mais afastados da árvore central. Mantendo-o lá, enviou outros feixes para outros galhos e árvores. A música surgiu do cristal e a luz refratou-se no ar. Tanto a música quanto a luz criaram uma imagem: guerreiros corajosos se preparavam para a batalha num lado do bosque, enquanto uma sombria criatura se erguia para fora do primitivo pântano do outro lado.

Lentamente, as partes da luz e da música se juntaram, desenvolvendo-se cada vez mais. Os guerreiros cercaram o monstro, e este fez repentinas investidas contra eles. Em seguida, num estrondo de luz e música que fez a platéia pular, travou-se a batalha. Cores cintilaram por toda parte enquanto a música palpitava e vibrava, cada vez mais alto, crescendo até o clímax.

Por fim, o silêncio. Todas as cores desapareceram. Quatro, cinco segundos se passaram, e o público mantinha a respiração presa. Quem tinha vencido? De repente, houve um pequeno cintilar de luz vermelha, e os guerreiros sobreviventes se reuniram, e a canção deles foi se tornando cada vez mais alta. Em seguida, o som jubiloso do triunfo. O monstro tinha sido derrotado, e os guerreiros podiam voltar para casa. Começaram a marchar e uma coluna de luz atravessou o bosque até as extremidades dos galhos e, em seguida, aparentemente, saltou sobre a platéia, numa nota final que soou durante um longo tempo.

Tal repôs a Pedra-do-Sol para dentro da camisa e fez uma saudação. Sentiu-se exausto, mas orgulhoso. Não havia cometido um erro sequer. Tinha tocado melhor do que nunca e muito melhor do que os artistas na maior parte das Conquistas da Música habituais que havia presenciado. Com certeza ganhara sua Pedra-do-Sol!

Foi então que sentiu o primeiro Raio Amarelo da Ambição Fracassada atingir o seu rosto. Olhou para cima e viu que ele tinha vindo do Mestre-das-Sombras Sushin. Os outros juizes olhavam para ele, e Tal viu desaparecerem os começos de Raios Violeta da Realização. Em seguida, os outros também começaram a lhe dirigir a mesma luz amarela. Era o raio que brilhava para aqueles que tentavam com muito afinho, mas que não conseguiam atingir seus objetivos. Não era um mau resultado, já que significava apenas que ele tinha se aventurado numa coisa difícil demais. Não seria punido, tampouco receberia desiluminâncias. Mas não receberia prêmio algum, a não ser que o público se recusasse a seguir os juizes.

Tal olhou para os espectadores, torcendo para não deixar transparecer sua ansiedade. Vieram alguns Raios Violeta, alguns Raios Azuis do Louvor, um Raio Anil da Total Aprovação. Mas não foram o bastante. A maioria do público, ainda que com relutância, estava seguindo a orientação dos juizes.

A luz à frente de Tal ficava cada vez mais amarela, até que a decisão ficou inteiramente clara: Ambição Fracassada. Tal fez uma saudação e ergueu sua Pedra-do-Sol, fazendo brilhar a cor laranja de sua ordem para mostrar que compreendia e aceitava o resultado.

Desceu da pedra e se retirou do Bosque de Cristal sozinho com seus pensamentos. Os mesmos pensamentos que o tinham acompanhado em todos os segundos da última semana.

Precisava conseguir uma Pedra-do-Sol Original. Obviamente, não podia ter a esperança de ganhá-la por intermédio de uma conquista. Só lhe restava um caminho. Ou, pelo menos, era o único que podia conceber.

Chegou a pensar em ir ter com Ebbitt, mas isso significaria discutir a sua prova fracassada, e não estava preparado para isso. Sempre tinha precisado de muita energia para conversar com

Ebbitt, para mantê-lo, ainda que parcialmente, numa mesma conversa. Naquele momento, Tal não tinha essa energia. Tampouco podia encarar sua mãe. Ou Gref e Kusi. Todos dependiam dele, e até agora ele estava fracassando.

Não. Prosseguiria com seu próximo plano imediatamente. Subiria até o mais alto nível da Ordem Violeta para tentar conseguir uma audiência com a Imperatriz.

Capítulo 7

Tal nunca havia estado nos domínios da Ordem Violeta, os níveis mais elevados e privados do Castelo, sem contar as torres.

Ficou surpreso ao descobrir que não havia diferença alguma em relação a qualquer dos outros níveis. Parecia haver menos pessoas nas proximidades, e nem todas eram membros da Ordem Violeta. De qualquer modo, cuidadosamente, Tal cumprimentou-as e lhes deu luz, só para prevenir qualquer risco. Quase fez uma saudação para um criado, mas se deteve a tempo.

O único problema, agora que estava no sétimo nível da Ordem Violeta, era que não sabia onde encontrar a Imperatriz. Depois de perambular por vários corredores mais evidentes, por fim arranjou coragem para abordar um Brilho da Ordem Anil, que não parecia tão apressado, e cujo Espírito-Sombra não era assustador demais. Tal não sabia o que era, mas tinha quatro patas, um rabo e uma cabeça, e não ficava exibindo um monte de dentes. Já era um progresso considerável em relação a alguns dos horrendos Espíritos-Sombra que tinha visto.

— A Imperatriz? — perguntou o Brilho. Ele parecia mais divertido do que aborrecido por um garoto da Ordem Laranja ter feito uma pergunta desse tipo. — Suponho que você deseja uma audiência...

— Sim — disse Tal. E sua sombra-guardiã também confirmou com a cabeça.

O Brilho riu. Tal não sabia muito bem por quê. Em seguida, ele orientou Tal para que fosse até a Antecâmara Exterior e procurasse a Guarda Imperial. Eles decidiriam se Tal poderia ou não ser recebido.

Tal agradeceu ao Brilho com uma reverência, inclinando-se bastante e dando-lhe luz. O Brilho foi igualmente cortês, mas riu novamente quando Tal se afastou.

Sem essa informação, Tal jamais teria encontrado a Antecâmara Exterior. Teve que atravessar diversos aposentos vazios e subir mais algumas escadarias, que o levaram ainda mais acima do Sétimo Nível Violeta. Por fim, chegou a um aposento mais amplo, onde várias pessoas relaxavam em cadeiras, bebendo e conversando.

Todos pararam de conversar quando Tal entrou. Seus Espíritos-Sombra se puseram imediatamente de pé, assim como dois dos Escolhidos. Tal viu que todos pertenciam à Ordem Violeta, mas não reconheceu os emblemas que usavam. Todos tinham faixas violeta em suas túnicas brancas e usavam braçadeiras douradas com sóis brilhantes, correntes com filigranas douradas e muitas Pedras-do-Sol.

Estranhamente, seus Espíritos-Sombra eram todos iguais, o que era pouco comum, exceto no caso de gêmeos ou de parentes muito próximos. Os Espíritos-Sombra eram altos, criaturas de vaga aparência humana, mas de ombros muito largos e cinturas incrivelmente finas, quase como piões. Não tinham pescoço e suas amplas cabeças pareciam ser feitas, em boa parte, de enormes bocas. Também tinham quatro braços.

Só quando viu que os Escolhidos portavam espadas entendeu que aquela devia ser a Guarda Imperial de que o Brilho lhe falara. Ou pelo menos alguns de seus membros.

Tal fez uma saudação e ofereceu luz. Sua som-bra-guardiã sentou-se a seus pés, mais uma vez assumindo a forma de um inofensivo dattu.

— Sou Ethar, Guardiã de Sua Majestade, Senhora-das-Sombras da Ordem Violeta — disse uma guarda, uma mulher alta que parecia ter a mesma idade da mãe de Tal. — O que você está

fazendo aqui?

Tal se endireitou após o cumprimento, mas continuou com os olhos voltados para o chão. De repente, teve a sensação de que essa não tinha sido uma idéia muito inteligente. Não havia mais ninguém além dos guardas. Talvez ele devesse ter ido a algum outro lugar. Talvez o Brilho da Ordem Anil tivesse lhe pregado uma peça.

— Eu... Eu quero ver a Imperatriz — gaguejou. As desiluminâncias em seu pulso tilintavam enquanto ele falava, lembrando-lhe de como já estava perto do rebaixamento para a Ordem Vermelha ou coisa pior. Talvez fosse receber mais desiluminâncias só pelo fato de ter ido ali.

— Você quer ver a Imperatriz? — Ethar repetiu asperamente. E avançou com passos firmes na direção de Tal, até uma distância em que o olhava do alto. Seu Espírito-Sombra bem no lado, os quatro braços já se esticando, como se fosse agarrar o garoto a qualquer momento.

— Sim — disse Tal. — Gostaria de pedir a ela uma nova Pedra-do-Sol Original para a minha família. O que aconteceu é que perdemos nossa Pedra-do-Sol Original porque meu pai está desaparecido...

— Qual é o seu nome? — interrompeu Ethar.

— Tal Graile-Rerem — disse Tal. — Meu pai, Rerem, é um Cintilante do Quarto Círculo. Ele... ele desapareceu recentemente numa missão para a Imperatriz.

Com o canto do olho, Tal viu que Ethar ao menos reconheceu o nome de seu pai, porque, por um segundo, olhou para trás em direção aos outros guardas.

— Então, Tal, por que deveríamos deixá-lo passar para ver a Imperatriz?

— Hum... por quê? — repetiu Tal. — Porque eu preciso de ajuda?

Todos os guardas riram ao ouvir isso, e Ethar recuou um pouco, assumindo uma postura menos ameaçadora. Seu Espírito-Sombra também deslizou para trás, diminuindo de tamanho até ficar aos pés dela.

Tal deixou escapar um pequeno suspiro de alívio. O que quer que tenha dito, eles pareciam mais amigáveis agora.

— Não é tão fácil assim — explicou Ethar. — Se você quer ver a Imperatriz, precisa primeiro pedir autorização para os Sêniores de sua própria ordem e obter passes deles. Você não fez isso, não é mesmo?

— Não — disse Tal abatido. Lembrou do Mestre-das-Sombras Sushin, Estrela Brilhante da Ordem Laranja. Ele se encarregaria de garantir que Tal jamais conseguisse um passe. — Acho que eles não me concederiam um passe.

Os guardas riram de novo quando ele acabou de falar. Nesse instante, Tal sentiu mais raiva do que medo. O que havia de tão engraçado no fato de sua família estar com problemas e de ele estar se esforçando ao máximo para ajudá-la?

— Bem, como você já está aqui — disse Ethar, com um sorriso se abrindo lentamente em seu rosto —, acho que podíamos jogar um jogo. Se você vencer, deixaremos você passar. Se perder, você pode... deixe-me ver... me dar a sua Pedra-do-Sol.

— Que jogo? — sussurrou Tal. Parecia ser uma chance. Mas se ele perdesse sua Pedra-do-Sol, perderia sua sombra-guardiã. Não seria mais um Escolhido. Teria que passar a fazer parte do Povo Inferior.

Ethar apontou para uma mesa num canto, entre dois guardas. Tal reconheceu imediatamente

o tempo, pois era projetado para ser um tabuleiro de jogo. Havia uma fileira de sete retângulos entalhada, a meia distância da borda, um círculo de mármore branco no meio e outra fileira de retângulos no lado oposto. Um baralho de grandes cartas de papelão ficava no círculo de mármore branco.

— Criaferas — disse Ethar. — Você aceita o desafio?

Tal sabia jogar Criaferas, mas as partidas eram raras, pois ninguém mais sabia como confeccionar as cartas ou o círculo do combate. Mas o tio-avô Ebbitt tinha um tabuleiro e Tal tinha jogado com bastante frequência. Com muito mais frequência do que qualquer um teria suspeitado, em se tratando de um garoto da Ordem Laranja.

— Sim — disse Tal, consciente de que com uma palavra tinha selado o seu destino. Iria adiante para ver a Imperatriz ou seria derrotado, indo se juntar ao Povo Inferior.

Tudo dependia de uma única partida de Criaferas.

Capítulo 8

Tal sentou-se à mesa do jogo e Ethar se acomodou do lado oposto. Sentiu-se estranhamente calmo depois de ter aceitado o desafio. Baixou os olhos e examinou as sete reentrâncias retangulares no tampo da mesa à sua frente. Sabia o que eram, mas teve a idéia de fingir ignorância a respeito do jogo. Desse modo, Ethar talvez pudesse subestimá-lo.

— Qual é a ordem mesmo? — perguntou ele, apontando para os retângulos.

— Cabeça, Coração, índole, Pele, Velocidade, Força e Especial — disse Ethar rapidamente. — Cada retângulo, ao final, abrigará uma carta, e essa carta especifica as características da fera. A carta Força determina a força, a carta Velocidade determina a rapidez, e assim por diante. Quando as cartas tiverem terminado e estiverem todas em seus lugares, serão produzidas, pela combinação dessas características, duas feras de luz sólida com doze centímetros cada uma, que se enfrentarão no círculo de mármore no centro da mesa. Ganha o jogo quem fizer as melhores combinações de cartas e criar a fera vitoriosa.

Cada carta podia ser modificada duas vezes com a utilização da luz. Portanto, mesmo quando uma carta estava em seu lugar, e o adversário podia vê-la, ainda era possível uma mudança. O truque do jogo era fazer o outro jogador pensar que estava sendo criado um determinado tipo de fera e depois modificá-la no último momento, por meio da alteração das cartas que regiam as sete características.

Também havia a sorte, é claro. Existiam cem cartas, mas cada jogador só podia utilizar sete, e cada uma delas possuía três variações possíveis.

Tal tinha esperança de ter sorte.

Outro guarda distribuía as cartas, uma de cada vez como era de praxe. Tal pegou sua primeira carta e sentiu o calor. As cartas do Criaferas eram feitas com Pedras-do-Sol do tamanho de uma cabeça de alfinete, fixadas em papelão bem grosso. As Pedras-do-Sol as aqueciam e também criavam retratos muito realistas das feras nas cartas. Quase todas as cartas mostravam criaturas de Aenir, além de umas poucas feras que pareciam não existir nem lá, nem no Castelo.

A primeira carta de Tal era um Falaropo, um animal marinho que flutuava e tinha milhares de pequenos tentáculos venenosos. Seu único uso concreto era na categoria Especial, porque a fera já criada ganharia tentáculos venenosos. Tal sabia que essa carta poderia se transformar num Kurshken, se utilizasse luz verde de sua Pedra-do-Sol. Kurshkens eram lagartos pequenos, mas muito espertos e rápidos, portanto seriam bons tanto em Velocidade quanto em Cabeça.

Infelizmente, Tal não sabia qual era a terceira variação da carta. Tinha uma vaga lembrança de que talvez pudesse se converter num Musgabração sob a luz vermelha, mas não tinha certeza. Os Musgabraços eram particularmente desagradáveis. Pareciam um tapete de confortável musgo verde, mas podiam pular sobre a presa e envolvê-la em questão de segundos. Para o jogo, uma carta do Musgabração seria útil em Pele ou em Força.

— Posso começar, se você quiser — disse Ethar. Isso daria a Tal uma pequena vantagem, portanto ele concordou rapidamente com a cabeça.

— Coração de Borzog — anunciou Ethar, pondo a carta no segundo retângulo diante de si. Tal olhou para a carta, que exibia uma criatura temível, semi-humana e muito peluda, com aproximadamente a largura de três pessoas. Era uma boa jogada inicial. Um Borzog costumava

lutar até a morte, e mesmo depois dela. Uma vez que agarrava sua presa, nunca a soltava, mesmo depois de morto. Tinha o coração forte, com certeza.

— Hum... ééé... Cabeça de um... seja lá o que for isso — anunciou Tal, jogando o Falaropo no retângulo da Cabeça. Depois ia convertê-lo num Kurshken, mas esperava que Ethar pensasse que ele não sabia o que estava fazendo.

— Falaropo — disse Ethar. Ela olhou para a coisa cheia de bulbos, com muitos tentáculos, e acrescentou: — Parece mesmo um cérebro gigante.

— Foi o que pensei — disse Tal, fingindo estar aliviado. — Um cérebro gigantesco, perfeito para a Cabeça.

O outro guarda deu mais uma carta para ambos. Tal pegou a sua lentamente. A princípio, tudo o que podia ver na carta era um par de olhos vermelhos. Em seguida, lentamente foi percebendo um contorno em volta deles. A carta estava lhe revelando alguma coisa escondida numa caverna, apenas com os olhos visíveis.

Em seguida, Tal se lembrou e mal reprimiu um calafrio de horror. Essa carta era de um Bocaverna. Essas horripilantes criaturas de Aenir cavavam buracos nas encostas das montanhas e depois entravam neles de costas com suas enormes mandíbulas abertas. O que pensou serem olhos brilhantes era na verdade alguma coisa parecida com amígdalas no fundo da garganta da criatura.

Sempre que algo se aproximava o bastante, a mandíbula extensível do Bocaverna avançava pronta para abocanhar sua presa e arrastá-la para dentro, para ser lentamente digerida.

No jogo Criaferas, a carta do Bocaverna era pouco comum. Podia ser jogada em Velocidade, porque sua mandíbula era incrivelmente rápida para abocanhar. Ou, então, podia ser jogada em Especial, para dotar a fera criada de uma mandíbula extensível.

As variações não eram muito úteis, ou pelo menos até onde Tal sabia. A luz laranja converteria a carta num Jorbit, uma criatura de hábitos noturnos, razoavelmente rápida, de pouquíssima inteligência, que se alimentava de capim. A luz violeta a converteria num Rorarch, uma das estranhas criaturas de pedra de Aenir. Isso poderia parecer útil para Pele mas, na verdade, o Rorarch era de pedra muito que- 81 bradiça e poderia ser partido em pequenos pedaços por um único golpe contundente. Tal não queria que a fera criada por ele se despedaçasse no primeiro embate.

— Velocidade de um Gorblag — disse Ethar, jogando uma carta que parecia um grande e brilhante sapo azul, gordo demais para fazer qualquer coisa. Mas uma das variações do Gorblag era o incrivelmente vigoroso Pulgácaro, um inseto que podia se mover mais rápido do que um olho humano podia acompanhar. Tal sabia que, mais tarde, Ethar ia modificar essa carta.

— Velocidade de Bocaverna — contra-atacou Tal, jogando sua carta. Não iria modificá-la. Mesmo que Ethar convertesse sua carta da Velocidade em Pulgácaro, este não seria mais rápido que o Bocaverna.

— Você já tinha jogado antes — observou Ethar. — Poucas pessoas se lembram que o Bocaverna pode ser jogado para Velocidade.

— Uma vez vi meu tio-avô usá-la desse modo — disse Tal, ainda tentando dar a impressão de ser um completo principiante no Criaferas.

O jogo passou a transcorrer com mais rapidez. Em poucos minutos, tanto Tal quanto Ethar tinham seis dos sete retângulos preenchidos com cartas. Se preenchessem o sétimo, suas feras

estariam criadas, sem nenhuma chance de modificar qualquer carta disponível. Ethar deixara seu retângulo de Força vazio, e Tal, o de índole.

Como esperava, Ethar começou a mudar suas cartas em vez de jogar a sétima. A cada mudança, Tal ia ficando mais preocupado. Ele também estava fazendo modificações, mas não tinha certeza de que terminaria com a melhor fera.

— Você disfarçou bem a sua habilidade — disse Ethar enquanto convertia a suave besta de carga Klatha, no seu retângulo de índole, na loucamente malévola Vingagera, uma criatura que atacava até mesmo os de sua própria espécie se invadissem o seu território, demarcado por um odor característico.

Tal concordou com a cabeça, mas não estava prestando atenção ao que Ethar dizia. Tudo dependia de ele conseguir criar a melhor fera. Agora que Ethar modificara a índole de sua fera, Tal teve a idéia do que jogar naquele retângulo. Mas, uma vez que colocasse a carta, sua fera estaria completa. Será que precisava fazer alguma mudança?

Rapidamente, examinou com atenção os sete retângulos. Cabeça de um Kurshken. Pele de um Semidragão. Índole... era o que estava faltando. Coração de um Hrugem, uma tentativa arriscada, pois era na verdade um tipo de erva daninha que nunca parava de se espalhar, crescia por toda parte em Aenir e aparentemente não podia ser erradicada. Velocidade de Bocaverna. Força de Malignofídio, uma cobra estranguladora e canibal das florestas de Aenir, que se alimentava principalmente de outras de sua espécie, depois de combates que duravam semanas e só acabavam com uma das duas esmagada até a morte. Especial, a perícia do Besouro Transluzente para voar.

Analisou todas as combinações em sua cabeça, enquanto Ethar só esperava o lance dele, com a mão já a meio caminho de sua própria jogada.

— Ver a Imperatriz ou perder a sua Pedra-do-Sol, — disse ela — o que vai ser?

— Índole de um Dente-de-Gelo — disse Tal, jogando a sua carta final e trancando todas as outras cartas. Essa foi a sua maior aposta. Ele não conhecia o bastante sobre essa carta e suas propriedades. Mas se lembrou do tio Ebbitt dizendo que os Dentes-de-Gelo de Aenir estavam entre as criaturas mais perigosas do mundo dos espíritos. Aparentemente, nunca se zangavam, ou desanimavam, ou tinham qualquer tipo de emoção. Apenas lutavam utilizando o máximo de seus poderes, nunca se deixando perturbar pelo perigo, por ferimentos ou por qualquer outra coisa.

— E Força de um... Malignofídio — disse Ethar, jogando exatamente a mesma carta que Tal. — Que a batalha comece!

Capítulo 9

Tanto Tal quanto Ethar se afastaram da mesa depois de jogarem as cartas finais. Embora ninguém mais soubesse como fazer tableiros de Criaferas, todo mundo tinha ouvido falar na explosão de um deles anos antes, quando todas as Pedras-do-Sol pegaram fogo de repente.

Mas esse tableiro de Criaferas parecia estar funcionando perfeitamente. As cartas, em seus retângulos, começaram a brilhar pouco a pouco, cada vez com mais intensidade, e uma névoa brilhante se formou em cada lado da mesa. Em seguida, deslocaram-se lentamente para o círculo de batalha no centro da mesa e começaram a materializar formas.

Tal prendeu a respiração, imaginando que aparência teria sua fera. Por dentro, ansiava ardentemente que da massa de névoa brilhante ainda sem forma se originasse a melhor fera jamais criada, uma campeã que conquistasse o seu acesso à Imperatriz. Em breve, todos os seus problemas poderiam estar resolvidos!

Então, a névoa brilhante tornou-se sólida, dando origem a uma fera colorida e reluzente. Era esguia, semelhante a um lagarto, com a diferença que ficava de pé com as patas traseiras e tinha asas. A pele era escamosa e nela cintilavam muitas cores diferentes. Suas enormes asas, de aparência delicada, também eram multicoloridas e quase translúcidas. Era encantadora, até mesmo bela. Mas não parecia de modo algum forte ou perigosa.

Desapontado, Tal soltou a respiração e fechou os olhos. Não desejava olhar para a fera oponente, que também tinha assumido uma forma sólida a partir da brilhante esfera de névoa, no outro lado do círculo.

— Interessante — disse Ethar em tom perplexo. Tal entreabriu um dos olhos. A fera de Ethar era realmente feia. Assemelhava-se a uma esfera de gordura de baleia, cor de ferrugem, com três pernas-braços saindo do alto e três saindo de baixo. Possuía quatro pares de olhos espalhados em seu centro, e embaixo de cada um, bocas independentes, com muitos dentes.

Enquanto Tal a observava, a coisa se atirou sobre as pernas-braços superiores e, em seguida, saltou de volta, muito rápido. Então, deliberadamente, jogou-se para trás e, realmente, pulou muito alto, sem utilizar nenhuma de suas pernas-braços.

A fera de Tal apenas observou a coisa esférica e saltadora e permaneceu lá, suas asas batendo como as de um beija-flor. Só quando olhou mais de perto é que Tal percebeu que a sua criatura não estava de pé — flutuava a três centímetros acima do mármore branco do círculo de batalha.

O círculo de batalha começou a mudar de cor, do mármore branco para o vermelho, indicando o início do combate. Tal deu um passo à frente, assim como Ethar e todos os guardas, que se amontoaram ao redor.

Rapidamente, Tal examinou as cartas de Ethar, na esperança de ver alguma falha que sua fera pudesse explorar.

Ethar tinha jogado a Cabeça de um Dofyn, o que era um lance bastante usual, pois os Dofyns eram habitantes marinhos de Aenir, imensamente inteligentes. Em seguida, o Coração de Macaco Nifraim. A índole de uma Vingagera. A Pele de um Bloreem que, até onde Tal podia se lembrar, era o que conferia à fera uma pele com a espessura e a elasticidade da gordura de uma baleia. A Velocidade de um Pulgácaro. A Força de um Malignofídio. E, por fim, o Especial de um Gorgomongo. Tal não tinha a menor idéia do que fosse isso, mas, agora que havia visto a fera

criada, supôs que tinha de ser a capacidade de saltar.

O círculo de batalha piscou três vezes em vermelho. Na última vez, de repente, o lagarto de Tal voou, arremessando-se para frente, enquanto o barril-de-banha de Ethar saltou. Eles se enfrentaram num agitar de asas, dentes e garras e se separaram também rapidamente.

— Pela luz!! Um golpe certo! — gritou Ethar, apontando para as gotas de sangue verde-esmeralda que jorravam dos antebraços da fera-lagarto.

— O meu também — disse Tal, apontando para os cortes na pele gordurosa da fera saltadora. Mas seu coração ficou apertado porque a gordura era muito densa e os cortes não pareciam profundos.

Antes que Tal terminasse de falar, o barril-de-banha atacou de novo, agindo de acordo com sua índole de Vingagera. Dessa vez, a fera-lagarto não foi ao seu encontro, mas lançou-se e ficou esvoaçando, enquanto o barril-de-banha saltava e investia, esticando suas múltiplas pernas-braços a fim de agarrar e dilacerar.

A fera-lagarto era rápida demais para ser apanhada, mas o barril-de-banha também era rápido o bastante para atacar com facilidade. Eles saltaram e voaram, simulando ataques e recuos, movendo-se tão velozmente que era impossível acompanhá-los.

Em seguida, a criatura-lagarto precipitou-se de repente e perfurou o olho do barril-de-banha. Este, guinchando de fúria, o primeiro som que qualquer das duas feras tinha produzido, agarrou a asa da fera-lagarto com um de seus membros de três dedos.

Houve um som de dilaceramento e parte da asa se desprendeu. A fera-lagarto pulou para trás, mas era óbvio que não podia mais voar.

— Não! — gemeu Tal.

A fera-lagarto deu um ganido para zombar do barril-de-banha, como se não se importasse com a asa dilacerada. O barril-de-banha, com o olho sangrando, jogou-se para trás e em seguida saltou para frente para esmagar o adversário.

Mas mesmo sem asas, a fera-lagarto era muito rápida. Arremeteu pela lateral e uma garra perfurante arrancou outro olho do barril-de-banha. Furioso, a grande esfera de banha mudou de direção para se atirar sobre o lagarto cor de arco-íris.

Mais uma vez, a fera-lagarto saiu do caminho bem a tempo. Em seguida, subitamente recuou, enquanto o barril-de-banha estava mudando de direção, e perfurou o pé da criatura bulbosa.

— Isso mesmo! — gritou Tal, dando murros no ar. O lagarto tinha perfurado até o fim a perna-braço do barril-de-banha, arrancando-lhe o pé.

Entretanto, a criatura ainda tinha dois pés daquele lado, e uma das outras pernas-braços girou transversalmente atingindo o lagarto na cabeça. A fera colorida foi jogada no meio do círculo e parecia estar desorientada. Ficou lá prostrada, sem fazer qualquer movimento, enquanto o barril-de-banha atirava-se no ar para voltar a ficar sobre as três pernas-braços boas do seu outro lado.

— Levante-se! Vamos, lagarto! — gritou Tal.

— Mate! — gritou Ethar. Os outros guardas também gritaram, alguns incentivando a fera de Tal, outros a de Ethar.

Lenta e perversamente, o barril-de-banha avançou em direção ao lagarto imóvel. Em seguida, começou a saltar. Um pequeno salto, depois um outro mais vigoroso, até estar

alcançando um quarto de trecho ou mais. A cada salto, aproximava-se mais e mais do lagarto indefeso. Era óbvio que pretendia esmagar a fera de Tal até a morte.

Tal assistia à cena, horrorizado. Embora aqueles seres fossem apenas coisas criadas de luz mágica, ele não podia suportar ver seu lagarto ser morto. Parou de pensar em tudo o que dependia dessa pequena fera de muitas cores. Apenas desejava que sobrevivesse.

Quando o barril-de-banha se arremessou para dar o salto final, Tal fechou os olhos. Sentia-se nauseado. Tudo estava acabado.

De repente, os guardas berraram, mas eram gritos de surpresa, não de triunfo por Ethar. Os olhos de Tal se abriram rapidamente e viram a fera-lagarto voando ao redor do atordoado barril-de-banha, precipitando-se para arrancar seus olhos, um por um.

— O que aconteceu? — perguntou ele a um dos guardas que tinham apostado em seu lagarto.

— A sua fera enganou o barril-de-banha — disse o guarda alegremente. — Esse lagarto tem quatro ou cinco camadas de asas. Ainda podia voar e não estava inconsciente. Fera esperta, garoto.

Mas apesar de ter perdido mais olhos, a batalha ainda não estava terminada para o barril-de-banha. A criatura tinha o Coração de um Macaco Nifraim, por isso não podia desistir. Sangrando por uma dúzia de ferimentos, cambaleava atrás do lagarto, perseguindo-o por todo o círculo.

— Agora é só uma questão de tempo, garoto — disse o guarda amigável. — Bem...

O que quer que o guarda fosse dizer ficou entalado em sua garganta quando, de repente, a porta mais distante se escancarou com um barulho típico de dobradiças enferrujadas. Como todo mundo, Tal olhou atentamente.

Alguma coisa enorme e muito, muito escura estava saindo pela porta. Tal se deu conta de que era um Espírito-Sombra, o maior que já tinha visto. Sua cabeça, cheia de pontas de ferro e saliências, era tão larga e alta quanto a porta, por isso teve que lutar para atravessá-la. Logo a seguir vinha um pescoço sinuoso, mas qualquer que fosse o corpo que se estendia para trás era grande demais, a não ser que o Espírito-Sombra decidisse encolhê-lo.

De repente, Tal percebeu que era o único a permanecer de pé. Todos os guardas tinham caído de joelhos e faziam reverências na direção do Espírito-Sombra. Tal continuou de pé olhando-o fixamente, até que a sua sombra-guardiã alongou-se e o puxou pela parte da frente da sua túnica.

Só então ele entendeu o que — ou quem — era esse Espírito-Sombra. Só podia ser o poderoso Sharrakor, o Espírito-Sombra da própria Imperatriz. O único em toda a sua espécie a possuir um nome.

A enorme cabeça de Sharrakor empinou-se no pescoço espiralado e sua boca se abriu. Tal viu dentes de sombra e variadas tonalidades de escuridão.

Em seguida, Sharrakor cuspiu um grande bocado de sombra que sibilou pelo ar, bem na direção de Tal!

Tal se abaixou rapidamente, mas, de qualquer modo, a cusparada de sombra não estava destinada a ele. Atingiu a mesa de Criaferas. Houve um lampejo luminoso, um súbito chiado, e a fera-lagarto e o barril-de-banha, ainda em combate, desapareceram.

Tal olhou para o círculo de batalha vazio, onde pequenas sombras escorriam como água pelas bordas da mesa, até o chão. Agachou-se quando vários fragmentos de sombra fluíram de volta para Sharrakor, passando perto dele. Trêmulo, percebeu que o Espírito-Sombra tinha cuspidado uma porção de si mesmo. Agora, todas aquelas pequenas sombras estavam se reunindo ao todo.

Tal limpou a garganta, prestes a protestar com o Espírito-Sombra pela destruição do jogo, mas a sua sombra-guardiã deu um pulo e se jogou sobre a boca do garoto, como uma mordada instantânea. Tal tentou estender as mãos para tirá-la de lá, mas o Guarda Imperial amigável também o segurou e ele não teve como se mover.

As últimas porções de cuspe de sombra retornaram para Sharrakor. A cabeça do Dragão-de-Sombra girou de um lado para o outro, como se estivesse à procura de outro alvo. Em seguida, foi se retirando lentamente para o lugar de onde tinha vindo. Quando tinha se retirado por completo, a porta se fechou com um rangido atrás dele.

A sombra-guardiã de Tal pulou para fora de sua boca e, nitidamente, os Guardas Imperiais relaxaram.

— O que.... — começou a dizer Tal, mas não continuou. O guarda amigável e Ethar o pegaram e praticamente o atiraram porta afora.

— Vá embora — disse o guarda amigável. — Vá!

— Mas eu venci! — protestou Tal. — Pelo menos a minha fera estava vencendo!

— Não devíamos ter jogado — disse Ethar, carrancuda. — O erro foi meu, por isso você não receberá mais punições.

— Mas eu... — disse Tal.

— Sharrakor veio aqui porque a Imperatriz não quer um garoto da Ordem Laranja na Violeta Superior — disse Ethar com rudeza. Deu um forte empurrão em Tal, fazendo-o cambalear para trás, enquanto sua sombra-guardiã tentava mantê-lo de pé, segurando-o pelas pernas. — Volte lá para baixo, garoto!

Tal encarou-a por um momento, furioso por ter sido enganado. Mas o que viu nos olhos de Ethar não era ódio ou desprezo, mas sim medo. O guarda amigável também estava amedrontado.

— Mas eu voltarei — murmurou Tal. — E serei recebido pela Imperatriz. Vou conseguir minha Pedra-do-Sol!

Mas sua coragem logo diminuiu porque o que quer que tenha assustado dois Brilhantes da Ordem Violeta era mais do que bastante para assustá-lo também. Deu meia-volta, desceu correndo pelas escadas, para os níveis normais da Ordem Violeta, e, em seguida, lançou-se pela rampa da lavanderia.

Percorreu a rampa de ponta a ponta, descendo quarenta e oito níveis, do Sétimo da Ordem Violeta ao Primeiro da Vermelha. As solas de couro de seus sapatos estavam fumegantes quando finalmente parou.

Tinha chegado tão perto de vencer o Criaferas e obter permissão para ver a Imperatriz.

Mas, pensou Tal com melancolia, ele não vencera. Não tinha conseguido uma nova Pedra-do-Sol. Todos os seus planos tinham dado em nada e não tinha nenhuma nova idéia. Pensou em sua mãe, dormindo o sono da doença em sua câmara solar. Em Gref, tentando escapar das luzes cegantes dos valentões do Lectorium. Em Kusi, pequena demais para entender, mas que mesmo assim chorava porque percebia que a família estava aflita. E em seu pai.

— Sharrakor apareceu, cuspiu no jogo e as feras sumiram — disse Tal. — Em seguida, Ethar e outro guarda me botaram de lá para fora.

— Agradeça ao sol, às estrelas e a todas as coisas de luz — disse Ebbitt, caindo de joelhos. — Garoto, será que você não sabe das coisas? Não se pode ir ver a Imperatriz sem permissão. Nunca!

— Eu só queria conseguir uma Pedra-do-Sol — disse Tal desanimado. Parecia que ele não conseguia fazer nada direito. — Preciso conseguir uma Pedra-do-Sol, de uma forma ou de outra. Pedi às primas, tentei vencer uma conquista e tentei ver a Imperatriz. Não consigo pensar em mais nada.

— Por que não? — disse Ebbitt. — Você é meu sobrinho-neto, não é? Deve ter herdado um pouco da minha tremenda capacidade de raciocínio.

— Não sei — disse Tal. Ele não estava convencido de que Ebbitt tivesse toda essa imensa capacidade de raciocínio. Seu tio tinha uma grande capacidade para conceber idéias excêntricas, mas isso não era a mesma coisa.

— Onde podemos encontrar Pedras-do-Sol? — perguntou Ebbitt. — Pedras-do-Sol que ainda não pertençam a ninguém. Um montão de adoráveis Pedras-do-Sol, prontas para serem levadas.

— Em lugar nenhum — respondeu Tal deprimido.

Ebbitt esticou as mãos em direção ao teto e pulando alegremente em círculo, cantou:

— Lá em cima perto do sol, o glorioso sol, onde os Dedos de Pedra se esticam cada vez mais, acima do sombrio Véu!

— Você está falando das torres? — perguntou Tal, incapaz de acreditar no que Ebbitt estava sugerindo.

— Sim — disse Ebbitt. Ele parou de pular e se ajoelhou perto de Tal, com um súbito ar de seriedade. — É perigoso, mas acho que é a única esperança agora. Todos os meios normais de se obter uma Pedra-do-Sol seriam sabotados por Sushin ou pelos Escolhidos a quem se aliou. Você terá de escalar uma das torres e roubar uma Pedra-do-Sol. Várias, aproveitando que já estará lá.

— Roubar uma Pedra-do-Sol? — perguntou Tal. — Mas e os guardas, os Espíritos-Sombra, as armadilhas?

— Tente a Torre Vermelha — disse Ebbitt. — É a menos protegida. Sua sombra-guardiã parece bem esperta. Vai ajudá-lo a evitar as armadilhas.

Tal olhou para sua sombra-guardiã. Tinha assumido uma forma semelhante à sombra natural de Tal, mas com o peito corajosamente estufado. Era óbvio que considerava boa idéia o roubo de uma Pedra-do-Sol.

— Por onde eu teria de começar? — perguntou Tal. — Não sei sequer como chegar lá fora.

— Eu sei — disse Ebbitt. — Terá de passar pelos caminhos do Povo Inferior, ocultos para os Escolhidos. Mostrarei a você.

Tal olhou fixamente para o velho e depois para a sua envaidecida sombra-guardiã. Parecia extremamente arriscado, mas não conseguia pensar em mais nada.

— Tudo bem — disse por fim. — Mas primeiro quero ir para casa e descansar um pouco.

E, pensou ele, podia se despedir de sua mãe, de Gref e de Kusi. Para o caso de não retornar.

— Ótimo! — exclamou Ebbitt. — Tenho certeza de que vai ser muito divertido!

PARTE DOIS: DEPOIS

Capítulo 11

“Muito divertido, muito divertido, muito divertido, muito divertido...”

A voz de Ebbitt ecoava na cabeça de Tal, acompanhada de um barulho estranho e ensurdecedor. Estava incrivelmente escuro e frio. Por alguns segundos, Tal pensou que tudo aquilo fosse um terrível pesadelo. A qualquer momento, acordaria sob a luz suave dos seus aposentos.

Mas estava acordado!

Seguira o conselho de Ebbitt. Tinha escalado a Torre Vermelha e tinha caído, passando direto através do Véu. Em poucos segundos, atingiria os telhados do Castelo e aí...

De repente, Tal se deu conta de que não estava caindo, mas oscilando, como uma pena soprada pelo vento. Alguma coisa agarrava-se ao redor do seu peito e da sua cintura com bastante força.

Levantou a cabeça, tentando olhar à sua volta, mas não conseguia enxergar nada. As trevas eram absolutas, a escuridão mais total que já tinha experimentado. Um escuro tão temível que sua mão procurou automaticamente a Pedra-do-Sol.

Mas não a encontrou. A corrente ainda estava em seu pescoço, mas a Pedra-do-Sol parecia ter sumido. Desesperado, Tal puxou a corrente, na esperança de que seus dedos achassem a Pedra-do-Sol.

Mas de algum modo a corrente tinha ficado presa. Puxou-a com força outra vez e, de repente, uma luz brilhou atrás dele. Ouviu, então, um som que achou extraordinariamente reconfortante — o assvio de advertência de sua sombra-guardiã!

Girou a cabeça para trás e viu que a sombra-guardiã estava agarrada a ele. Tinha criado quatro braços para segurá-lo bem apertado e um par de asas bem compridas e finas. Era por isso que ele não estava caindo! Ele e a sombra-guardiã estavam planando ao vento.

Tal riu, um riso meio louco de alívio. Estava se afastando rapidamente do Castelo, carregado pelo vento para dentro da escuridão. Mas tinha sua sombra-guardiã e sua Pedra-do-Sol, assim esperava.

O riso desapareceu quando tudo ficou escuro de novo. Tal passou a mão pela corrente. Ainda estava lá. Ele a puxou, sua sombra-guardiã assoviou. Puxou novamente e sua sombra-guardiã assoviou mais alto.

Finalmente entendeu. A sombra-guardiã devia ter se transformado em volta de sua Pedra-do-Sol, extraíndo dela cada pequena partícula de sua luz para se tornar tão grande e forte quanto pudesse. Todas as sombras precisam de luz para existir. Sem a Pedra-do-Sol, a sombra-guardiã se dissiparia na escuridão total sob o Véu.

Havia muita neve. Os flocos frios e úmidos não paravam de cair no rosto de Tal, deixando-o totalmente enopado. Lembrava-se de ter ficado desacordado, mas não sabia por quanto tempo. Suas mãos e pés congelados indicavam que devia ter sido por um bom tempo.

Olhou para baixo. Só havia trevas, tão aterrorizantes que Tal teve de fechar os olhos. Era melhor fingir estar dormindo do que olhar para um mundo sem luz.

Por um momento, pensou que talvez estivesse morto. Não havia nada do lado de fora do Castelo. Ele tinha morrido e ido para algum outro lugar... Talvez fosse continuar caindo para sempre.

Mas, na verdade, não se sentia como se estivesse morto. Seu corpo tremia, tanto de frio quanto de medo. Sentiu a sombra-guardiã se mexer um pouco, tentando circular em volta dele para lhe dar uma proteção a mais contra o frio, embora a maior parte de sua carne-sombra estivesse sendo utilizada para mantê-los planando.

Continuaram voando interminavelmente. Tal perdeu a noção do tempo e a sensibilidade no rosto e nas mãos. De vez em quando, abria os olhos, pestanejando por causa da neve e de suas próprias lágrimas congeladas. Mas ainda não havia qualquer sinal de luz.

Depois, quase ficou inconsciente de novo e inteiramente gelado. Pensou que ia realmente morrer desta vez e que esse vôo horrendo através da escuridão e da neve jamais chegaria ao fim. Foi então que viu um brilho intenso vindo de algum lugar mais abaixo.

— O Castelo! — Tal berrou, ou tentou fazê-lo, mas seus lábios estavam colados pelo frio, e tudo o que saiu foi um grito abafado.

A sombra-guardiã inclinou as asas e eles tomaram a direção daquela luz distante. Com certeza era o Castelo, pensou Tal, não percebendo que o vento devia tê-los arrastado para longe de casa. Até onde sabia, não havia mais nada em todo o Mundo Escuro. Tinha que ser o Castelo.

Mas quando se aproximaram mais, ficou perplexo; sua mente cansada e enregelada confundiu-se com o que via. A luz era escassa e fraca demais para estar vindo do Castelo. Deveria haver centenas de luzes, milhares de luzes!

Ainda estava imaginando o que aquilo poderia ser quando, de repente, a sombra-guardiã assoviou e bateu as asas freneticamente, tentando desesperadamente reduzir a velocidade.

Três longuíssimos minutos depois, Tal e a alada sombra-guardiã se chocaram contra a encosta de uma colina, mergulhando num monte de neve profundo e úmido e espalhando-a em todas as direções.

Capítulo 12

Mergulharam bem fundo num monte de neve. Afundaram tanto que Tal pensou seriamente que morreria asfixiado antes de conseguir voltar à superfície. Pelo menos a sombra-guardiã tinha largado a Pedra-do-Sol e, por isso, havia alguma luz e ele podia saber que direção tomar para a superfície.

Ou pensou que soubesse. Estar metido num monte de neve era um pouco como estar debaixo d'água. Estava cercado por todos os lados pela neve fria e úmida que não parava de entrar em seu nariz e em sua boca toda vez que tentava respirar. O único modo de se mover era fazer algo entre nadar e cavar.

Felizmente a Pedra-do-Sol o aqueceu e iluminou o caminho. Quando finalmente, com muita dificuldade, saiu do monte e cambaleou até um ponto onde ficava com neve apenas pela cintura, ergueu a Pedra-do-Sol e concentrou-se nela. A pedra ficou mais brilhante e ondas de ar quente fluíram sobre suas mãos e roupas ensopadas.

Ele gemeu e fez caretas quando o ar quente devolveu a sensibilidade a suas mãos e ao seu rosto.

Ficou ali por um tempo que lhe pareceu horas, o ar quente fluindo ao seu redor, tanto quanto ele conseguia gerar com a Pedra-do-Sol. Mas ainda não era o bastante para ficar realmente aquecido. Sua sombra-guardiã estava cobrindo seus ombros como uma capa extra, mas isso não ajudava.

Pior até mesmo do que o frio era a sensação de desorientação. Só havia neve em volta dele, pelo menos até onde chegava a luz da Pedra-do-Sol. Não havia outras luzes na escuridão.

Era uma paisagem completamente desconhecida para Tal, mais estranha até que o mundo dos espíritos de Aenir. Pelo menos já tinha estado lá antes e fora treinado para lidar com ele. Também sabia como ir embora de Aenir. E se ficasse preso nessa terra gelada e deserta para sempre?

O calor da Pedra-do-Sol ajudou Tal a pensar um pouco. Era familiar e reconfortante, mesmo que ao derreter a neve ao redor de suas pernas as deixasse molhadas, enquanto o resto do corpo permanecia seco.

— Preciso voltar para o Castelo — disse Tal. Falar em voz alta fez isso parecer mais provável. Em seu ombro, a sombra-guardiã, que se transformou numa cabeça, fez um movimento afirmativo em sinal de concordância.

Falar era mais fácil do que fazer, pensou Tal, olhando à sua volta. A Pedra-do-Sol iluminava uma pequena área ao redor, mas, dez trechos adiante, tudo ficava escuro novamente. Não havia sinal daquela outra luz que tinha visto de cima.

— Qual é o caminho para o Castelo? — perguntou ele, com a esperança de que a sombra-guardiã soubesse.

A criatura se mexeu em seu ombro e em seguida projetou um braço fino de um único dedo, apontando para determinada direção.

— Para aquele lado — disse Tal. Parecia o mesmo que todos os outros lados. — Fica longe?

A sombra-guardiã não respondeu, mas ele sentiu que ela se movia, como que se estivesse encolhendo os ombros. Tal pensou na pergunta por um momento e em seguida a reformulou.

Estava acostumado a trabalhar a comunicação com a sombra-guardiã. Muitas vezes, precisava fazer a mesma pergunta de várias formas diferentes.

— Qual é a distância até o Castelo, em trechos? — perguntou Tal. No Castelo, as distâncias eram medidas em trechos. Tal sabia que seu braço, do ombro até o pulso, media exatamente um trecho. E não precisavam de uma medida maior.

A sombra-guardiã estendeu uma das mãos e fez crescer dez ou doze dedos, que sacudiu para cima e para baixo, rápido demais para contar.

— Um longo caminho — traduziu Tal. Já esperava isso, mas de algum modo tivera a esperança de que fosse diferente. — Bem, acho que é melhor começar a andar.

Seguindo a rota indicada pela sombra-guardiã, avançou pela neve. Era um esforço árduo, mais árduo do que imaginava. A neve estava muito densa, e embora a onda de ar quente ao redor dele a derretesse um pouco, não era o suficiente para fazê-lo andar com mais facilidade.

Depois de algumas centenas de trechos, Tal estava exausto. Começara também a espirrar e sentia que a respiração ia ficando mais difícil. Se estivesse no Castelo, bastaria procurar seus pais, que podiam curar doenças simples como essa com suas Pedras-do-Sol. Mas Tal ainda não havia aprendido a Cura e por isso nada podia fazer, a não ser encarar o sofrimento.

Mas não ia desistir. Longe dali, sua mãe estava doente, de cama. O que aconteceu com Gref? E se o Espírito-sombra que levou Gref fosse semelhante ao que o atacou acima do Vêu? Gref podia estar morto ou ferido em algum lugar. Tal precisava voltar o mais rápido possível.

Algum tempo depois, a neve começou a ficar mais baixa e, embora fosse mais fácil atravessá-la, Tal passou a escorregar com mais frequência. Percebeu que estava andando no gelo, sob uma leve camada de neve.

— Um, dois, três...

Começou a contar os passos. Quando atingiu cerca de mil, perdeu a conta e teve que recomeçar. Sua sombra-guardiã também tinha que lhe indicar a direção correta de tempos em tempos, quando ele começava a andar em círculos. Tudo parecia igual. Gelo e mais gelo; não havia nada para se ver.

Ele já estava em mil e noventa e oito passos quando, de repente, percebeu que, apesar de ainda estar contando em voz alta, suas pernas tinham parado de se mover. Na verdade, tinha caído sobre a neve, exausto demais para entender o que estava acontecendo.

A sombra-guardiã estava puxando sua roupa com força, assoviando, tentando fazê-lo ficar de pé novamente. Tal riu de seus esforços, um riso histórico que o surpreendeu, porque o que estava acontecendo era exatamente o oposto de algo engraçado. Mas conseguiu se levantar e deu alguns passos, cambaleantes, seu riso se convertendo numa tosse sufocante.

Em seguida, viu a luz. Uma estranha e suave luz verde que se movia sobre o gelo mais rápido do que ele podia correr. Por um momento, pensou que eram dois imensos olhos verdes na cabeça de um monstro enorme que corria rapidamente em sua direção.

Quando a coisa chegou mais perto e reduziu a velocidade, Tal viu que a luz vinha de uma caixa puxada através do gelo, com um arreo, por seis criaturas de pêlo desgrenhado, com quatro patas, cabeças altas e galhos pontiagudos projetando-se do que ele imaginou serem as orelhas.

A caixa era uma espécie de carroça, como as que o Povo Inferior utilizava para o transporte. Mas em lugar de rodas, havia coisas compridas e finas, semelhantes a pés — foi o que Tal deduziu.

A suave luz verde vinha de esferas fixadas em ambos os lados da estranha carroça. Eram feitas de varas de osso firmemente trançadas, a luz saindo através das frestas.

Tal percebeu então que havia alguém na engenhoca. Por um segundo, sentiu-se incrivelmente aliviado. Tinha que ser alguém do Povo Inferior. Ele nunca entendera de verdade onde eles arranjavam toda a comida e todas as mercadorias utilizadas pelos Escolhidos. Obviamente estavam vindo para conseguir alguma coisa. Ia requerer o estranho transporte e fazer com que o levassem de volta para o Castelo imediatamente.

— Agradeço pela luz — disse ele ofegante, cambaleando e erguendo a sua Pedra-do-Sol, pronto para exibir luz e se identificar como um Escolhido.

Quando se deu conta, estava de cara no gelo, com sua sombra-guardiã enrolada em torno de seus joelhos — bem no momento em que uma lança zunia pelo ar, exatamente onde sua cabeça tinha estado!

Capítulo 13

O agressor fez um terrível som agudo enquanto Tal rolava desesperadamente para o lado. O medo lhe deu nova energia, e ele se pôs de pé e tentou fugir.

Mas a coisa que atirara a lança estava à sua frente — um pequeno monstro coberto de peles que lhe ocultavam as formas. Tinha o rosto inteiramente branco, pálido como osso, com marcas medonhas e olhos amarelos encovados. A boca era um buraco escuro e redondo.

Tinha também um machado com uma enorme lâmina, não de metal, mas de uma espécie de osso entalhado ou pedra translúcida.

Instintivamente, Tal levantou sua Pedra-do-Sol e dirigiu um jato de luz branca e quente para a criatura. Ela choramingou como um gato, levantou o braço para se proteger e avançou com as patas traseiras, balançando sinistramente o machado de um lado para o outro.

Tal cambaleou para trás, enquanto tentava manter a luz focada nos olhos da criatura. Mas a coisa tinha encostado o queixo no peito, evitando o feixe de luz. Mesmo assim, continuou avançando, uivando e arremessando o machado, a lâmina cortando o ar bem na frente de Tal, que recuava.

Logo iria pegá-lo. Ele estava cansado demais para continuar focalizando sua Pedra-do-Sol e acabaria escorregando. Se não reagisse, seria cortado em pedacinhos.

A sombra-guardiã também se deu conta disso, e Tal sentiu que ela deslizava de seus ombros, caindo no chão como uma mancha escura que imediatamente se converteu num Corvil, lançando-se contra o agressor.

A criatura, de cabeça baixa, só a viu quando era tarde demais. A sombra-guardiã mordeu-lhe um dos joelhos, os dentes de sombra atravessando a pele e possivelmente também a carne.

— Ai! — exclamou o monstro, soando surpreendentemente humano. — Pela Matriarca, você vai pagar por isso!

Tal hesitou, surpreso com aquela voz. Aquilo não era um monstro. Era uma garota! O rosto medonho era uma máscara, com lentes de âmbar nos olhos!

Mas garota ou monstro, ela continuava sendo um grande perigo. Percebendo o espanto de Tal, investiu contra ele, a extremidade cega de seu machado atingiu-o no estômago com um nauseante baque surdo. Sem ar, Tal caiu sobre o gelo, o feixe de luz de sua Pedra-do-Sol se projetando contra o céu.

— Não, não — implorou ele, levantando a mão como se pudesse evitar o golpe de machado que se seguiria. — Não me mate!

— Morra, ladrão! — gritou ela como resposta. — Este é um território do Clã dos Caçadores.

Depois disso, tudo pareceu acontecer em câmera lenta. Tal viu a garota erguer o machado acima da cabeça, a lâmina faiscando à luz da Pedra-do-Sol. Sua sombra-guardiã tinha se enroscado na perna dela, mordendo-a, mas ela nem parecia sentir.

O machado subia cada vez mais alto, e Tal podia ouvir a inspiração profunda da garota no momento em que ela se preparava para um golpe que o cortaria ao meio.

Em seguida, no exato instante em que o machado começou a descer, alguém gritou, com uma voz energética e imperativa de mulher que parecia acostumada a ser obedecida.

— Milla! Pare!

Mas a ordem veio tarde demais para deter o machado. Tal olhava fixamente para cima, hipnotizado. Aqueles instantes de espera prolongada lhe pareceram toda uma existência de terror.

No último ínfimo fragmento de um segundo, Milla desviou o machado que atingiu o chão bem ao lado da cabeça de Tal, lançando lascas de gelo em seu rosto.

Ele ficou lá, atordoado, enquanto a garota retirava a máscara e revelava um rosto pálido e oval e impressionantes olhos verdes. Havia neles uma fagulha de extremo ódio e suas faces estavam coradas pela emoção.

— Não pense que você vai sair vivo dessa, seu comedor de sombra — rosnou ela, dobrando o corpo e aproximando seu rosto do de Tal, tão perto que ele podia sentir o calor dela se desprendendo da pele. — A Matriarca vai entregá-lo para mim. Lutaremos novamente.

Em seguida, ela começou a se retirar com passos firmes e pesados, saindo do campo de visão de Tal. A sombra-guardiã voltou furtivamente para ele, enrolando-se ao redor do seu pescoço. Também parecia bastante contente de ficar longe daquela garota maluca.

Tal continuava deitado, imóvel. Parecia ser a melhor coisa a fazer, recuperar as forças. Ainda tinha sua Pedra-do-Sol e podia utilizá-la melhor agora que não estava atordoado. Podia ver que a garota tinha apenas uma sombra natural. Não era um Escolhido, o que significava que estava certo ao imaginar que o Povo Inferior passava por aquele lugar, ou tinha passado em outros tempos. A garota não se parecia com ninguém do Povo Inferior que já tivesse visto. Seu rosto era pálido, mas as faces eram coradas, o cabelo era louro bem claro, quase branco, e os olhos, de um verde penetrante. Tal nunca tinha visto um cabelo daquela cor e se deu conta de que nunca vira os olhos de ninguém do Povo Inferior. Eles sempre mantinham o rosto voltado para baixo.

Ainda estava deitado quando quem tinha gritado apareceu para observá-lo. Era uma mulher mais velha, já sem máscara. Estava vestida de forma diferente, com peles de aparência mais suave. Tal percebeu que Milla usava um tipo de armadura, mas essa mulher não. Tampouco carregava um machado.

— Levante-se — disse a mulher. — Ou vou entregá-lo a Milla para que ela o corte em pedacinhos e o dê como alimento para as Wreskas.

Tal se levantou. Quando a sombra-guardiã se moveu, a mulher deu um passo para trás, sorvendo ar entre os dentes.

— O que é isso? — perguntou ela.

Tal pensou por um momento, sem saber muito bem como responder. Essas pessoas, com suas sombras naturais, tinham de ser algum tipo de Povo Inferior. E a única maneira de tratar alguém de um Povo Inferior era dando ordens. Talvez ainda não tivessem notado que ele era um Escolhido!

— É minha sombra-guardiã — disse Tal com orgulho. — Sou Tal Graile-Rerem, da Ordem Laranja dos Escolhidos do Castelo. Quem é você?

Aparentemente não tinha dito a coisa certa. Milla, que estava se afastando, virou-se de repente com um resmungo raivoso e ergueu o machado. Mas a mulher mais velha levantou a mão e a garota guerreira parou.

— Ele não conhece nossos costumes — disse a mulher. — Algo estranho de se encontrar sobre o gelo. Há muita coisa aqui que precisamos saber.

Fez uma pausa, pensou um pouco, e em seguida disse:

— Sou a Matriarca do Clã dos Caçadores dos Homens-do-Gelo. Essa é Milla, que deseja se tornar uma Donzela Guerreira, e talvez ainda venha a sê-lo. Você virá conosco de volta para o navio, Tal Graile-Rerem.

Pronunciou seu nome de modo estranho e Tal não gostou nem um pouco da maneira como ela falou com ele. Afinal de contas ela só tinha uma sombra natural.

— Leve-me para o Castelo — ordenou. — Imediatamente.

Sua voz estava trêmula e soou fraca até mesmo a seus próprios ouvidos. Estava claro que tentar mostrar ao Povo Inferior quem era o chefe não funcionava aqui. Estes eram selvagens. Podiam fazer qualquer coisa.

— Por favor — acrescentou, com a voz falhando completamente.

A Matriarca olhou para ele e virou-se então para Milla. Tal não viu o que ela fez, mas Milla tirou alguma coisa guardada debaixo das peles. Um osso achatado e curvo que ela segurava por uma extremidade.

Tal ainda se perguntava o que seria aquilo quando foi atingido na cabeça e ficou inconsciente.

Quando Tal começou a cair, sua sombra-guardiã o segurou, amortecendo a queda, mas, antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, a Matriarca pulou sobre ela. Abriu uma grande bolsa e enfiou-a lá dentro, levando também um bocado de neve.

A sombra-guardiã começou a escorrer como um líquido através da grossa pele de Selski da bolsa. Mas novamente a Matriarca se antecipou, pondo a Pedra-do-Sol de Tal sob a camisa do rapaz, para esconder sua luz.

— Sem luz, a sombra que anda sozinha não pode se desenvolver — disse ela no meio da escuridão. — Isso faz parte do conhecimento das Matriarcas, Milla. Vou seguir o seu trenó, mas não de muito perto. Receio que a luz possa acordar a sombra.

— Tenho que levar isso? — disse Milla com petulância, apontando para Tal.

— Sim — disse a Matriarca. — E seja rápida. Ele é só um garoto e está com a doença da umidade em seus pulmões. Precisamos levá-lo para o navio antes que a morte se lance sobre ele.

— Vou me encarregar da morte dele — sussurrou Milla. Resmungou ao pegá-lo pelos braços e começou a arrastá-lo para o trenó. — Se ele fosse um invasor comum, eu estaria usando meu primeiro emblema de vencedora na hora de dormir!

— Mas ele não é um invasor, comum ou não — disse a Matriarca. Seus olhos pareciam brilhar na escuridão, embora as luzes no trenó estivessem muito afastadas para produzir qualquer reflexo. — Depressa, menina! Será que tenho sempre que falar duas vezes com você?!

Capítulo 14

Atentamente, Tal recobrou a consciência. A audição foi voltando primeiro, os ouvidos se enchendo de sons estranhos. Havia um zumbido indistinto e um certo som de esmigalhamento que lhe penetrava até os ossos.

Abriu os olhos e pôde enxergar com clareza. Não estava escuro, e ele deu graças por isso. A boa luz da Pedra-do-Sol tocou o seu rosto, luminosa e quente. Mas ele sentiu também outra luz. Uma luz suave e verde.

Sua cabeça doía. Na verdade, seu corpo estava todo dolorido. No entanto, estava aquecido graças às peles que alguém colocara sobre ele enquanto estivera inconsciente. Sentia-se estranho com tanto peso sobre si, mas, ao mesmo tempo, confortável, protegido contra o frio.

Sentou-se, tossiu e olhou ao redor.

Estava no convés de algum tipo de navio grande, com três mastros e medindo mais de duzentos trechos de comprimento por vinte de largura. Era óbvio que aquele era o navio de que a Matriarca tinha falado. Tal conhecia as embarcações de Aenir, mas esta navegava através do gelo. Não tinha a menor idéia de como ela conseguia deslizar tão facilmente.

As velas acima dele estavam enfunadas, fazendo o navio avançar a uma velocidade maior do que Tal teria sido capaz de correr. O zumbido vinha do vento nos cordames. O som áspero de esmigalhamento vinha de uma vibração que ele podia sentir através do convés. Algo relacionado ao modo como o navio se movia.

Tal supôs que fosse como a estranha carroça de Milla puxada pelas Wreskas — o que seriam elas? O navio era movido pelo vento, mas devia contar com lâminas finas e compridas, que cortavam o gelo.

Pessoas andavam pelo convés. Povo Inferior com sombras normais. Todos usavam peles e couros, e a maioria carregava armas de aparência malévola. Nenhum deles parecia interessado em Tal.

Olhou fixamente para eles. Pareciam cartas de Criaferas que tivessem ganhado vida ou ilustrações de uma história. Tal ficou tentado a tocar num deles para ver se de fato aquilo era cabelo, descendo até a cintura. Num lampejo, percebeu que não seria uma boa idéia.

A luz familiar vinha de algo que só podia ser uma grande Pedra-do-Sol, em algum lugar mais acima.

Olhou furtivamente e viu que ela estava de algum modo fixada no final do mastro mais alto, o do meio. Com certeza uma poderosa Pedra-do-Sol, ou talvez um conjunto de pedras, pois iluminava não só o navio, mas também o gelo por várias centenas de trechos ao redor.

Mas, apesar de todo o seu poder, Tal percebia que alguma coisa estava errada com essa Pedra-do-Sol. A luz oscilava, em vez de ser estável e forte, e a cor mudava um pouco sempre que o navio balançava ou levava um solavanco.

A luz verde vinha das esferas firmemente trançadas que Tal tinha visto antes. Uma delas estava bastante próxima, por isso ele se levantou e a observou. Como tinha pensado, era feita de finas tiras de alguma coisa semelhante a osso, trançadas de modo a deixar minúsculas aberturas na trama. Alguma coisa zumbia lá dentro e gerava a luz verde.

— Mariposas — disse uma voz atrás dele. — Mariposas luminosas.

Tal se virou. Era a mulher que se auto-intitulara a Matriarca. Ela segurava uma urna de cerâmica. Os olhos de Tal foram imediatamente atraídos para a urna e ele teve uma vertigem. Por um segundo, sentiu-se como se estivesse dentro da urna, incapaz de sair. Ao mesmo tempo, notou que a sombra-guardiã não estava à vista. Ambas as coisas deram-lhe vontade de vomitar.

— Sua sombra está presa aqui — disse a Matriarca, percebendo os olhares nervosos de Tal ao seu redor. — Será libertada se decidirmos deixá-lo viver.

— Vocês não ousariam me matar — exclamou Tal com veemência. — Vocês são o Povo Inferior! Os Escolhidos e seus Espíritos-Sombra vão... vão matar todo mundo desse navio se vocês fizerem isso!

A Matriarca não disse nada, mas continuou olhando para ele. Tal percebeu que seus olhos eram luminosos, brilhando com alguma luz interna que não era um reflexo. Sentiu-se penetrado por eles, como se a Matriarca pudesse ler a sua mente.

Um minuto depois, olhou para longe e disse:

— Na verdade, acho que eles não fariam isso. Sequer sabem onde estou. Nenhum de nós deixa o Castelo, de forma alguma.

— Mas você deixou — disse a Matriarca. — Conte-me sobre esse Castelo e diga-me a razão de sua vinda aqui, para o território do Clã dos Caçadores.

Tal limpou o nariz na manga. Ainda tinha dificuldade em lidar com o fato de que essas pessoas — que ele tinha a esperança de que fossem o Povo Inferior — pudessem decidir se ele viveria ou não. Mas parecia não haver qualquer alternativa.

— Tome! — disse a Matriarca. Tinha colocado a urna no chão e retirado uma pequena garrafa de madeira do meio de suas peles. Tal a pegou com desconfiança, mas bebeu. À medida que o líquido descia por sua garganta, foi sentindo um calor que se espalhava dentro dele.

Lentamente, dando de vez em quando alguns goles na garrafa, Tal começou a falar. A Matriarca o interrompia de tempos em tempos, fazendo perguntas, mas, de modo geral, permitiu que ele falasse à vontade. Tal se surpreendeu ao se ver falar tanto. Falou até mesmo sobre o desaparecimento do pai e a doença da mãe, e de como estava preocupado com o que poderia ter acontecido com Gref, o que provavelmente também tinha sido culpa sua.

No momento em que acabou a narrativa, uma multidão de Homens-do-Gelo estava ouvindo. A maioria deles fingia estar fazendo outra coisa, enrolando cordas ou observando o gelo. Alguns apenas se deixaram ficar escutando, de pé ou sentados. Não pareciam hostis.

Exceto por Milla que, Tal percebeu, tinha ficado o tempo todo no mastro, acima dele. Escutando e vigiando, pronta para saltar sobre ele, caso atacasse a Matriarca.

— Boa história, essa — disse um enorme Homem-do-Gelo, com a barba tingida de azul e dividida em três trancas. — Você tem outras para contar, garoto?

Tal olhou fixamente para ele. Era óbvio que o homem achava que ele tinha inventado tudo.

— É verdade — protestou ele. — Sou um dos Escolhidos. Venho do Castelo.

O Homem-do-Gelo deu um risinho e disse:

— Você não seria o primeiro garoto que perdeu seu navio e veio contar histórias para os clãs. Mas se não é um contador de histórias, deve ser um ladrão em nossas áreas de caça.

Um murmúrio percorreu a multidão de Homens-do-Gelo quando se ouviu a palavra ladrão. Tal sentiu uma nova hostilidade dirigida a ele. O que quer que essas pessoas fizessem com

ladrões não devia ser boa coisa.

— Se for um ladrão, Barbagarfo — disse a Matriarca, — podem jogá-lo no gelo e o Merwin irá pegá-lo.

— Não sou um ladrão! — exclamou Tal. — E estou dizendo a verdade. Vou provar a vocês!

Apontou para a Pedra-do-Sol cintilante perto do rosto carrancudo de Milla. Ela cuspiu a favor do vento, numa clara indicação de sua opinião sobre a honestidade de Tal.

— No passado, sua Pedra-do-sol deve ter fornecido uma luz clara e firme — disse ele. — Agora, a luz não é constante e muda de cor.

— Qualquer tolo sabe disso! — disse o Barbagarfo. Ele agora parecia zangado e cortava o ar com seu machado. — Qualquer tolo que tenha visto uma Pedra-do-Sol, embora existam poucas nas proximidades dos clãs. Eu digo para jogá-lo no gelo!

— Mas eu posso consertá-la — gaguejou Tal. — Só precisa de regulagem.

— Bom — disse a Matriarca. — Tinha a esperança de que dissesse isso. Se conseguir consertar a nossa Pedra-do-Sol, pouparemos a sua vida.

— Se ele não conseguir consertá-la, posso lutar com ele? — perguntou Milla. Ela desceu do mastro, caindo de pé com leveza. Instintivamente, Tal recuou, ficando mais perto da urna onde estava a sombra-guardiã.

— Não — disse a Matriarca, com voz severa. — Se fracassar, ele vai para o gelo... e para o Merwin.

Tal tinha imaginado que os Homens-do-Gelo fossem trazer a Pedra-do-Sol até ele. Mas a Matriarca explicou que só faziam isso quando o navio estava ancorado. Precisavam da Pedra-do-Sol para qualquer perigo que aparecesse em sua rota.

Quando Tal se recusou a subir, Milla descreveu com prazer especial o que era um Merwin e as chances que o garoto teria de sobreviver se encontrasse um deles.

— A maioria dos Merwins tem cerca de dez vezes a sua altura — disse ela. — Eles têm um chifre brilhante saindo da testa, bem entre os olhos. Está vendo o Kral ali do outro lado? Aquela espada dele é feita do chifre de um filhote de Merwin. Os chifres param de brilhar quando eles morrem. Os Merwins deslizam sobre o gelo mais rápido do que você conseguiria correr, porque a pele deles é muito escorregadia e eles têm quatro grandes nadadeiras para impulsioná-los. Em geral, enfiam o chifre em suas presas e, em seguida, as despedaçam contra o gelo. Você estará em melhor situação se decidir me enfrentar. Tudo o que tem a fazer é pedir. Se você pedir para lutar comigo, a Matriarca vai permitir.

Tal a ignorou. Não entendia por que ela estava tão ávida para lutar com ele, mas sabia que a Matriarca o protegeria... contanto que consertasse a Pedra-do-Sol.

— Vou precisar de minha sombra-guardiã — disse ele. — Preciso que ela me ajude a subir e a consertar a Pedra-do-Sol.

A Matriarca olhou-o novamente com aqueles sinistros olhos brilhantes. E lhe disse:

— Não, não precisa.

Tal suspirou. Era verdade que não tinha necessidade absoluta da ajuda de sua sombra-guardiã, mas sentia-se muito estranho, zozno e nauseado, sem ela por perto. Escalar o mastro seria dez vezes mais difícil sem a sombra-guardiã, mesmo que ela apenas o acompanhasse como uma sombra normal.

— Milla vai ajudá-lo a subir — disse a Matriarca.

— Não vou! — exclamou Milla. — Ele é um ladrão mentiroso! Você não pode acreditar nessa história de centenas de luzes e de castelo...

A Matriarca voltou os olhos para a garota e disse:

— Milla, você deseja ser uma Donzela Guerreira mas não cumpre ordens?

A ameaça era clara. Tal não sabia o que era uma Donzela Guerreira, mas era óbvio que Milla queria muito se tornar uma, e a Matriarca tinha o poder de impedir isso.

Milla se virou para Tal com o rosto desfigurado pelo ódio e concordou:

— Está bem! Comece a subir, ladrão!

— Meu nome é Tal Graile-Rerem — disse ele. — Eu lhe dou permissão para me chamar de Tal. E mesmo que eu fosse um ladrão, você não possui nada que eu quisesse roubar.

Pelo menos, disse consigo mesmo, não era um ladrão no que dizia respeito aos Homens-do-Gelo.

— Tal, Mal, Cal, Uau, ou como quer que você se chame — disse Milla. — Não creio que consiga escalar pelas cordas, por isso teremos que subir pelo próprio mastro.

Apontou para as pontas de ferro cravadas no mastro mais ou menos a cada trecho. Tal

avançou e colocou o pé sobre uma delas. Em seguida, esticou-se para cima e começou a subir.

O mastro parecia ser um osso único, de algum tipo, embora Tal não conseguisse imaginar que espécie de monstro teria uma coluna vertebral de quarenta trechos de comprimento. E os suportes não eram pontas de ferro como tinha imaginado. Eram ossos menores que tinham sido serrados. Deviam ter sido como as espinhas de um peixe, saindo da coluna.

— Depressa — gritou Milla de baixo.

Tal a ignorou. O mastro balançava. O navio e o gelo pareciam estar bem lá embaixo. Por alguma estranha razão, era mais assustador do que quando subiu a Torre Vermelha, embora ela fosse centenas de vezes mais alta. Talvez fosse porque sua sombra-guardiã não estivesse ali para salvá-lo.

Milla continuou a provocá-lo por todo o trajeto até em cima, gritando em tom desafiador e tentando forçá-lo a subir mais rápido. Tal se concentrou na subida, ignorando-a.

Por fim, chegou perto da Pedra-do-Sol. Estava presa ao mastro pelo que pareciam dentes grandes e curvos que tinham sido de algum modo atados ao osso. A pedra era tão brilhante que Tal teve dificuldade em olhar para ela sem que a sombra-guardiã automaticamente protegesse seus olhos.

Milla ficou em silêncio quando eles se aproximaram da Pedra-do-Sol. E também se deteve vários trechos abaixo, em vez de pressionar Tal como fizera durante todo o trajeto para cima. Tinha a cabeça baixa. Era óbvio que não podia suportar a claridade da Pedra-do-Sol tão de perto.

Dessa altura, no topo do mastro, Tal tinha a estranha ilusão de estar imóvel e de que eram o navio e o gelo lá embaixo que oscilavam de um lado para o outro, como um pêndulo. Cada vez que o mundo balançava, Tal tinha que conter a sensação de que ia despencar no espaço.

Para piorar ainda mais, teve que tirar uma das mãos do suporte para tocar a Pedra-do-Sol. Era uma pedra poderosa, mas Tal percebeu que também era muito velha. As Pedras-do-Sol acabavam ficando gastas e tinham de ser levadas para o alto de uma torre e revitalizadas acima do Vêu.

Certificando-se de que sua mão esquerda estava bem firme, Tal alcançou e tocou a Pedra-do-Sol. Podia sentir as correntes de poder dentro dela. Exatamente como aprendera no Lectorium, fechou os olhos e concentrou o pensamento na Pedra-do-Sol.

Como tinha pensado, a pedra precisava desesperadamente de sintonia. O poder que ainda existia estava funcionando contra ela mesma, e não a seu favor. As faixas de energia precisavam ser realinhadas, recolocadas em harmonia.

Soltou cuidadosamente a Pedra-do-Sol e apanhou a sua sob a camisa. Concentrou-se na pedra e a fez brilhar, a fim de encontrar o padrão correto de energias e projetá-lo sobre a Pedra-do-Sol dos Homens-do-Gelo.

Foi um trabalho duro, dificultado ainda mais pelo vento em volta e pelo mastro que balançava. Seu estômago subitamente decidiu que afinal de contas não tinha gostado da bebida que a Matriarca lhe tinha dado para revigorá-lo. Mas Tal conseguiu. Um feixe de pura luz se projetou de sua Pedra-do-Sol sobre a Pedra-do-Sol maior dos Homens-do-Gelo.

— Consegui! — exclamou triunfante. A Pedra-do-Sol dos Homens-do-Gelo brilhou intensamente.

E então se apagou, bem como a sua própria pedra, deixando-o na escuridão total, a não ser pelo fraco brilho verde das lâmpadas-mariposas do convés bem lá embaixo.

Capítulo 16

O rugido de fúria que veio do convés era quase animal, de tão intenso. Tal nunca tinha ouvido coisa parecida. Olhou para baixo, mas não conseguia ver nada, nem mesmo Milla. Ainda assim, podia ouvir o que estava acontecendo.

Cada Homem-do-Gelo havia pulado para as cordas e os cabos, e estava subindo para matar o garoto que havia arruinado a Pedra-do-Sol, seu grande tesouro.

A única esperança de Tal era fazer a pedra voltar a brilhar. Infelizmente, nem sabia por que ela tinha parado de funcionar.

Em desespero, agarrou sua própria Pedra-do-Sol sem se importar mais se ia cair ou não. Concentrou-se nela, tentando restaurar-lhe o poder. Parecia que todo o seu corpo e toda a sua mente estavam concentrados nessa única coisa, cada partícula do seu poder aplicada sobre uma pequena pedra.

Percebeu que o poder ainda estava lá. Mas de algum modo tinha se recolhido às profundezas da pedra. Tinha que retirá-lo de lá e fazê-lo voltar à atividade, antes que Milla o atrasse para fora do mastro. Quando pensou isso, sentiu a mão dela segurando seu tornozelo, os dedos bem apertados, pronta para puxá-lo para fora.

“Luz gera luz”, ouviu a voz de seu pai ecoando das profundezas de sua memória. Era um dos primeiros ensinamentos aprendidos por todo Escolhido. Tal o tinha aprendido sentado sobre os joelhos do pai, quando não era mais velho do que Kusi.

Luz gera luz.

Mas ele não tinha luz alguma. Milla estava puxando seu pé com força para fora do mastro. Precisava criar alguma luz para restaurar as Pedras-do-Sol. Tinha de fazer alguma coisa!

Um de seus pés ficou solto no espaço e Milla deu um grito de triunfo! Tal chutou-a, mas isso piorou ainda mais sua posição. Escorregou um degrau e a corrente em volta do pescoço se partiu. Ainda segurava a Pedra-do-Sol, mas isso lhe deixou apenas uma das mãos livre para segurar no mastro.

“Rápido como uma fagulha de Pedra-do-Sol”, disse outra voz em sua mente. A voz do tio-avô Ebbitt. “Rápido como uma fagulha de Pedra-do-Sol.”

— Luz! — berrou Tal. Equilibrando-se num pé só, esfregou as duas pedras uma contra a outra. Uma enorme fagulha resultou desse atrito e de repente sua Pedra-do-Sol voltou a brilhar com uma luz gloriosa. Um momento depois, o mesmo aconteceu com a Pedra-do-Sol dos Homens-do-Gelo. Ela ficou mais brilhante do que nunca e com a cor firme, sem oscilações.

Milla repôs seu pé no apoio do mastro que servia de degrau e, em silêncio, começou a descer.

Tal olhou para baixo e viu que todos os Homens-do-Gelo estavam voltando para o convés. Engoliu em seco e respirou bem devagar por alguns instantes.

— Obrigado, pai — sussurrou para o vento. — Obrigado, tio Ebbitt.

Em seguida, começou a descer lentamente. Tinha sido por um triz.

No convés, a Matriarca estava à sua espera. Barbagarfo estava de pé ao lado dela, o machado em sua bainha nas costas.

— Você cumpriu o prometido — disse ela. — Por isso, nós faremos o mesmo. Você não será

atirado ao gelo.

Tal concordou. A seguir, sem saber por que se dava o trabalho de dar mais informações, disse:

— Eu só a consertei por um tempo. A Pedra-do-Sol é velha. Vai se apagar em algum momento. E não há nada que eu possa fazer para que ela dure por mais tempo.

— Sim — disse a Matriarca. — Sabemos que as Pedras-do-Sol morrem, assim como todas as coisas sobre o gelo. Mas você nos ajudou agora.

— E demonstrou que o acusei sem motivo! — disse Barbagarfo. Ele levantou a voz e acrescentou: — Eu, Grim Barbagarfo, digo para que todos possam ouvir. Você disse a verdade, Tal. Para reparar o meu erro, eu... eu me ofereço para adotá-lo como filho e introduzi-lo no Clã dos Caçadores, sangue e osso.

Tal olhou para ele. Era óbvio que essas pessoas não eram de fato do Povo Inferior, por isso a proposta não era um completo insulto.

Mas não quero ser adotado. Preciso voltar para casa. Ia responder quando viu a Matriarca apertar os olhos para ele, como se lhe desse um aviso silencioso.

Isso o fez parar e refletir. Entre esses selvagens, Grim Barbagarfo parecia ser bastante importante. Era muito alto e tinha uma aparência feroz. Era melhor ser gentil com ele, mesmo que não fosse um dos Escolhidos.

— Obrigado, Grim Barbagarfo — disse ele, baixando a cabeça numa reverência e levantando sua Pedra-do-Sol, ainda que só deixasse brilhar uma pequena centelha. — Mas tenho minha própria família no Castelo e preciso voltar para lá o mais breve possível.

Barbagarfo concordou com a cabeça. Pareceu um pouco aliviado, como se tivesse sido forçado a fazer a sua oferta por pura educação. Tal ficou surpreso porque jamais imaginaria que os Homens-do-Gelo tivessem alguma coisa que se assemelhasse a boas maneiras.

A Matriarca também concordou.

— Sábias palavras, Tal — disse ela. — Vamos lá para baixo. Comeremos carne de Selski, beberemos vitska e falaremos sobre o que o futuro lhe reserva. Milla, você vem conosco.

A Matriarca pegou a urna com a sombra-guardiã de Tal e foi na frente, passando por uma escotilha aberta.

Tal se surpreendeu ao ver que, abaixo do convés, havia um espaço grande e aberto. Todos os Homens-do-Gelo viviam juntos ali. A luz vinha de tubos compridos feitos de um material transparente cheio de água e uma massa gelatinosa que brilhava com uma luz amarelada. Ao passar perto de um dos tubos, deu uma batidinha com o dedo. A massa gelatinosa correu para o seu dedo e ele viu que eram criaturas marinhas.

— Águas-vivas luminosas — disse a Matriarca. — Difíceis de se apanhar sob o gelo.

Ela os conduziu por entre Homens-do-Gelo adormecidos, deitados apenas contra a estrutura curva do navio, enrolados em suas peles. Tal tomou cuidado para não pisar em nenhum deles, pois todos dormiam com as armas ao lado das mãos, e viu que muitos abriram um olho quando ele se aproximou.

Quando seus olhos se acostumaram mais com a luz fraca, Tal viu que, embora fosse um espaço grande e aberto, existiam divisões aqui e ali. Mas havia apenas cortinas espessas no lugar de portas. Cortinas de pele e couro preto reluzente.

A Matriarca levou Tal para uma dessas cortinas e puxou-a, revelando um pequeno aposento. No centro, havia uma mesa baixa, cercada de almofadas de todos os formatos e tamanhos.

— Sente-se — disse ela, enquanto depositava a urna no chão. Tal sentou-se perto da urna e tocou o lado polido, como se pudesse sentir sua sombra-guardiã através da cerâmica.

Milla sentou-se também, o mais distante que pôde. A Matriarca voltou a sair, deixando os dois sozinhos.

Por algum tempo, Tal tentou encarar Milla, mas depois que ela ficou vários minutos sem piscar, ele se cansou e desistiu. Ela riu, um riso de desprezo que o deixou enfurecido. Mas não havia nada que pudesse fazer. Tal sabia que ela queria que ele a atacasse com a Pedra-do-Sol.

Queria uma desculpa para lutar com ele.

Capítulo 17

Antes que Milla ou Tal não resistissem e partissem para a briga, a Matriarca voltou, carregando uma tigela com algo fumegante de cheiro bastante repulso. Colocou-a em cima da mesa e deu a Tal um objeto que ele supôs ser uma espécie de garfo, embora fosse feito de osso e com apenas dois dentes.

— É carne de Selski — explicou a Matriarca. — A força vital de nosso povo. Aonde vão os Selskis nós os seguimos, capturando os mais velhos, doentes e fracos. A carne de Selski enche os nossos estômagos, sua pele nos proporciona vestimentas e velas, com seus ossos fabricamos nossas ferramentas e armas e com suas tripas, as cordas de nossas harpas. O gosto é melhor do que o cheiro — acrescentou ela, empurrando a tigela na direção de Tal. Certamente, tinha visto o nariz franzido do rapaz.

Com relutância, Tal espetou um pedaço de carne e o pôs na boca. Ao prová-la, tornou-se subitamente voraz. O gosto era bom, mas o principal é que ele descobriu que estava incrivelmente faminto.

A Matriarca saiu enquanto ele comia, mas Milla ficou sentada lá, observando. Se piscou, foi quando Tal não estava olhando. E também não comeu.

— Por que você não come um pedaço? — perguntou Tal quando já estava satisfeito. E empurrou timidamente a tigela na direção de Milla, quase como uma oferta de paz.

— Uma Donzela Guerreira não come na frente de um prisioneiro — disse Milla com aspereza. — Uma Donzela Guerreira não dorme na frente de um prisioneiro. Uma Donzela Guerreira...

— Tal não é um prisioneiro — interrompeu a Matriarca, que tinha voltado. Manteve a cortina levantada para permitir a entrada de outra pessoa.

Tal viu, então, uma mulher muito idosa, uma senhora encurvada, pálida e enrugada, que não era muito maior do que Gref. Ela olhou para Tal e ele viu que seus olhos eram leitosos, sem pupilas. Era completamente cega.

A reação que provocou em Milla foi surpreendente. A garota pulou a seus pés e juntou os punhos cerrados numa saudação.

— Matriarca Mãe! — exclamou Milla.

Tal ficou de pé, já que isso parecia a coisa certa a fazer. Pela exclamação de Milla, deduziu que essa velha senhora cega era mais importante do que a Matriarca.

— Esta é a Matriarca Mãe, a mais velha e a mais sábia — disse a Matriarca, levando a velha senhora até Tal. — Ela veio para ver o que o futuro lhe reserva e nos ajudar a decidir o que deve ser feito com você.

A velha senhora não falava. Pegou as mãos de Tal nas suas e virou-lhes as palmas para cima. Em seguida, com uma unha muito comprida e amarela, traçou linhas do pulso dele até a palma.

Tal só permitiu isso porque Milla estava lá e sabia que ela reagiria se ele tirasse a mão. Era uma sensação muito esquisita a unha dessa anciã passando por sua pele. Não conseguia tirar os olhos dessa unha, tão comprida e amarela, que mais parecia a garra de um animal do que uma unha humana.

Então, a Matriarca Mãe levou a mão dele até seu rosto e apertou os dedos dele contra seus

olhos leitosos. Tal se retraiu, e a expressão de seu rosto deve ter revelado seu desagrado, pois Milla avançou para ele com os olhos cheios de raiva.

Tudo poderia ter acontecido naquele momento, mas a Matriarca Mãe falou e, ao som de sua voz, todos ficaram quietos. Não era alta, mas parecia ecoar na mente de Tal. Mesmo quando a voz ficou mais suave, Tal percebeu que não conseguia escutar nada além dela. Todos os ruídos do navio, do gelo e dos Homens-do-Gelo tinham desaparecido.

Só havia a voz da Matriarca Mãe.

Você caiu longe Mas não tão longe

Você deve viajar muito Mas não tanto

O lar é o Castelo Mas não é o lar

As sombras agem como amigos Mas não são amigos

A Donzela Guerreira o defende Mas não encostada às suas costas

A luz o aquece

Mas as sombras caem

O sangue os liga Mas não os une

O mal o persegue Mesmo sem vontade

A escuridão o esconde Mas não o cega

Pedras-do-Sol caem de você Mas nas mãos de outros

A voz sumiu. Tal se sentou de repente, o eco ainda soando dentro de sua cabeça. Mal se despediu da Matriarca Mãe quando ela foi conduzida através da cortina para mãos que a esperavam.

— Parece claro — disse a Matriarca.

Tal a viu sorrir pela primeira vez, mostrando dentes muito brancos.

— O que parece claro? — murmurou. Sentia-se realmente tonto, como se tivesse acabado de acordar de um longo sono.

— Vamos ajudar você a voltar para o seu Castelo. E você nos conseguirá uma nova Pedra-do-Sol.

Tal saiu de seu estado de sonho.

— O quê?!

— A Matriarca Mãe profetizou — disse a Matriarca. — Vamos mandar alguém com você, para ajudá-lo no gelo. Em troca, você dará a ela uma Pedra-do-Sol quando voltar para o Castelo.

— A ela quem? — perguntou Tal com desconfiança.

— Milla — respondeu a Matriarca, sorrindo novamente. — Sua Missão de Donzela Guerreira será acompanhar você em segurança até o seu Castelo, construído sobre a Montanha da Luz.

Capítulo 18

— O quê? — gritou Milla. — Como pôde fazer isso comigo?

— “Uma Donzela Guerreira enfrenta seus desafios” — recitou a Matriarca, ainda sorrindo. — Além disso, essa é a maior missão que jamais confiei a alguém: ir à Montanha da Luz para trazer uma Pedra-do-Sol.

— Então você sabia desde o princípio onde era o Castelo? — interrompeu Tal. — Sabia que eu estava falando a verdade?

— Sim — concordou a Matriarca. — As Matriarcas sabem, pois seu Castelo é a única coisa permanentemente iluminada no céu, lá no alto da montanha. Mas é proibida para nós, pois sabemos que ela abriga um grande mal, lá onde governam as sombras.

— Não é verdade! — exclamou Tal. — Os Espíritos-Sombra nos servem. Os Escolhidos os comandam. São criados, como a minha sombra-guardiã que você mantém trancada ali. É só isso.

— Isso é apenas o que um filhote de Selski é para um Merwin — retrucou a Matriarca. Não estava mais sorrindo. — Sabemos o que são essas sombras e como nossos ancestrais lutaram contra elas e ergueram a escuridão que nos protege.

— Seus ancestrais! — protestou Tal. — Eles nada têm a ver com o Véu. Os Escolhidos o criaram, porque o sol é forte demais.

— Não fale assim com a Matriarca — berrou Milla, erguendo o punho.

— Já chega! — cortou a Matriarca. — Precisamos firmar o seu compromisso com a missão. Me dê seu braço, Tal.

Lentamente, Tal estendeu o braço. A Matriarca o pegou e arregaçou a manga do casaco de pele, para descobrir o pulso. Tal esperou, pensando que ela fosse ler o futuro ou dizer algo semelhante ao que tinha dito a Matriarca Mãe. Estava totalmente desprevenido quando, de repente, ela exibiu uma grande presa e passou-a sobre sua pele.

— Aaaaah! — gritou ele, puxando a mão para trás. O sangue estava escorrendo. Tal viu que, na verdade, a Matriarca tinha feito três cortes, muito rapidamente, formando um estranho triângulo em sua pele.

— Fracote — comentou Milla mostrando o pulso que já trazia a marca do triângulo. A Matriarca cortou perto das antigas cicatrizes, e Milla observou o sangue aparecer sem se perturbar.

— Cerre bem o pulso para manter o sangue escorrendo — instruiu a Matriarca. — E siga-me.

— Mantê-lo escorrendo? — perguntou Tal. Esses Homens-do-Gelo eram ainda mais loucos do que tinha imaginado. Mas cerrou o punho, observando as gotas de sangue fluindo. Na realidade, a Matriarca não tinha cortado muito fundo. Devia ter muita prática. Tal estremeceu, imaginando o que podia ter acontecido se ela não fosse tão boa naquilo.

Voltaram para o convés. A Pedra-do-Sol no mastro ainda mostrava um brilho intenso, o que o deixou contente. Mas recomeçara a nevar muito forte, e a visibilidade era péssima. Manteve a cabeça inclinada enquanto a Matriarca o conduzia até o mastro.

Lá chegando, ela esfregou seu pulso ensangüentado contra o mastro e depois contra o convés. Pela cor diferente do local, Tal presumiu que aquela cerimônia tivesse sido executada muitas

vezes antes. Milla fez o mesmo.

— Repita comigo essas palavras — disse a Matriarca, mais uma vez fitando bem dentro dos olhos de Tal com seu estranho e luminoso olhar. Ele concordou com a cabeça, umedeceu os lábios e engoliu sem querer um floco de neve. — Dou o meu sangue ao osso, osso do navio — disse a Matriarca.

— Dou o meu sangue ao osso, osso do navio — repetiram Tal e Milla. A Matriarca pegou o pulso dele e o esfregou novamente no mastro e no convés. Milla repetiu o mesmo.

— Dou meu sangue ao Clã, Clã do meu sangue — disse a Matriarca.

— Dou meu sangue ao Clã, Clã do meu sangue — repetiu Tal. A Matriarca forçou o punho dele contra o pulso de Milla, de modo que o sangue de ambos se misturasse. Milla desviou o olhar.

— Dou meu sangue ao vento e ao gelo — prosseguiu a Matriarca, pegando a mão de Tal e sacudindo-a, para que uma gota de sangue fosse levada pelo vento e carregada para fora do navio.

Milla sacudiu a mão ao mesmo tempo e, por um capricho do vento, gotas do sangue de ambos se misturaram. Mas só o olhar da Matriarca era aguçado o bastante para perceber isso.

— Pelo osso do navio e o sangue do Clã, vou conseguir uma Pedra-do-Sol para o Clã dos Caçadores. Que o vento me destrua e o gelo me congele se eu fracassar — concluiu a Matriarca.

Tal e Milla repetiram aquelas palavras, enquanto a Matriarca segurava os pulsos de ambos.

— Agora vocês estão comprometidos com a missão — disse a Matriarca, satisfeita. — E agora, Tal, você é ao menos um pouquinho Homem-do-Gelo.

Milla resmungou alguma coisa que se perdeu no vento. Tal olhou para ela e não viu nenhuma cordialidade repentina. Podiam estar comprometidos com a mesma missão, mas ele ainda não confiava nela, e ela obviamente o odiava.

— Milla, mostre a Tal onde ele pode dormir e, depois, prepare-se para a expedição. O Castelo fica fora da migração de Selskis e existe uma brecha adiante. Terá de atravessá-la rapidamente.

— De trenó? — perguntou Milla asperamente.

— Com certeza o garoto não sabe patinar ou esqui. Você pode dispor de um trenó e seis Wreskas — disse a Matriarca. -Jorntil vai aprontá-las para vocês.

— Espere um pouco — disse Tal. — Você quer dizer que iremos só nós dois? Pensei que o navio...

— Não — retrucou a Matriarca. — Seguimos os Selskis, que conhecem apenas uma rota. Essa é nossa vida, e não podemos violá-la a não ser em caso de extrema necessidade. Milla irá defendê-lo. Ela é uma caçadora hábil, das melhores no gelo. Seu maior perigo será o tempo, pois os Selskis andam em grande número. Nós os chamamos Mar Vivo, e as brechas em sua rota de migração são estreitas. Mas tenho certeza de que vocês irão ultrapassá-las.

Afastou-se antes que Tal pudesse perguntar mais alguma coisa, deixando-o lá, de pé, ao lado de Milla. Esta olhava para o próprio pulso. Tal olhou para o seu e viu que o sangue já estava seco. O triângulo ficou marcado.

— Siga-me — disse Milla, atravessando o convés escorregadio por causa da neve e novamente entrando pela escotilha. Tal a seguiu, meio desajeitado. A Matriarca tinha

determinado que ele dormisse, mas não sabia como iria fazer isso.

Na escotilha, olhou para a Pedra-do-Sol lá em cima, meio encoberta pelas rajadas de neve. Apertou a sua própria Pedra-do-Sol e refletiu sobre os problemas que enfrentaria.

Estava incrivelmente longe do Castelo. Em apenas dois meses, precisava obter uma Pedra-do-Sol Original ou então nunca seria um verdadeiro Escolhido. Todo o seu futuro, todo o resto de sua vida estaria perdido. Sua mãe — sentiu um nó na garganta ao se lembrar dela doente, deitada na cama — precisava de uma Pedra-do-Sol. Gref e Kusi também. O pai, se ainda estivesse vivo, estaria confiando nele para cuidar de todo mundo.

Tinha feito apenas um juramento que não tencionava manter, mas não conseguia deixar de levar a sério. Havia misturado seu sangue com — já não sabia com o quê, porque eles não eram do Povo Inferior — uma garota maluca com uma sombra natural, que quis matá-lo e só foi impedida pela tradição.

Quando acordasse de manhã, teria que abandonar até mesmo os pequenos confortos do navio, avançar pelo gelo com a garota maluca e cruzar um mar vivo de animais.

Era demais. Engoliu em seco e reprimiu as lágrimas que se formavam em seus olhos. É só o vento, disse consigo mesmo, mas sabia que não era verdade.

Foi então que viu a Matriarca de novo. Estava de pé perto do mastro. Olhou para ele e lhe atirou alguma coisa. Tal recuou, mas o que quer que tivesse sido caiu no convés e logo rolou em sua direção. Algo escuro, que ele instintivamente procurou alcançar.

Sua sombra-guardiã fluiu até ele, assumindo a sua forma, exatamente como uma sombra natural, e se espalhou pelos degraus atrás dele. Tal olhou por sobre o ombro para vê-la e suspirou de alívio.

— Falei com ela — disse a Matriarca, sua voz ecoando pelo convés. — Ninguém deve ficar sem a sua sombra. Mas enquanto estiver viajando com os Homens-do-Gelo, ela deve ser só uma sombra. No gelo, não há lugar para incerteza sobre tais coisas.

Tal sorriu e foi para baixo. Sua sombra-guardiã ia na frente, como a de qualquer Homem-do-Gelo. Tal não tinha idéia se a Matriarca tinha retirado seu poder de se transformar e de se tornar mais sólida. Mas não importava. Estava cansado demais para pensar nisso agora. Estava contente só por ela estar de volta.

— Vou acordá-lo no turno das águas-vivas luminosas — esclareceu Milla, apontando para uma pilha de peles em que roncavam dois rapazes, mais ou menos da mesma idade que ele. Ela hesitou e, em seguida, declarou num tom de voz banal: — Ainda quero matar você, mas vejo que não posso. Não agora que estamos comprometidos com a missão. Vou protegê-lo no gelo e vamos chegar ao Castelo e conseguir a Pedra-do-Sol.

Duas Pedras-do-Sol, pensou Tal exausto. Enroscou-se em suas peles. Tudo começara simplesmente porque ele quis uma Pedra-do-Sol. O que aconteceria agora que precisava de duas?

Ao seu lado, de repente, a sombra-guardiã se transformou numa versão minúscula de Sharrakor, o Dragão-de-Sombra. Pelo canto do olho, Milla viu alguma coisa brilhar e virou-se para verificar.

Mas nesse instante, a sombra-guardiã já voltara a ser uma sombra normal e Tal dormia profundamente.

Quando Milla o acordou, Tal teve a impressão de ter dormido apenas uma ou duas horas, mas, por sua Pedra-do-Sol, soube que tinham se passado sete horas. Ela não disse uma palavra, apenas jogou uma pilha de peles pesadas em seu estômago, e isso doeu.

Era óbvio que as peles eram para ser usadas. Sua Pedra-do-Sol podia ser utilizada para aquecê-lo, mas depois que se apagara na noite anterior, Tal não quis usar nenhum de seus poderes, a não ser que realmente precisasse.

Havia três conjuntos diferentes de peles. Tal teve que experimentá-los por um tempo antes de concluir que, primeiro, tinha que vestir a peça leve, que ia até a cintura, com cintas suspensas; em seguida vinham as perneiras, presas às cintas e, por fim, o casaco até o joelho que ficava sobre todo o resto. Mesmo depois de experimentá-lo de diversos modos, Tal não conseguiu saber ao certo se o sobretudo devia ser usado para frente ou para trás. Não que os Homens-do-Gelo parecessem ligar muito para o modo como suas roupas deviam ser usadas...

Eles eram muito desleixados em comparação com os Escolhidos, pensou Tal. Só estava usando as peles porque não possuía uma Pedra-do-Sol com plenos poderes.

Milla retornou quando Tal lutava com as grossas luvas de pele de Selski. Ela fungou e o ajudou a atá-las às suas mangas, para que ficassem prontas para serem usadas e não caíssem ou se perdessem.

— Temos que estar preparados para partir logo que os batedores nos avisarem de uma brecha no Mar Vivo — advertiu friamente a Garota-do-Gelo. — Vamos.

Tal a acompanhou, sua sombra-guardiã permanecendo obedientemente atrás dele como uma sombra normal. Chegou mesmo a se expandir para poder corresponder ao tamanho aumentado do rapaz. Ele se sentia esquisito debaixo de tantas peles. Era como se, de repente, tivesse engordado muito, pois tinha, no mínimo, meio trecho a mais que o normal.

Mesmo assim, o largo cinto feito de pele de Selski que usava parecia ter sido feito para alguém ainda duas vezes maior. Ficava escorregando, embora ele o tivesse prendido à fivela de osso o mais apertado que conseguira. Isso era o que Milla obviamente considerava uma troca. Ela não queria que ele se sentisse bem.

Quando Tal chegou ao convés, o navio estava estranhamente silencioso, sob a luz intensa da Pedra-do-Sol lá em cima no mastro. No começo, ele não conseguia descobrir por quê, enquanto apertava os olhos diante da luz. Em seguida, viu que o navio não estava se movendo. As velas estavam enroladas e grandes cabos de âncora se estendiam por sobre a popa e para fora, em direção à escuridão do gelo.

O vento ainda uivava através dos cordames e, cortante, atingia o rosto de Tal. Ele colocou a máscara facial de osso que Milla tinha lhe dado. Ela não se ajustou muito bem, com um buraco do olho afastado demais para um lado, não permitindo uma visão clara. Tal fez várias tentativas para ajustá-la, mas acabou desistindo e vestindo as luvas. Suas unhas já 157 estavam ficando roxas.

Milla foi até a borda, passou por cima dela com facilidade, e Tal não mais a viu. Meio sem jeito, foi atrás dela, puxando o cinto. Esperava que ela não tivesse simplesmente pulado direto no gelo porque o convés tinha uma altura de pelo menos oito trechos. Ela podia ser capaz de pular de tão alto, mas ele tinha certeza de que não conseguiria.

Milla não tinha pulado. Havia uma escada, uma espécie de coluna vertebral, cujos degraus eram longas costelas. Tal desceu atrás dela, muito mais lentamente do que de costume.

Já havia alguns homens no gelo. Oito deles voltavam de uma expedição de caça, arrastando um enorme cubo de carne sangrenta. Era gigantesco, e Tal não podia imaginar de onde tinha sido cortado. Um Selski, talvez.

Outro Homem-do-Gelo segurava as rédeas da Wreska líder numa fileira de seis, atreladas a um tipo de carroça que agora Tal sabia ser chamada de trenó. Esse Homem-do-Gelo devia ser Jorntil, encarregado pela Matriarca de preparar os animais para eles. Ao se aproximarem, ele tocou, com o punho cerrado, a mão que segurava as rédeas, numa saudação bastante informal.

Milla respondeu batendo os punhos com tamanha força que Tal estremeceu. Ele ergueu a Pedra-do-Sol e emitiu um pouco de luz. Foi a vez de Jorntil estremeecer e desviar o olhar.

— Desculpe — disse Tal rapidamente. — Estava tentando ser...

— Entre no trenó — rosnou Milla. Mas Jorntil apenas piscou, riu e alimentou a Wreska líder com algo que parecia a carne de Selski que Tal tinha comido a bordo do navio. Isso fez com que Tal se desse conta de que não havia comido nada de café da manhã, o que quer que esse estranho povo costumasse comer ao acordar.

Tal não quis perguntar a Milla sobre isso e lhe dar mais uma chance de se exibir como sendo mais durona do que ele. Em vez disso, subiu a bordo do trenó. Quando chegou em cima, ficou surpreso ao constatar como era leve a sua estrutura. A maior parte dele era feita de ossos muito finos entrelaçados, e toda a geringonça rangeu quando ele pôs seu peso sobre ela. Não parecia ser forte para agüentá-lo, muito menos aos dois.

Para piorar, o lugar onde estava não parecia muito bem preso às duas longas lâminas que ficavam embaixo. Era como um carrinho de bebê, pensou Tal, olhando para baixo. As lâminas estavam firmemente atadas na frente e na traseira. A caixa com estrutura de ossos se equilibrava precariamente entre esses apoios, sustentada por seis ou sete tiras de pele de Selski. Essas molas serviam para absorver os choques causados por pequenos buracos e saliências, que faziam o trenó saltar.

Havia duas lanças e um chicote numa longa bainha externa do trenó. Por um momento, Tal pensou em pegar uma das lanças e atirar em Milla e, num devaneio, imaginou sua fuga. Mas não sabia como conduzir as Wreskas e, mesmo com a sombra-guardiã para apontar-lhe o caminho, também não sabia como cruzar o Mar Vivo.

O corte triplo no pulso ardeu quando pensou nisso, mas ele mal percebeu. Naquele momento, tinha mil razões para suportar Milla. Mais tarde, acharia um modo de se livrar dela.

Milla saltou para o trenó, e tudo balançou ainda mais. Desprevenido, Tal caiu por cima dela e levou um empurrão.

— Segure-se — disse Milla com desprezo. E tirando um longo chicote da bainha externa do trenó, estalou-o habilmente para um dos lados, fazendo saltar cristais de gelo. As Wreskas se agitaram em seus arreios e resfolegaram, expelindo jatos de poeira de neve para todos os lados.

Milla estalou o chicote para o mesmo lado novamente e, em seguida, num movimento elegante, fez o mesmo sobre a cabeça da líder das Wreskas. O animal bufou ainda mais alto e o trenó deu uma súbita guinada.

— Eiiiiiaaaaaa-eiaaaaaa-eiaaaaaa! — berrou Milla, deixando Tal quase surdo. As Wreskas reagiram, arremessando-se para frente, com as patas peludas e os afiados cascos pontudos

batendo contra o gelo. O trenó estremeceu e ganhou velocidade.

— Isso é divertido! — exclamou Tal, admirando-se com a rapidez do trenó. Movia-se pelo gelo mais rápido do que ele poderia correr, quase tão rápido quanto tinha escorregado pela rampa da lavanderia do Castelo.

— Não é divertido — rebateu asperamente Milla. — É apenas um meio de transporte. Estamos numa missão séria. Não há tempo para diversão.

Tal não respondeu. Apesar do que Milla tinha dito, era divertido andar de trenó. O mais importante, porém, era que estava voltando para o Castelo. Tinha se desviado de sua própria missão, mas ela não tinha terminado. Ia conseguir uma Pedra-do-Sol e se tornar um autêntico Escolhido. Faria isso por seu pai, sua mãe, Gref e Kusi.

Muito rapidamente, o trenó saiu do círculo de luz lançado pela grande Pedra-do-Sol dos Homens-do-Gelo. Mais uma vez, Tal teve medo da escuridão, e sua mão deslizou para a corrente em volta do pescoço, recentemente consertada. Mas havia duas mortiças lâmpadas-mariposas no trenó, e os chifres das Wreskas, como eram chamados os galhos pontudos em suas cabeças, também irradiavam uma fraca luminosidade.

Milla percebeu que Tal tinha dobrado o braço para pegar a Pedra-do-Sol, e ele viu que ela estava sorrindo. Lentamente, forçou-se a largar a corrente. Não queria que ela soubesse que tinha medo.

Prosseguiram em silêncio por uma hora ou mais, e Tal logo concluiu que, em parte, Milla tinha razão. A princípio, achou excitante a velocidade do trenó, mas, depois de algum tempo, ficar de pé em meio aos balanços e solavancos sobre o gelo acidentado fez com que seus joelhos ficassem doloridos, e os dedos doíam por estar segurando a borda.

Não poder ver exatamente para onde estavam indo também o deixou nervoso, embora Milla não parecesse preocupada. Ou conseguia enxergar muito melhor do que ele na tênue luz das lanternas ou as Wreskas podiam, e ela confiava nelas.

Mais de uma hora depois, Tal estava quase desmaiando de cansaço. Tinha se abaixado, desistindo de tentar igualar a postura ereta de Milla. Sua sombra-guardiã era o que o sustentava, ainda que não ousasse fazer muito, já que tinha recebido ordens para agir como uma sombra normal, a fim de acalmar os Homens-do-Gelo.

— Vamos parar logo? — perguntou Tal finalmente, quando o cansaço superou o orgulho.

— Sim — disse Milla. — Estamos quase chegando ao Mar Vivo, pelos meus cálculos. Estamos prestes a ver os Selskis. Sim, lá está o brilho.

Apontou com o dedo, enquanto puxava as rédeas para diminuir a velocidade das Wreskas. Tal olhou na direção indicada. A princípio, não via nada, mas quando chegaram mais perto, percebeu que o gelo se inclinava suavemente diante deles. Mais distante e um pouco abaixo deles, havia uma luminosidade fosca que parecia cobrir todo o horizonte à frente.

— O que é aquela luz? — indagou ele.

— Kalakois — respondeu Milla, fazendo um círculo com o polegar e o indicador. — São pequenas... coisas... mais ou menos desse tamanho, que crescem nos Selskis. Brilham e trazem mariposas e slepenishs, que os Selskis comem. Mas os Kalakois também comem os Selskis, quando estes ficam velhos e não conseguem mais retirá-los em quantidade suficiente.

— Hum...O que é um Slurpenesh? — Sendo um Escolhido, Tal ficava aborrecido por ter de fazer essas perguntas sobre coisas que deveriam ser simples, mas era importante saber.

— Sle-pe-nish — corrigiu Milla. — Sempre andam à frente dos Selskis. Eles se deslocam em grandes quantidades, mais ainda que os Selskis. Os Slepenishs surgem através do gelo e, se os Selskis não os comem, voltam para o fluxo d'água embaixo do gelo. Dizem que esses sobreviventes se transformam em algo diferente e originam novos Slepenishs. Não sei se isso é verdade.

— Qual é a aparência deles? — perguntou Tal, nervoso. Não tinha gostado da idéia de coisas que furam o gelo em enormes quantidades.

— Como a corda de uma harpa, mas nunca se vê um deles — explicou Milla. Ela parecia hesitar entre a vontade de tratar Tal como lixo e a de exibir conhecimento. Prevaleceu a vontade de se exibir.

— Eles andam mais juntos e se agitam mais do que flocos de neve numa tempestade. Não são perigosos, mas, assim que surgem através do gelo, eles o enfraquecem. É por isso que nunca atravessamos entre as diferentes hordas do Mar Vivo, mas só nas brechas temporárias. Sempre há buracos no gelo onde os Selskis e os Slepénishs acabaram de se encontrar.

Tal ficou em silêncio durante algum tempo, digerindo essa informação. O trenó continuou mais lentamente, dirigindo-se para o declive no gelo. O brilho ficou mais intenso. Tal olhava nervosamente, entendendo melhor o que os Homens-do-Gelo queriam dizer quando chamavam a rota migratória dos Selskis de Mar Vivo. Com certeza, a luz da passagem deles parecia preencher o mundo à frente.

De repente, Milla puxou forte as rédeas e berrou os nomes das duas líderes:

— Tarah! Rall!

As Wreskas se detiveram, deslizando no solo escorregadio e espalhando lascas de gelo para todos os lados. Milla pegou uma lança da bainha, escolhendo a de maior ponta, um pedaço de osso perversamente afiado, tão longo e comprido quanto o braço de Tal.

— O que é isso? — perguntou Tal, apanhando e erguendo a sua Pedra-do-Sol. Tudo o que podia ver era o brilho ao longe. Mas quando as Wreskas pararam de bufar, ele também escutou um rufar surdo, um som semelhante a muitos tambores distantes. Grave, alto e contínuo.

— Um Selski desgarrado — rosou Milla. Ela pulou para o gelo, e levantou a máscara para enxergar melhor. — Afastado da horda. Temos que fazê-lo recuar de volta.

Tal olhava atentamente na direção indicada por Milla. Havia algo escuro ali sobre o gelo. Ele o tinha confundido com uma colina ou algum tipo de monte de terra ou pedras. Agora percebia que estava se movendo. Avançava na direção deles.

— Aquilo é um Selski? — perguntou espantado.

Devia ter cem trechos de comprimento e vinte de altura. Era quase tão grande quanto o navio dos Homens-do-Gelo, uma colossal massa escura coberta de manchas luminosas que formavam um desenho parecido com uma noite estrelada acima do Vêu. Erguia-se nas patas — ou nadadeiras — dianteiras e em seguida saltava e deslizava para frente. Nesse momento já estava bastante próximo para que Tal ouvisse o gelo estalar e se despedaçar toda vez que a coisa batia no solo. O trenó tremia sob os seus pés.

— Não podemos simplesmente deixá-lo em paz?

— Não — retrucou Milla. — Os desgarrados são um perigo para o navio e para outros clãs. Precisa ser enviado de volta para a horda.

— Você não vai poder fazer nada contra ele usando isso — disse Tal, apontando para a lança. A garota era ainda mais louca do que ele imaginava. Com certeza nada poderia fazer aquele monstro enorme mudar de direção!

— Um verdadeiro arpão seria melhor — concordou Milla, com o mesmo tipo de tom de voz que um Escolhido utilizaria para descrever uma conquista que não fosse inteiramente merecedora de um Raio Anil da Total Aprovação. Pegou sua faca — mais um osso, curvo e afiado — e acrescentou: — Tenho que subir entre um salto e outro e cegá-lo no olho esquerdo. Isso o fará desviar-se.

— Não! — exclamou Tal. Ele não poderia voltar para o Castelo sem Milla. Ela podia ser uma lunática perigosa, mas não podia se dar ao luxo de perdê-la, pelo menos não naquele momento. — E quanto a nossa missão? Não é a coisa mais importante?

Milla hesitou. Pela primeira vez, Tal a viu como uma garota de sua idade. Parecia seus amigos no Lectorium, quando lhe perguntavam alguma coisa que não sabiam responder. Em seguida, o mesmo controle de sempre já tinha voltado, e seu rosto foi tomado novamente pela expressão severa.

— Tem... razão — concordou Milla, com óbvia relutância. Repôs a faca e a lança na bainha, recolocou a máscara no rosto e pulou de volta para o trenó. — A missão é a coisa mais importante. O batedor cuidará do desgarrado.

Tal deu um suspiro de alívio e enfiou a Pedra-do-Sol de volta embaixo das peles. Milla bateu outra vez nas Wreskas com o chicote, mudando um pouco a rota para passar por trás do Selski desgarrado.

— Não precisa ter medo — disse Milla ao se aproximarem. Ela tinha visto Tal tremer quando lascas de gelo voaram sobre eles por causa da estranha maneira do Selski se movimentar. — Um Selski nunca recua. Eles mudam de direção para um lado, mas nunca para trás.

Um pouquinho Homem-do-Gelo, pensou Tal. Através das aberturas de sua máscara, olhou atentamente para Milla. Estava claro que era muito corajosa. Escalar aquele Selski teria lhe custado a vida, mas Tal sabia que ela o teria feito se ele não tivesse lhe dado uma boa razão em contrário. Relutava em admiti-lo, mas não conhecia muitos Escolhidos que morreriam por sua ordem. É claro que viviam de um modo muito mais civilizado...

Milla estava preparada para mudar de direção quando fosse necessário, pensou Tal. E o perigo do Selski tinha passado.

Teria mesmo? Enquanto o trenó prosseguia viagem, Tal percebeu que o contínuo som de tambores estava ficando mais alto — muito, muito mais alto. E a luminosidade que se estendia pelo gelo e pelo céu estava mais intensa e mais próxima.

Também podia ver mais formas gigantescas, saltando e deslizando. Um montão delas. Estava a ponto de dizer alguma coisa, quando, de repente, Milla estalou o chicote e berrou. As Wreskas passaram a correr ainda mais rápido.

O trenó ia a toda. Tal olhou fixamente para o gelo na frente deles, desejando que estivesse mais claro do que estava. À sua esquerda, podia ver uma compacta muralha de Selskis se afastando deles. À sua direita, havia uma enorme massa de Selskis deslizando e saltando em direção a eles, uma muralha quase compacta de animais estranhamente brilhantes, precedidos por uma onda giratória de gelo e neve.

O som de tambores se tornara um rugido grave que encobria todos os demais.

Tinham começado a cruzar o Mar Vivo dos Selskis, mas não lhe parecia ser o lugar ou o momento adequados. Os Selskis avançavam muito próximo a eles, e a brecha entre os dois segmentos da horda estava se fechando.

— Precisamos nos abrigar na rocha! — gritou Milla, suas palavras lutando contra o barulho dos Selskis. Apontou para uma massa escura à frente, que Tal pensara ser outro Selski. Não percebera que não se movia.

Ele não acreditava que conseguissem chegar lá a tempo.

Capítulo 21

A rocha encravada no gelo era apenas tão alta quanto os próprios Selskis e não muito mais larga do que três deles lado a lado. Conhecida pelos Homens-do-Gelo como Divisória 72, era grande o bastante para obrigar os Selskis a passar pelos lados, em vez de tentar saltar por cima dela.

O trenó chegou no abrigo da rocha bem no momento em que o líder Selski caiu com estrondo atrás dele, fechando a brecha. Tal olhou para trás em estado de choque, mal acreditando que tivessem conseguido. Lascas de gelo da aterrissagem do Selski choveram sobre ele, caindo em sua boca aberta.

Continuou a olhar enquanto o gelo se derretia em sua língua. Grandes corpos saltavam e caíam com estrondo, mas de algum modo não se chocavam. Além da luz das lâmpadas do trenó, Tal podia ver os luminosos desenhos dos Kalakois nos enormes animais, uma tapeçaria tecida de luz que pulava e se mexia.

As próprias criaturas não faziam qualquer ruído ou então este se perdia em meio às colisões e ao estrondo de tantos milhares de animais subindo no ar e depois caindo sobre o gelo.

— O que vamos fazer agora? — perguntou por fim. Teve de gritar perto do ouvido de Milla.

— Escalar a Divisória e esperar outra brecha! — Milla berrou em resposta. Ela desceu do trenó e começou a examinar as patas das Wreskas e seus cascos pontudos, à procura de ferimentos.

Tal sentou-se no trenó, puxou seu capuz para que ficasse o mais justo possível e, com os dedos nus, empurrou o tecido para dentro dos ouvidos. Não que ajudasse muito. O ruído provocado pelo estranho modo de andar saltando dos Selskis vibrava através do trenó e de cada osso do seu corpo.

Depois de dez minutos tentando descansar, Tal se deu conta de que o tecido de pele metido no ouvido não estava adiantando. Portanto, fez o que qualquer dos Escolhidos faria nessa situação. Olhou para sua sombra-guardiã e disse:

— Sombra-guardiã, sombra-guardiã, proteja-me do ruído.

A sombra-guardiã, pálida sob a luz da lanterna, simplesmente torceu a sombra da cabeça, num ligeiro movimento lateral. Tal pensou que não tivesse sido ouvido, por causa do barulho dos Selskis, por isso repetiu mais alto sua ordem. Ainda assim, nada aconteceu.

Já estava prestes a gritar, quando Milla pulou de volta para o trenó. Vendo Tal agachado e olhando para a sombra-guardiã, resmungou, apanhando sua faca.

— Nada de mágica com sombras! — berrou ela. — Você foi avisado!

A sombra-guardiã não se moveu. Tinha toda a aparência de uma sombra normal. Tal se ajoelhou e tirou os pedaços de capuz que estavam enfiados em seus ouvidos. Não disse nada, mas Milla relaxou lentamente, deixando sua faca de lado.

— Há uma brecha vindo aí — gritou ela. — Precisamos estar prontos.

Tal não conseguiu ouvir tudo, mas percebeu a palavra “brecha” e entendeu o sentido da frase. Virou-se para ficar de frente e agarrou a borda do trenó. Milla se deslocou para perto dele, cuidadosamente evitando a sombra. Empunhando o chicote, ela o fez estalar ao lado das Wreskas.

Os Selskis ainda saltavam diante deles, sem qualquer sinal de que sua quantidade estivesse diminuindo. O brilho de todos os seus Kalakois não estava menos intenso, e o ruído não era menor.

Tal esperou. Quando não houvesse mais nenhum sinal de Selski à frente, Milla poria o trenó em marcha, pensou ele. E mais uma vez, estariam a caminho do Castelo.

Milla estalou o chicote e gritou para as Wreskas, quando ainda havia Selskis bem diante deles. O trenó começou a se mover, aparentemente em direção a eles. Tal segurou com mais força ainda na borda e gritou “Não!” embora não conseguisse sequer ouvir a própria voz.

Em seguida, já estavam fora do abrigo da Divisória 72, cruzando o gelo rachado e revolvido, pouquíssimos trechos atrás da traseira brilhante e cheia de Kalakois de um Selski. Imediatamente, Tal olhou para a direita, esperando ver um dos enormes monstros em pleno ar, prestes a cair sobre eles.

Mas não havia qualquer Selski, pelo menos por perto.

Milla tinha visto uma brecha do alto da Divisória e percebido o desenho do Kalakoi no último Selski.

A brecha era bem estreita. Mais uma vez, a Garota-do-Gelo gritou com as Wreskas e estalou o chicote sobre suas cabeças. Uma das líderes tropeçou e, por um terrível momento. Tal pensou que o animal ia cair e o trenó acabaria spatifando-se no chão. Mas a Wreska se recuperou e eles ganharam velocidade, prosseguindo através do gelo.

Dessa vez, estava certo de que o Selski iria alcançá-los e esmagá-los. O trenó seria despedaçado no gelo... e eles junto. Pegou a Pedra-do-Sol, embora fosse pequena demais para que ele tivesse muita esperança. Um jato de luz podia fazer um Selski mudar de direção, mas haveria centenas... talvez até milhares atrás daquele.

O trenó atingiu mais pedaços de gelo e balançou para um lado. Tal teve que largar a sua Pedra-do-Sol a fim de segurar a borda com ambas as mãos para não ser atirado para fora. Milla gritou alguma coisa e o agarrou, o aperto em seu braço era tão forte que parecia feito com agulhas de gelo.

O trenó inclinou-se novamente, e uma das lâminas ficou no ar. Milla se jogou para o outro lado, Tal a acompanhou. Por um segundo, parecia que isso seria o bastante, mas havia outra saliência e o trenó foi lançado no ar, tombando para um lado.

De algum modo, Milla conseguiu manter Tal junto a ela à medida que o trenó rangia e virava de lado, não mantendo mais a posição correta, mas escorregando num arco incrível. As Wreskas urraram, estilhaços de gelo voaram para todos os lados. Por um momento, Tal perdeu até a noção de onde era em cima e embaixo. Só conseguiu pensar no ataque do Selski.

Por fim, percebeu que o trenó tinha parado.

Milla o arrastou para fora, empunhando a faca. Tal cambaleou ao seu lado, enquanto ela cortava as rédeas que mantinham as Wreskas atadas aos escombros do trenó. Logo que os tirantes foram arrancados, os animais cornudos fugiram em disparada. Eles também sabiam do perigo dos Selskis.

— Corra! — berrou Milla, e o choque fez Tal agir. Sem se dar conta, tinha estado atordoado. Nesse momento, recobrou os sentidos. Milla estava apanhando a única lanterna intacta do trenó destruído e uma mochila. Os Selskis estavam muito perto, o gelo tremia com a sua aproximação.

Ele começou a correr, mas na direção errada. Milla o empurrou em direção à massa de Selskis que avançava. Tal resistiu, até que se deu conta de que Milla o estava conduzindo não diretamente aos Selskis, mas para um ponto onde terminava a fileira deles. O outro lado do Mar Vivo. Estava tão perto — mas os Selskis também estavam próximos.

Milla já ia adiante, sem qualquer hesitação. Tal aspirou ar frio, sentindo-o queimar no fundo dos pulmões, mas precisava fazer isso para poder seguir em frente. Correu com mais energia do que nunca em toda a sua vida.

À sua frente, Milla tropeçou e se estatelou sobre o gelo. Sem sequer pensar, Tal diminuiu a velocidade e se precipitou para levantá-la. Ela era muito mais pesada do que ele imaginava, mas de algum modo conseguiram ficar juntos de pé e começar a correr, agarrados um ao outro para ajudar no equilíbrio, girando os braços para contrabalançar as deslizadas e os escorregões.

Agora podiam ver com clareza o Selski mais distante, aquele que precisavam ultrapassar para se verem a salvo. Os Kalakois tinham crescido nele, formando um desenho que parecia acrescentar-lhe muitos olhos, brilhando nas cores vermelho, amarelo e laranja, todos aparentemente concentrados nas duas pequeninas figuras que se lançavam à frente do leviatã.

O Selski atingiu o gelo, e a força da sua colisão arremessou fragmentos em todas as direções. Eles caíam rapidamente aos pés de Tal e Milla, cuja corrida tornara-se uma dança louca para tentar não escorregar em uma das fendas que se abriam no gelo, o que certamente os mataria.

As possantes nadadeiras do leviatã se comprimiram de novo sobre o gelo e sua grande massa começou a se erguer. Exatamente no momento em que a criatura se elevava e se lançava para frente, Tal e Milla utilizaram toda a força que ainda lhes restava numa última corrida desesperada que os levou bem para frente da fera. Com surpresa, viram o negro olhar fixo do animal focalizado neles, e a grande boca sempre aberta, com pequeninos dentes que formavam uma espécie de tela para filtrar Slepishs e mariposas.

A criatura elevava-se acima deles. Cada vez mais alto, cobrindo todo o céu. Os dois gritaram e, em seguida, tropeçaram e caíram, deslizando ora de costas, ora de barriga, através do gelo. O Selski saltou novamente, fazendo o rabo descer com estrondo. Tal o viu se abatendo sobre eles e fechou os olhos. Milla também o viu, mas ficou de olhos abertos. Encarar a morte era um princípio para os Homens-do-Gelo.

Mais um trecho e a traseira do animal teria caído sobre eles. Mas veio tanta quantidade de neve e de pedaços de gelo que, por um segundo, Tal pensou que tinha sido atingido e morto. Pouco a pouco, percebeu que ainda estava vivo.

Milla o ajudou a se levantar e foram se afastando, cambaleantes, conduzidos pela Garota-do-Gelo. Os Selskis continuaram a se movimentar com estrondo nas imediações, mas nenhum deles chegou tão perto.

Só depois de meia hora de caminhada, quando já estavam bem distantes, conseguiram falar, e Milla achou que estavam a salvo dos Selskis que pudessem estar nas extremidades da horda. Sentou-se em cima da mochila. Tal também se sentou, confiando que as grossas peles protegeriam suas nádegas do frio por um tempo.

— Atravessamos o Mar Vivo — exclamou Milla orgulhosa, quase para si mesma. Não parecia de modo algum preocupada com a perda do trenó e das Wreskas, que tinham desaparecido na noite eterna. Algo em sua voz fez com que Tal lhe fizesse uma pergunta.

— Você já tinha atravessado antes?

— Não.

Milla tirou a máscara e sorriu, ainda que não particularmente para Tal.

— Só atravessamos o Mar Vivo em caso de extrema necessidade. Vão compor odes sobre a nossa travessia, quando eu retornar.

— Que ótimo — disse Tal com amargura. — Pensei que vocês fizessem isso o tempo todo. Nunca teria concordado...

Parou de falar quando viu que Milla não estava nem ouvindo. Ela era completamente louca, como todos os Homens-do-Gelo. Quanto mais rápido chegasse ao Castelo melhor. Nem mesmo o tio Ebbitt era tão maluco quanto Milla.

Ele olhou para a escuridão. A insignificante luz das mariposas na lanterna mal lhe permitia ver o rosto de Milla, e sua sombra-guardiã estava quase invisível. Além disso, só havia o mais completo breu. Mais uma vez, Tal teve de lutar contra o desejo de erguer a sua Pedra-do-Sol e invocar toda a luz que pudesse.

Podia haver qualquer coisa lá fora, à espreita no escuro.

— Pode descansar um pouco. Depois, continuaremos — disse Milla. — Ficarei de vigia. Vamos levar mais tempo sem o trenó.

— É óbvio — resmungou Tal. Já sentia o frio do gelo penetrando através das peles. Como iria descansar? Mas, de uma maneira ou de outra, acabou caindo no sono. Quando acordou, sentindo-se gelado e entorpecido, Milla preparava a comida. Tinha posto um prato de osso no gelo, depois de enchê-lo de um óleo qualquer. Sobre ele friccionava dois pedacinhos de um metal fosco para produzir faíscas. Depois de algumas tentativas, o óleo pegou fogo. Em seguida, Milla apanhou uma chapa de osso na mochila, colocou-a sobre o óleo em chamas e, por cima dela pôs uma pequena panela. Pelo cheiro, Tal sabia que ela estava cozinhando carne de Selski.

— Como se caçam Selskis? — perguntou, enquanto se levantava, esfregando as mãos e batendo os pés no chão para reativar a circulação. Em torno de seu peito, pescoço e rosto, o ar era surpreendentemente tépido, e sua Pedra-do-Sol parecia estar quase quente contra o seu

corpo. Durante o sono, devia ter recorrido inconscientemente ao seu poder. — Eles parecem grandes e perigosos demais.

— Pegamos os velhos e os vagarosos — retrucou Milla. — Nas margens do Mar Vivo. Os que os Kalakos começaram a comer. Mesmo assim é perigoso, e, às vezes, são necessários vinte ou trinta caçadores e muitos e muitos trechos para deter um deles.

— E aí, o que acontece? — perguntou Tal. Tudo era tão estranho e misterioso nesse mundo fora do Castelo. Um mundo que nenhum dos Escolhidos conhecia. Ou, pelo menos, Tal pensava que assim fosse. Com certeza, teria ouvido falar dos Homens-do-Gelo, dos Selskis e do Merwin.

— Eles morrem — respondeu Milla, dando de ombros. — Se os Selskis param, morrem. Tome, coma primeiro.

— Vamos comer com a mesma colher? — perguntou Tal enojado. Ela era muito grosseira!

— Se preferir, pode morrer de fome — rosnou Milla. Tal vislumbrou um pouco do velho ódio surgir de novo em seus olhos. Mas ela logo desviou o olhar e, com a colher, começou a se servir de nacos de carne de Selski cozida.

Quando já estava no meio da refeição, a fome superou as objeções de Tal, que foi se aproximando da panela. Sem dizer nada, Milla lhe passou a colher.

Aquilo marcou como seriam as coisas nos sete dias seguintes — ou, pelo menos, no que Tal pensou serem sete dias. No Castelo, ele se situava no tempo por intermédio de sua Pedra-do-Sol, mas isso só para as horas. Às vezes, perdia a noção dos dias.

Seja como for, os dias eram todos iguais. Andavam e andavam e andavam, algumas vezes subindo morros de gelo, outras vezes descendo por caminhos íngremes ou caminhando por trilhas planas. Milla quase não falava, a não ser para dar ordens a Tal. De tempos em tempos, paravam para comer, para descansar em turnos ou para ir ao banheiro. E isso era bastante perigoso no frio e no escuro.

Com apenas a lanterna, Tal precisava utilizar sua Pedra-do-Sol para conseguir um calor extra e manter suas partes mais íntimas aquecidas quando se afastava um pouco para fazer suas necessidades. Ele não sabia como Milla se arranjava. Provavelmente, os Homens-do-Gelo tinham os seus métodos.

Estava justamente voltando de uma dessas excursões quando Milla veio correndo em sua direção, com a lâmpada-mariposa quase toda fechada, de modo que só havia luz à sua frente.

— Esconda a luz! — ordenou Milla, puxando o braço de Tal para fazê-lo se agachar.

Rapidamente Tal se concentrou na Pedra-do-Sol, apagou a luz e pôs a corrente de volta sob o casaco.

— Que aconteceu? — sussurrou ele.

— Um Merwin — respondeu Milla num sussurro. — E dos grandes. Estava em nosso encaço, mas joguei carne de Selski para atraí-lo e tirá-lo de nosso rastro. Temos que sair daqui o mais silenciosamente possível, e com muito pouca luz.

Tal se lembrou de Milla no navio, contando-lhe sobre o Merwin. Aquilo parecia ter acontecido há anos.

— Segure no meu cinto — murmurou Milla. Tal o agarrou e começaram lentamente a se afastar bem devagar. Milla girou a manivela na base da lanterna, diminuindo ainda mais a silensidade da luz. Ele mal conseguia enxergar, mas agora isso o incomodava bem menos do que

uns poucos dias antes. Estava se acostumando com a escuridão.

E tinha de admitir que, de certo modo, já estava se acostumando com Milla. Era óbvio que ela tinha levado a sério o ritual de sangue e daria o melhor de si para levá-lo a salvo até o Castelo. Era um enorme progresso em relação à época em que só queria matá-lo. Não que ela fosse mais do que a descendente de um Povo Inferior fugitivo, ou coisa parecida. De repente, Milla se deteve. Tal quase esbarrou nela. Ficaram ali, silenciosos, no escuro. Podiam ouvir a respiração um do outro, rajadas geladas que passavam através das máscaras, mesmo quando tentavam ficar paralisados.

Tal podia perceber que Milla encarava fixamente alguma coisa, mas estava escuro demais para ver em que direção ela estava olhando. Lentamente, olhou em volta, à procura de qualquer coisa que sobressaísse no escuro.

Quando conseguiu ver algo, levou um segundo para atinar o que seria. Um feixe de luz, longo e fino, de incrível brilho, que parecia se mover por si mesmo, vagarosamente, vagueando de um lado para outro.

O chifre de um Merwin.

Capítulo 23

O chifre brilhante, três vezes maior do que Tal, vinha se aproximando lentamente, chegando cada vez mais perto. O garoto não viu, mas sentiu que Milla pegava sua faca. As lanças tinham se quebrado quando o trenó capotou.

Um pedaço curto de osso afiado não parecia uma arma muito eficaz contra uma fera predadora, com um chifre tão grande que podia atravessá-los de um lado a outro e ainda deixar um bom pedaço de fora.

Bem devagarinho, tentando se movimentar do modo mais discreto possível, Tal enfiou a mão no casaco e começou a retirar a sua Pedra-do-Sol.

Já estava com metade dela para fora quando o Merwin finalmente descobriu onde eles estavam. Um terrível guincho sibilante encheu o ar, e, de repente, o luminoso chifre projetou-se para frente.

Milla gritou algo e afastou Tal. Ela também correu, mas para a frente, em direção ao Merwin. Nesse momento, Tal podia vê-lo com nitidez, iluminado por seu próprio chifre terrível.

A imagem que viu ficaria gravada para sempre em sua mente.

O Merwin era ainda maior do que Milla tinha descrito — pelo menos vinte trechos de comprimento. Parecia uma Cobrakral do jogo de Criaferas, esguio e musculoso. A diferença é que, em lugar de patas, possuía quatro nadadeiras compridas, com garras, e uma pele negra brilhante em vez de escamas. Tinha apenas um olho — um enorme olho dourado, comprido e estreito, com uma pálpebra que ficava o tempo todo piscando. O outro lado da estreita cabeça exibiu uma órbita ocular vazia e cheia de cicatrizes, visivelmente um antigo ferimento.

O chifre saía de uma ponta de osso entre os olhos do Merwin. Abaixo dele ficava a boca da criatura, que, com seus muitos dentes brilhantes, poderia engolir Tal de uma só vez.

Quando Milla investiu contra ele, o terrível chifre atacou. Foi direto para a Garota-do-Gelo e, por um instante, Tal pensou que iria atravessá-la.

Mas ela se esquivou e quase escapou. O Merwin virou a cabeça com rapidez, e a brutal ponta afiada do chifre atingiu o peito de Milla, atirando-a no gelo com força. Ela não se levantou.

O Merwin hesitou. Começou a se mover em direção ao corpo inerte da garota, o chifre raspando o gelo. Mais uma vez, as palavras de Milla ecoaram em sua mente, "...eles enfiam o chifre em suas presas e, em seguida, as despedaçam contra o gelo..."

O Merwin inclinou-se para trás, com o intuito de atacar a garota indefesa.

— Não! — berrou Tal. E avançou correndo, erguendo sua Pedra-do-Sol.

Mais rápido do que seus olhos podiam acompanhar o Merwin mudou de alvo. Arremeteu para frente esticando o corpo, com o chifre luminoso indo direto na direção do garoto. Ele se jogou para o lado e teria caído, mas a sombra-guardiã estava lá para ampará-lo. De algum modo, também conseguiu manter sua Pedra-do-Sol apontada para o olho dourado da criatura.

Tal sabia que só teria tempo para um único jato de luz, antes que o afiado chifre atacasse de novo. Concentrou o pensamento na Pedra-do-Sol, recorrendo a todas as partículas de poder que ela possuía — e descarregou-as sobre o Merwin.

O clarão foi tão intenso que Tal ficou ofuscado. O Merwin guinchou, um terrível som agudo que dava a impressão de estar perto demais, mas o garoto não sabia se tinha apenas incomodado

o animal ou queimado seu único olho remanescente.

Ele se amaldiçoou por ter sido tão estúpido e não ter fechado os próprios olhos. Podia ouvir o Merwin se debatendo à sua volta e imaginar o chifre dando estocadas em sua direção. Começou a correr mas logo se deteve, desorientado. Talvez estivesse correndo na direção do Merwin!

— Sombra-guardiã! — chamou ele, estendendo a mão. Algo macio e latejante tocou seus dedos e o puxou bruscamente para o lado. Tal caiu e sentiu uma lufada de ar, como se algo tivesse passado por ele, seguido imediatamente pelo som do chifre do Merwin atingindo o gelo.

A fera ainda podia ver, ou seus outros sentidos eram tão bons que puderam localizá-lo. Tal rolou para o lado e logo se pôs a engatinhar, quando a sombra-guardiã o puxou pela mão. Pouco a pouco, recobrava a visão, a escuridão se tornava uma mistura de bolhas flutuantes e luz embaçada.

O Merwin atacou de novo. O chifre arranhava o gelo perto dos pés de Tal. O menino se virou para encará-lo, a visão já ficando clara. A criatura estava cega, pelo menos temporariamente, o olho dourado estava fechado e lacrimejava. Mas ainda podia ouvir, sentir seu cheiro ou seu calor, pois a cabeça e o chifre estavam apontados diretamente para ele.

Acabaria por agarrá-lo, a não ser que Tal tomasse a iniciativa de fazer algo. Mas a sua Pedra-do-Sol tinha se consumido, estava completamente gasta, e sua sombra-guardiã não podia enfrentar um ser como aquele.

Mesmo que conseguisse escapar, estaria perdido no escuro sem qualquer espécie de luz. Sem luz, sua sombra-guardiã se dissiparia. E sem a sombra-guardiã, não haveria jeito de encontrar o Castelo.

Talvez pudesse pegar a lanterna e a faca de Milla. Tal começou a se mover cautelosamente, em direção à tênue luz verde do lugar onde Milla tinha caído. Ficou surpreso ao ver que sua fuga do Merwin às cegas o tinha afastado tanto dela.

Ficou ainda mais surpreso quando, de repente, Milla pulou da escuridão sobre o pescoço do Merwin. Envolveu as pernas ao redor dele, juntou os calcanhares com firmeza e cravou seu punhal bem fundo na cabeça da criatura.

O Merwin guinchou e empinou-se, o chifre brilhante apontando diretamente para o céu. Milla o golpeou de novo, e a fera reagiu, lançando a cabeça com violência para baixo, comprimindo as pernas dela sobre o gelo. Mas ela continuou agarrada a ele e o apunhalou seguidamente, apesar do Merwin se contorcer, debatendo-se desesperadamente contra o gelo.

Por fim, a criatura parou de se mover, e a luz de seu chifre começou a se apagar. Milla se soltou e afastou-se um pouco dali, rastejando. Tal podia ver o sangue no casaco de peles da garota e vestígios dos líquidos orgânicos do Merwin sobre o gelo.

Engoliu em seco. Tinha ficado hipnotizado enquanto Milla lutava contra a criatura. Nesse momento, correu até ela.

Milla estava deitada de costas. O capuz tinha caído e a máscara não estava à vista. Enquanto a luz do Merwin se apagava, Tal viu que seu rosto estava cada vez mais pálido e seus lábios estavam ficando roxos. Toda a frente do casaco estava em frangalhos e as perneiras de pele rasgadas em muitos lugares. Enquanto observava, começou a aparecer um filete de sangue embaixo dela. Sangue vermelho-escuro, não a substância azul do Merwin.

— Estou morrendo — disse Milla, com uma voz suave. Desajeitadamente, ela esfregou o pulso sobre o peito e o ergueu, sangrando, para Tal. — Por este sangue que nós compartilhamos,

sangue do clã, osso do navio, a missão precisa....

Sua voz se extinguiu e ela pareceu ver algo que a deixou confusa. Franzindo a testa, fechou os olhos lentamente.

Por um momento. Tal pensou que estava morta. Mas quando se ajoelhou ao seu lado, constatou que continuava respirando, ainda que debilmente.

Com todo cuidado, começou a tirar as roupas de pele rasgadas. Teve que fazer um esforço para respirar devagar e fundo quando viu a ferida que se estendia pelo lado esquerdo da garota. Depois de vê-la, ficou sem saber o que fazer. Sua Pedra-do-Sol estava morta, e, mesmo que não estivesse, ele não tinha o conhecimento necessário para utilizá-la numa cura.

Nesse instante, sentiu um toque macio no braço. Sua sombra-guardiã puxava o seu pulso, aquele marcado com os três cortes dos Homens-do-Gelo.

Tal encarou a sua sombra-guardiã. Ela tentava lhe dizer alguma coisa. Tinha assumido uma forma que não reconhecia. Alguma coisa humana.

Então, compreendeu. A sombra-guardiã tinha assumido a forma da sombra de Milla. Dizia-lhe que, como a garota tinha um pouco do sangue dele, poderia ajudá-la. Bastava que Tal lhe desse a ordem para fazê-lo.

— Sombra-guardiã, sombra-guardiã — exclamou ele. — Faça com que as feridas de Milla parem de sangrar...

Antes que pudesse terminar, a sombra-guardiã fluiu até Milla. A maior parte dela aderiu às suas costelas, mas finos tentáculos escuros se desdobraram até as pernas e ao longo do seu braço esquerdo. Em todo lugar que tocava, o sangramento parava.

Tal cobriu Milla e a sombra-guardiã com as peles da garota. Recuperou a mochila e a lanterna. Demorou um pouco para descobrir como abri-la novamente, e, depois, sentou-se perto de Milla. A sombra-guardiã precisaria de toda luz que pudesse conseguir.

Mesmo depois que o sangue tinha estancado, Tal não podia garantir que Milla sobrevivesse. Pensando bem, nem sabia ao certo se queria isso. Na verdade, ela salvara sua vida, mas agora estava de posse da lanterna e da mochila. Estaria em melhor situação se fosse direto para o Castelo. Definitivamente, não queria se preocupar em conseguir uma Pedra-do-Sol para ela também.

Ela não fazia parte de sua família, não era sua amiga ou coisa parecida.

“O que os meus pais iriam dizer?”, pensou Tal, de repente. O que seu pai faria se estivesse lá? Ou sua mãe, se estivesse bem?

Eles não abandonariam a garota. Só alguém como o Mestre-das-Sombras Sushin faria uma coisa dessas, e Tal não queria ser como ele.

Suspirou e abriu a mochila. Primeiro, retirou uma pele de dormir, com que envolveu cuidadosamente a garota inconsciente, puxando-a para cima, de modo que a pele ficasse entre as costas dela e o gelo. A seguir, arrumou o queimador e começou a esquentar um pouco de caldo de Selski. Imaginava que Milla precisaria de algo quente quando voltasse a si.

— O que está acontecendo comigo? — perguntou para a carcaça morta do Merwin enquanto o caldo borbulhava. — Sou Tal Graile-Rerem, dos Escolhidos. Não tinha nada que estar sentado aqui, no meio do nada, tomando conta de uma... uma Garota-do-Gelo maluca. Devia estar em casa, com uma nova Pedra-do-Sol, preparando-me para o Dia da Ascensão. O Merwin morto

não respondeu. Mas outra pessoa o fez.

Capítulo 24

— E onde é exatamente a sua casa? — indagou uma voz saída da escuridão, pouco além do agora infimo brilho do chifre do Merwin. Uma voz de mulher que soava bem parecida com a da Matriarca do Clã dos Caçadores.

Tal deu um salto e, às apalpadelas, começou freneticamente a procurar a faca de Milla. Quando conseguiu encontrá-la e a empunhou, a pessoa que tinha falado já estava ao seu lado, apontando uma lança para o seu pescoço.

— Não estava sozinha.

Um círculo de Homens-do-Gelo estava à volta de Tal, de Milla e do Merwin morto. Havia pelo menos doze deles, e todos armados de lanças, como se Tal fosse uma criatura tão perigosa quanto a que Milla tinha matado.

O garoto não tinha ouvido eles se aproximarem. Era como se tivessem sido trazidos pelo vento ou brotado do gelo.

Vestiam peles de cores mais variadas do que as do Clã dos Caçadores, e suas máscaras eram ornamentadas com linhas sinuosas que brilhavam como os Kalakois sobre os Selskis. Era evidente que pertenciam a um clã diferente. Tal esperava que matar um Merwin não fosse considerado invasão dos seus territórios de caça. Mas lembrou-se de que Milla tinha tentado matá-lo só por estar lá...

— Sou um Escolhido do Castelo — disse lentamente. — Mas estou numa missão com Milla, do Clã dos Caçadores. Estou comprometido com o clã e com o navio. Olhe!

Ergueu o pulso e arregaçou a manga para mostrar as marcas.

— Você não tem sombra — observou a mulher que tinha falado. — Onde está ela?

— Ajudando Milla — disse Tal ansioso. Agora que sabia o que eram de fato os Homens-do-Gelo, não queria lhes dar um pretexto para matá-lo. — O Merwin a feriu. Minha sombra acaba de estancar o sangramento. É só isso.

A mulher olhou para Milla e puxou a pele para o lado. Ainda mantinha a lança apontada para o garoto.

— Conte-me como chegou aqui vindo do Castelo, e como conheceu os Caçadores — ordenou a mulher.

Tal lhe contou, as palavras praticamente escapando de sua boca. Esse grupo de Homens-do-Gelo era ainda mais assustador do que Milla. Os que estavam à sua volta continuavam imóveis, de pé, com suas afiadas lanças cintilando.

Enquanto contava sua história, olhou de soslaio para os Homens-do-Gelo. Não apenas suas peles e máscaras eram diferentes das dos Caçadores, mas percebeu que todos usavam roupas exatamente iguais, nada semelhantes aos Homens-do-Gelo que tinha conhecido até então. Estava quase chegando na parte em que o Merwin tinha aparecido, quando, de repente, se deu conta de que, na verdade, estava cercado por Donzelas Guerreiras, da irmandade a que Milla queria se incorporar. Eram como umas tantas Millas já adultas, o que era uma idéia bastante assustadora.

Tal terminou a história. A primeira mulher ficou em silêncio, sua figura imponente erguendo-se diante dele. Começou a levantar a lança, e o garoto engoliu em seco. Não era possível que tivesse conseguido chegar até ali só para ser atacado por uma Donzela Guerreira louca que não

tinha acreditado em sua história!

— Breg, Libbe, Umen, cuidem da garota — determinou a mulher. — Você, Tal, virá conosco.

— Para onde? — perguntou o garoto. — E... se importa se eu perguntar quem são vocês?

— Sou Arla, Donzela Guerreira — respondeu a mulher. — Somos Donzelas Guerreiras, atualmente a serviço da Matriarca Mãe da Montanha da Luz.

— A Montanha da Luz? — indagou o garoto, ansioso. Era assim que a Matriarca dos Caçadores tinha chamado a montanha sobre a qual o Castelo fora construído. — Estamos próximos de lá?

— Três dormidas — retrucou Arla. — Em breve você a verá no céu.

— Vou para casa! — exclamou Tal. Levantou-se de um salto, mas se deteve quando várias Donzelas Guerreiras lhe apontaram as lanças.

— Você é um prisioneiro. Vamos levá-lo até nossa Matriarca para ser julgado — explicou Arla. — É proibido subir a Montanha da Luz, e não sei se você falou a verdade. Se você ou a sua sombra tentarem fugir ou fazer mágica, serão mortos. Fui clara?

— Sim — respondeu Tal. De repente, sentiu-se muito cansado. Toda vez que parecia poder voltar para o Castelo sem mais dificuldades, acontecia algo.

— Temos um trenó — disse Arla. — Pode viajar nele com a sua companheira de clã, Milla.

Tal guardou muito poucas lembranças da viagem até o quartel-general das Donzelas Guerreiras no sopé da Montanha da Luz. O trenó delas era muito maior do que o de Milla, puxado por doze Wreskas. Mas era destinado a carga, por isso era mais lento e desconfortável. Tal e Milla ficaram apertados entre sacos de pele de Selski contendo algo com cheiro de podre.

Milla só tinha alguns breves momentos de consciência e dizia pouca coisa que fizesse sentido. Tal também não estava muito certo de ter passado a maior parte de viagem consciente. Durante quase todo o trajeto, dormiu ou ficou num estado de sonolência, e seus sonhos se confundiam com os acontecimentos recentes. Era perseguido por Sharrakor, que virava um Merwin de um olho só. Escalava um mastro e encontrava seu pai e Ebbitt empoleirados lá, bebendo água-doce.

Repetidas vezes, sonhou com a queda da Torre Vermelha e com Pedras-do-Sol. Pedras-do-Sol caindo ao seu redor, mas fora de alcance.

De uma coisa lembrou com exatidão e sabia que não era um sonho: a primeira visão daquilo que os Homens-do-Gelo chamavam de Montanha da Luz.

Despertado por uma estranha cantoria, tinha dado uma olhada para a lateral do trenó e visto todas as Donzelas Guerreiras alinhadas, voltadas para uma só direção, cantando juntas algo suave. Acompanhou seus olhares e descobriu o motivo.

O Castelo. Longe, bem longe, e lá no alto, mas como uma flor de luz no céu, com milhares de pétalas brilhantes. Parecia estar flutuando, pois a montanha ficava invisível na escuridão abaixo.

Lar, pensou Tal. Lar.

Agora que podia vê-lo, sabia que retornaria. A Matriarca das Donzelas Guerreiras constataria que ele tinha dito a verdade, como a outra do navio. Permitiria que continuasse a sua missão. Tinha que permitir.

Olhou para Milla, que ainda estava deitada entre os sacos. Sua sombra-guardiã tinha sido

substituída por bandagens e cataplasmas feitas com ervas e cremes que ele não conhecia.

A mão dela estava para fora das peles, os três cortes no pulso bem visíveis. Tal olhou para seu próprio pulso, os cortes estavam quase cicatrizados, bastante claros sob a luz verde das lâmpadas-mariposas.

A seguir, olhou para a sombra dela. Não parecia ser a mesma sombra natural do Povo Inferior. Tal concluiu que os Homens-do-Gelo eram diferentes. Não eram Escolhidos, mas certamente não eram criados.

— Vou levá-la até o Castelo — falou Tal. Abaixou-se e tocou o pulso de Milla com o seu. — E nós dois vamos conseguir Pedras-do-Sol.

Mal acabou de falar, a mão de Milla agarrou-o pelo pescoço, e a garota ficou olhando para ele, com uma expressão selvagem e exaltada. Apesar de seu estado de fraqueza, ele mal conseguiu torcer-lhe o pulso livre e cambalear para o outro lado do trenó.

— Por que não morre? — perguntou ela. Balançou a cabeça de um lado para o outro e desfaleceu sobre as peles.

— Estamos a caminho do Castelo — murmurou Tal, massageando o pescoço. Desejava não ter dito coisa alguma, pois já pensava em mudar de idéia sobre levar Milla com ele.

Não conseguia acreditar que tinha percorrido distâncias tão grandes. Apesar dos belicosos Homens-do-Gelo, dos Espíritos-Sombra hostis, de um gigantesco Merwin e do frio de rachar, ele tinha conseguido atravessar aquelas terras desconhecidas. Será que ainda era o mesmo garoto que passara a vida toda no Castelo — sem saber o que existia do lado de fora?

Não, ele não era o mesmo. Nunca mais seria o mesmo.

É claro que, depois de convencer a Matriarca a deixá-los livres, ainda precisariam escalar a montanha. E aí teriam que descobrir como entrar no próprio Castelo. Já que nunca tinha saído dele antes — pelo menos não por terra — Tal não tinha a menor idéia de como fazer isso.

Tudo o que sabia era que iria fazê-lo, de uma maneira ou de outra.

Estava indo para casa.

FIM.

SOBRE O AUTOR

Garth Nix nasceu em 1963 e cresceu em Camberra, Austrália. Ganhou o prêmio Aurealis de Excelência em Ficção Científica Australiana pelo romance Sabriel. Seu romance Shade's Children foi indicado para o prêmio ALA de Melhor Livro para Adultos Jovens e para o Mais Vendido da ABA. Também é autor de The Ragwitch e de Lirael. Atualmente vive em Sydney, Austrália.